

Diário de Lisboa



FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 1974 N.º 18425 — ANO 54.º — PREÇO 25\$00

“LEI DE EMERGÊNCIA”

Entra já em vigor o decreto-lei que determina a requisição de matérias-primas, produtos ou mercadorias

No último Conselho de Ministros foi elaborado um decreto-lei que, segundo o texto distribuído ao princípio da tarde aos órgãos da Informação, é considerado «lei de emergência». Trata-se do decreto que permite ao Governo, por despacho do ministro da Agricultura e do Comércio «ordenar a requisição de matérias-primas, produtos ou mercadorias».

Lê-se no preâmbulo que o «Governo tem vindo a acompanhar, com preocupação, algumas deficiências no mercado interno de alguns bens essenciais ao consumo ou às actividades produtivas — e a procurar, pelas mais diversas formas, minorar dificuldades que em larga medida são o reflexo inevitável de perturbações que, sob aspectos multiformes,

ocorreram e persistem nos mercados mundiais.

«O atento exame da situação, a que se procedeu e continuará a proceder em contacto directo com as organizações e empresas dos sectores afectados, leva no entanto a presumir que às perturbações exteriores, repercutidas na economia nacional, se acrescentem actuações irregu-

lares no ciclo fabril e comercial dos produtos, em parte responsáveis pelas deficiências verificadas no abastecimento público.

«O aturado esforço de persuasão a que a Administração se não furtou, na esperança de levar os agentes económicos em causa à adopção de comportamentos mais conformes ao interesse colectivo não se tem mostrado suficiente para eliminar dificuldades que se admite resultarem, em medida significativa, de indevidas retenções dos produtos.

«A esta luz e sem prejuízo das actuações a desencadear, sem desfalecimento, ao abrigo da legislação vigente, contra

os responsáveis pela prática dos crimes de especulação e açambarcamento, considera o Governo conveniente dispor da possibilidade legal de requisitar às empresas industriais, aos armazenistas e retalhistas, as matérias-primas, os produtos ou mercadorias em seu poder que, contrariamente às necessidades do abastecimento público, não sejam com regularidade postas no mercado à disposição dos utilizadores ou consumidores».

EFEITOS DA REQUISIÇÃO

Uma leitura resumida dos artigos mostra que essa «requisição

Continua na pag. 4

TELEFONES:

Aumenta o preço do aluguer e da instalação

Para além do aumento verificado nas tarifas das chamadas telefónicas, conforme estabeleceu uma recente portaria publicada no «Diário de Governo», também as taxas de instalação dos telefones em casa dos assinantes e o aluguer mensal do aparelho vão ser alvo de uma actualização (aumento) conforme constava há já algum tempo.

Contactado telefonicamente um funcionário superior dos T. L. P., dr. Melo Portugal este afirmou que realmente aquelas taxas iam ser motivo de uma actualização, não podendo, no entanto, precisar quais as quantias estabelecidas e que isso seria motivo de um despacho do Ministério das Co-

municações a publicar, ainda esta semana, no «Diário do Governo». Acrescentou, entretanto, que o novo aluguer passaria a vigorar a partir de Maio e a taxa de instalação desde o momento em que o despacho fosse publicado.

32 páginas incluindo Suplemento Literário

SE MITTERRAND VENCER

“O Partido Comunista não procurará o domínio no Governo”

PARIS, 11 (R. e UPI-ANI) — Se o candidato da coligação de esquerda vencer as eleições presidenciais de 5 de Maio, o Partido Comunista não procurará um papel de domínio no Governo — de acordo com o secretário-geral do Partido.

«Se a esquerda vencer, o nosso problema será formar um Governo de homens habilitados a pôr em vigor o programa que apresentámos ao país», declarou Georges Marchais, numa entrevista à Rádio.

«O Partido Comunista Francês — acrescentou — já disse que não fará excessivas exigências. Não procura um papel de domínio».

Um inquérito à opinião pública aparecido hoje no diário «Le Figaro» concede ao candidato da esquerda, François Mitterrand, secretário-geral do Partido Socialista, 36 por cento dos votos na primeira volta das eleições, contra 27 e 26 por cento aos dois contendores da maioria gaullista.

Na mesma sondagem, o ministro das Finanças, Valéry Giscard d'Estaing supera o primeiro-ministro, Jacques Chaban-Delmas, por 27 contra 26 por cento. Os restantes 11 por

cento foram divididos entre os candidatos de menores possibilidades.

Giscard d'Estaing, entretanto, obteve o apoio declarado do Centro Democrático e do Centro Nacional de Partidos Independentes. A divulgação foi feita pelo dirigente político moderado Jean Lecanuet senador, que nas eleições presidenciais de 1965 ficou em terceiro lugar, obtendo 3,7 milhões de

votos, ou 16 por cento do total.

Ao anunciar o apoio ao ministro das Finanças, explicou Lecanuet:

«A esquerda é uma ameaça porque pode levar os comunistas ao Poder».

Entretanto, agora que as posições começam a ficar mais bem definidas, os candidatos iniciam a sua campanha eleitoral, procurando fazer chegar ao público a sua linha política.

Quatro acidentes ferroviários (três mortos e dois feridos)

Reboleira: junto da linha, com o neto pela mão, passeava Silvina Ferreira, de 74 anos. Surge o comboio, procedente da estação do Rossio, e, devido à deslocação do ar, ambos vão parar aos carris, onde morrem trucidados.

Quinze minutos antes, e a cerca de quatrocentos metros de distância, um jovem de 17 anos, Jorge Silva, foi também colhido por um comboio na estação da Amadora, ficando gravemente ferido. Está internado,

em estado melindroso, no Hospital de S. José.

Também em Coimbra se registou um acidente mortal na via férrea. Melhor: numa passagem de nível sem guarda. Efectivamente, quando, no lugar de Vendas de Ceira, atravessava o balastro, foi colhido por uma automotora, vinda da Lousã, o servente de pedreiro Silvino Francisco, de 42 anos. Deixa três filhos menores.

Finalmente, em Runa (Torres Vedras), foi igualmente colhido por um comboio, encontrando-se internado em estado grave no Hospital de S. José, o trabalhador Ivo Francisco, de 35 anos.

Terceiro filho do Aga Khan

PARIS, 11 (F.P.) — A Begum Aga Khan deu ontem à luz em Genebra o seu terceiro filho, a quem foi dado o nome de Hussein.

Mãe e filho estão ambos de excelente saúde.

O Aga Khan e a Begum casaram-se em 1969. Os seus primeiros filhos são a princesa Zahra e o príncipe Rahim.

A SITUAÇÃO EM NAMPULA

LOURENÇO MARQUES, 11 — Segundo informações chegadas de Nampula, grande multidão esteve ontem reunida, desde manhã cedo, em frente do Palácio do Governo do distrito, manifestando-se contra a presença de cinco sacerdotes combonianos e um secular.

Desde anteontem que a população daquela cidade se tem mostrado excitada, e na manhã de ontem veio para a rua.

Os habitantes de Nampula percorreram as ruas da cidade,

fazendo soar consecutivamente as buzinas dos seus carros.

Os padres que motivam as presentes reacções populares são os italianos Severino Peano, Ernesto Calderola, João Zani, Cornelio Prandina e Vicente Capra, todos da Congregação Comboniana, e o português Rogério Artur de Sousa, secular.

Os acontecimentos começaram anteontem, com o apeijramento da missão de São Pedro, nos arredores da cidade.

Continua na pag. 24

ATAQUE EM ISRAEL

Um “comando suicida” causou dez mortos

TELAVIVE, 11 (R) — Violenta explosão abalou o edifício onde se encontravam entrancheados guerrilheiros palestinos na povoação israelita de Kiryat Shmone e as forças de segurança encontraram no interior, os corpos de três homens.

Aparentemente os comandos suicidas provocaram a explosão quando se viram completamente cercados e com as munições esgotadas.

Fontes militares disseram que o ataque a Kiryat Shmone causou ao todo dez mortos e 14 feridos, entre civis e militares.

Golda Meir apresenta hoje a demissão

O primeiro-ministro Golda Meir vai apresentar hoje oficialmente a sua demissão e a do seu gabinete ao presidente Katzir, deixando Israel a braços com uma grave crise política. A saída de Golda Meir levanta sérias interrogações quanto ao futuro das negociações de paz com a Síria e à separação de forças nos Montes Golan. Representa também o virar de uma página na política de Israel, isto é, a transição da velha guarda que fundou o Estado israelita para uma geração nova e com ideias diferentes (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)



DL/NACIONAL

IMPORTADORES DE MATERIAL ELECTRÔNICO

Na reunião da 17.ª Secção de Actividade do Sindicato dos Profissionais de Escritório — «Comércio de Máquinas e Aparelhagem Eléctrica» — ontem efectuada, foram debatidos assuntos relacionados com o CCT para os Importadores de Material Electrónico, presentemente numa fase de arbitragem, e ainda a revisão da tabela salarial do CCT de Ferros, Ferragens, Máquinas e Acessórios.

Relativamente ao primeiro,

um dos sócios presentes lamentou que a proposta do contrato tivesse sido apresentada ao Grémio e estivesse presentemente na fase final sem que até agora os sócios tivessem conhecimento das cláusulas em discussão.

A Comissão Directiva argumentou, quanto a este problema, que tal se devia, em grande parte, a deficiências internas do Sindicato, nomeadamente por parte da Direcção, tanto mais

que esta a partir do dia um destes proibiu toda e qualquer informação aos trabalhadores que fosse afixada nas paredes da sede do Sindicato.

A reunião decorreu até final com os trabalhadores presentes procurando informar-se das regalias apresentadas na proposta sindical e qual a resposta do Grémio.

TERAPEUTICA DE "SHOCK"

A fim de proferir uma série de conferências na Europa, chega a Lisboa no dia 13 o cientista americano dr. Dietzman, professor de Cirurgia da Universidade de Minnesota, nos E.U.A.

A primeira dessa série de conferências, patrocinadas

pelo Serviço de Cardiologia Médico-Cirúrgico do Hospital de Santa Maria, de colaboração com a Upjohn Farmoquímica, efectua-se na Aula Magna da Faculdade de Medicina de Lisboa, no dia 15, às 11 horas, sendo tratado o tema cardiogénico e terapêutico de «Shock».

Carmen Sevilha

no Estoril

Em viagem de férias encontram-se no Estoril Carmen Sevilha e Augusto Algueiró, sobejamente conhecidos do nosso público, a primeira pelas películas espanholas aqui exibidas, o segundo pela colaboração nos festivais da canção portuguesa.

BOLSAS DE VALORES DE LISBOA E DO PORTO

CONCURSO PARA CORRETORES

Para conhecimento de todos os interessados, avisa-se os mesmos de que se encontra aberto concurso para corretores das Bolsas de Valores de Lisboa e do Porto.

O concurso será realizado de acordo com as normas e programas publicados no «Diário do Governo», 2.ª série, de 10 de Abril corrente.

O Presidente da Comissão Directiva da Bolsa de Valores de Lisboa
Carlos Alberto Rosa

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

A Direcção informa:

Encontra-se em fase de arbitragem o Contrato Colectivo de Trabalho dos Importadores de Material Electrónico (17.ª Secção de Actividade).

É esta convenção celebrada entre este Sindicato e o Grémio Nacional dos Importadores de Material Electrónico.

O art.º 8.º dos seus estatutos do Grémio estabelece concretamente as actividades que o mesmo abrange.

1. Divisão — Equipamentos Electrónicos
2. Divisão — Instrumentos Eléctricos
3. Divisão — Componentes Electrónicos
4. Divisão — Material Electrodoméstico
5. Divisão — Material Eléctrico

Colega é importante que saibas que algumas das firmas mais abrangidas são:

- * Plessey Automática Eléctrica Portuguesa
- * Sociedade Comercial Rualdo, Lda.
- * Philips Portuguesa, S.A.R.L.
- * Companhia IBM Portuguesa
- * AEG Telefunken Portuguesa, S.A.R.L.
- * General Electric Portuguesa, S.A.R.L.
- * Siemens — Companhia de Electricidade, S.A.R.L.
- * Rank Xerox Limited
- * Solor — Sociedade Lusitana de Organizações Cda. (Univac)
- * Olivetti Portuguesa, S.A.R.L.
- * NCR — The National Cash Register Company of Portugal
- * Nacional Rádio
- * Standard Eléctrica, S.A.R.L.
- * J. J. Gonçalves Sucessores — Comércio e Indústria, S.A.R.L.
- * Comundo — Consórcio Mundial de Exportação e Importação
- * Burroughs Electronica (Portugal), S.A.R.L.

A DIRECÇÃO

Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa

Avenida da República, 29 — LISBOA

COMUNICADO

A DIRECÇÃO DO SINDICATO INFORMA A CLASSE QUE TODOS OS SERVIÇOS SE ENCONTRAM ENCERRADOS A PARTIR DAS 12 HORAS DO DIA 11, REABRINDO NO DIA 15 ÀS 9 HORAS.

BOICOTADO O BACALHAU NORUEGUÊS

LOURENÇO MARQUES, 11 (L.) — O Governo Geral de Moçambique proibiu recentemente a importação de bacalhau norueguês devido à crítica aberta feita pelo Governo de Oslo à política portuguesa e ainda ao apoio dado por aquele país aos movimentos terroristas que actuam nos Es-

tados portugueses de Africa.

De acordo com informação digna de crédito, o boicote ao bacalhau norueguês faz parte das restrições impostas em Moçambique à importação de produtos dos países nórdicos, em face do auxílio que estes dão aos terroristas.

FILMES CASTELLO LOPES (30) apresenta

Uma mulher invencível desafia o inferno de Xangai!



A RAINHA DO KARATÉ

CHANG-CHING-CHING · HSIEN CHIN-CHU
UM VENDEVAL DE EMOÇÕES!

AMANHÃ, ESTREIA às 21,45

ALVALADE

GRUPO C - 14 ANOS

COLORIDO

Conselho Nacional de Estatística

Por despacho do ministro de Estado hoje publicado na folha oficial, a representação do Ministério da Saúde no Conselho Nacional de Estatística passa a ser a seguinte: vogal efecti-

vo, dr. Alvaro de Paiva Brandão; vogais suplentes, prof. Luís Corte Real Cayolla da Mota, dr. Luís Magão, dr.ª Maria Luísa Sequeira, dr.ª Margarida Moura Theias e dr. Alberto José Alves Nabinho.

"A maior história de todos os tempos" no S. Jorge

Integrado na solenidade do dia, o Cinema São Jorge exhibe amanhã, em duas únicas sessões — às 15.15 e 21.30 — a realização de Georges Stevens «A Maior História de Todos os Tempos», considerada pela crítica como a mais pura

expressão cinematográfica conseguida sobre a vida e morte de Jesus Cristo.

No seu elenco intervêm grandes nomes da 7.ª Arte, como Max Von Sydow, Carrol Baker, Jose Ferrer, Charlton Heston, Dorothy McGuire, Sidney Poitier e John Wayne.



construções e revestimentos, s.a.r.l.

TERMOLAMINADOS
TILA • LAMITEL

COLAS DE CONTACTO
CEMENTEX • ROBERTS • LOAL

OS MELHORES TERMOLAMINADOS E COLAS EUROPEIAS
AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO.

ENTREGAS IMEDIATAS

CONSULTE A LOAL

LARGO DO CARMO, 15 - Telef. 360415

ESTRADA DA LUZ, 116-B/C - Telef. 785974 LISBOA

um filme higiénico, sócio-económico e de amor... pela próxima!

MALTESES BURGUESES e às vezes...
YOLA
ARTUR SEMEDO

brevemente
AVIS
GRUPO 18 ANOS



PISCINA DO TAMARIZ REABRE AMANHÃ

Funcionamento das 10 às 19 horas
Tratamento de água sob a direcção técnica do eng.º químico B. de Mesquita

INFORMAÇÕES NO TAMARIZ — TELEF. 26 16 65



Exclusivo «Le Monde»/«DL»

A tempestade

Se há um traço de carácter que se não pode negar actualmente ao Presidente Nixon, é uma constância que quase chega a ser obstinação. São inúmeros os que exigem a sua demissão, ao passo que é necessário apurar o ouvido para escutar as vozes dos que lhe pedem que o não faça.

Um senador que tudo lhe deve ergue inesperadamente contra ele o punho de Brutus. Nixon não larga a barra do leme. A mesma perseverança inflexível relativamente ao estrangeiro. Muito embora ateneu em Houston as suas admoestações de Chicago tendo por alvo os europeus inquietos e ingratos, no fundo não cede. Pelo contrário, não hesita em invocar o discurso do sr. Jobert, proferido durante as «Journées nationales» da U. D. R., como motivo da sua moderação: teve razão em falar alto.

Tivera também razão, recorda ele com mal disfarçada satisfação, em ordenar, contra ventos e marés internos, o flagelamento de Hanoi e de Haiphong em Dezembro de 1972. Foram os norte-vietnamitas que cederam, pois, «como resultado desta medida» — a intensificação dos bombardeamentos — «cinco dias depois» as negociações saldavam-se pela paz e os prisioneiros de guerra americanos podiam regressar à pátria «de pé e não de joelhos». Também a oposição se rendera: um dos seus mais violentos críticos de então, o Senador Saxbe, é presentemente o seu Ministro da Justiça. A intrepidez durante a tempestade é tão compensadora como os golpes distribuídos com conhecimento de causa.

Tal é a convicção íntima de Nixon. É inseparável da sua apologia de um sistema de governo único entre as democracias, e que o conserva no seu posto porque o Presidente só é verdadeiramente responsável perante o Congresso quando este se apresenta como Supremo Tribunal para lhe pedir contas.

Se excluirmos o processo de impugnação — «impeachment», termo que Nixon tornou familiar em todo o planeta, — o Presidente tem as mãos livres durante quatro anos. Julgava-se até agora que aquilo que impedia precisamente esta latitude, absoluta em di-

reito, de degenerar em autocracia era a atenção que o Presidente se via obrigado a prestar simultaneamente aos imponderáveis: as facções no seio do seu partido, a opinião pública, o «quarto poder», as susceptibilidades internacionais e, finalmente, o escrúpulo que trava os desvios de um poder fatalmente tentado a ignorar as «peripécias».

Foi o que aconteceu com a maioria dos presidentes americanos, os quais souberam agir de acordo com as circunstâncias. Nixon atribui-se um tanto facilmente o mérito de ter restabelecido boas relações com a França, relações que os seus predecessores democratas teriam «prejudicado seriamente». Na realidade, de Gaulle fôra, em larga medida, responsável por este facto. Quanto a Johnson, depois das disputas convulsivas que os «grandes desafios» do General tinham provocado, encarregara-se de acalmar os espíritos.

Há, portanto, aspectos que parecem escapar a Nixon. Este disse, em Houston, que em quaisquer circunstâncias, com ou sem Watergate, «obedecer à pressão parlamentar ou popular equivaleria a cair na instabilidade». Mas entre ceder e transigir é possível imaginar toda uma gama de atitudes intermédias, exactamente as mesmas a que recorrem todos os dirigentes dos países nos quais funciona uma república electiva. Acabamos por pensar se Nixon, que não é, por nascimento e por temperamento, um «rochedo de bronze», que foi inconsistente e volúvel face à China de Mao, não estará a forjar uma personagem para a qual «ceder» seria sinónimo de «rachar». Nada teria a lucrar com isso. Ao pretender levar até ao fim a lógica do sistema americano corre-se o risco de desacreditar e quebrar um mecanismo que sempre exigiu mais delicadeza do que os outros.

Pintura africana na Casa da Imprensa

Constituída por 16 óleos de temática africana, é inaugurada no dia 18, às 18 e 30, na Casa da Imprensa, à Rua da Horta Seca, 20 (próximo do Largo Camões) uma

O Hino

O regime militar chileno, através do Ministério da Educação, deu instruções a todos os professores no sentido de fazerem os seus alunos cantar todos os dias o hino nacional, dando especial realce aos versos que elogiam as forças armadas.

Entretanto, o Governo venezuelano está preocupado com a situação das pessoas refugiadas na embaixada da Venezuela, em Santiago do Chile, declarou ontem o ministro dos Negócios Estrangeiros, Efrin Schacht Aristeguieta. São muitas as pessoas que se encontram na embaixada e há muito que esperam uma solução para o seu caso. De todas as vezes que se pediram salvo-condutos, a junta respondeu que «a questão está em estudo».

Os automóveis e a crise petrolífera

Os três principais fabricantes franceses de automóveis anunciaram o encerramento temporário das suas fábricas para fazer frente às dificuldades: que a indústria automóvel atravessa, caracterizadas por uma acentuada baixa das vendas devido à crise petrolífera.

Um dos fabricantes decidiu o encerramento das suas fábricas de Paris, hoje e amanhã, e a fábrica situada em Rennes, na Bretanha, encerrará também na segunda-feira. A decisão afecta 50.000 operários que nos dias em que não trabalham recebem apenas 60 por cento dos seus salários.

A federação metalúrgica da federação sindical comunista (CGT) pediu o pagamento integral dos salários, recordando que a fábrica aumentou os preços de venda dos automóveis e que o complexo de Rennes aumentou a produção em 200 veículos diários.

Por outro lado, a direcção de outra empresa automóvel anunciou o encerramento da fábrica nos dias 12, 16 e 26 pelos mesmos motivos.

A federação sindical CFDT, católica de esquerda informou que a decisão causará aos operários da fábrica uma redução de cerca de 30 dólares nos seus salários e revelam que a produção aumentou em relação a igual período do ano passado.

Por último, a terceira empresa informou que a sua fábrica em Dijon encerrará durante quatro dias «para economizar».

Os estrangeiros no canal

A direcção do Canal de Suez será confiada a uma sociedade anglo-americana sob supervisão egípcia, afirmou o diário libanês «Al Safir» (pró-líbico).

Citando «um embaixador acreditado em Beirute», o jornal indicou que essa sociedade beneficiará de 30 por cento dos lucros do Canal e, em contrapartida, encarregar-se-á da direcção e da conservação da via de água.

Esse acordo — acrescenta o «Al Safir» — foi concluído durante a visita do secretário de Estado americano Henry Kissinger, por ocasião da assinatura do acordo de separação das forças israelo-egípcias.

exposição de pintura do nosso camarada de redacção Jorge Ferreira.

Estará aberta ao público todos os dias, das 16 às 21 horas, até 30 do corrente.

QUADRATIM

ISABEL DA NÓBREGA

FIGURA DE PERFIL

Aquele instante em que a imagem imóvel se anima na nossa frente. O cinema habituou-nos a ele, e ao seu inverso — a imagem que se imobiliza e se fixa rígida e ameaçadora como a última das ameaças.

Ambos os movimentos produzem um efeito perturbador. Fora do cinema também acontece.

A sensação de entrar dentro de um quadro, todos nós a tivemos. Desta vez, porém, não atravessarei nenhum quadro nem participei da vida mágica das criaturas que nele habitavam. Desta vez foi a vida, por segundos imobilizada, a vida a imitar a obra de arte, a vida aprisionada numa moldura invisível em que só a tela sobressai a escuro num fundo escuro.

Descia a escada. A porta do patamar de baixo estava aberta. Mesmo em frente, do lado de lá do pequeno vestíbulo, o umbral de outra porta recortava uma imagem que era um quadro, uma pintura. Onde é que eu a tinha visto já? Essa disposição das ombreiras colocava o quadro ao alto, enquanto o outro, na memória me surgia horizontal. Mas numa projecção tão semelhante, tão semelhante! Ah, era o célebre quadro de Whistler.

A senhora de idade sentada de perfil, completamente imóvel e

olhando bem de frente. As mãos, que seguravam um lenço, pousado no colo em perfeito descanso; o cabelo todo branco substituída a touca do quadro. O papel da parede, verde escuro, como o do pintor, e a serenidade, a mesma que banha todo o quadro e a figura dentro dele.

Pude ficar a olhar à minha vontade porque a senhora é um pouco surda e a música estava a tocar. Certamente esperava alguém.

Mas o quadro tem andado comigo. O quadro do pintor americano (1834-1903) esse, chama-se «Retrato da mãe do artista». E compreende-se a serena fixidez do modelo. — Que bem estar, o de uma mulher que o filho retrata! Não há angústia naquela velhice, não há amargor, não há decadência nem degradação — nem solidão, num modelo que está a ser apreendido e devolvido pelo seu filho.

Ninguém está só, ninguém está do lado de fora da vida quando um ser amado assim se apropria, apodera, de nós, e a nós nos oferece de novo a nossa pessoa. Perante o quadro, o do museu, é-nos permitido imaginar as palavras muito simples que foram trocadas. («A mãe senta-se aqui. Assim. Isso» — E a mãe sentou-se e olhou o filho com tanto

amor e já de tão longe que o filho aguentou mal. Mexeu no colarinho porque a garganta lhe pulsou de repente. «Não, não olhe para mim. Vamos colocá-la de perfil. Isso. Muito melhor. Agora não se mexa. Não está proibida de falar mas não fale demais.» — E o filho começou a cantar entre dentes para vencer a impressão no peito e na garganta. A mãe terá ficado calada durante muito tempo. O esboço foi feito com ela nesse estado de beatitude, perfeitamente calada e imóvel. E o traço do artista captou a infinita doçura do momento que o modelo julgara disfarçar e esconder apenas no seu coração).

Assim recebo eu a tela de Whistler, mas ao contrário da figura de perfil sobre o fundo liso verde-escuro, a «minha» anciã não é mãe de artista nem é mãe. Não tem hoje ninguém.

Mas não é triste. Um segredo qualquer, uma grande reserva de recordações — do que recebeu e também com certeza do que deu, uma grande reserva de vida interior, a tem preservado do tal mal que a tantos minha, mas que nem todos, felizmente, conhecem na sua forma mais árida, a da derrota, mal que, assim parece, pode afinal ser contornado, mesmo que se viva só: a solidão.

PEDRO MARTINS DA SILVA

MAR

Dos transatlânticos, hotéis luxuosos a passear uma humanidade cansada que busca coisas novas para ajudar a viver.

Arena de luta de sobrevivência. De pescadores e de barcos. Barcos alados a pulso, praia acima, vazios — quantas vezes depois de atravessar rebenfadas onde o tempo parece parar, inclinar-se para a eternidade. E das redes, puxadas por todos — também as crianças e os velhos — quantas (mas quantas!) vezes vazias, elas também. Mar do esforço, quase sempre sem recompensa para os que nele labutam. Um labutar de tradição, cada vez com menos sentido neste mundo de tecnologias, com peixes «encaminhados» por campos eléctricos para os barcos que os aspiram.

De dia, é a imensidão verde-azul. Espelho de mistério que reflecte o sol em mil centelhas de faiscas jóias. Superfície leitosa e verde, de opalescência de jade.

E a vaga que rola-rola, a morrer em espuma. Ou a castigar a rocha com um bater surdo de trovão abafado, em tempestade. Água que bate, espuma que escorre sobre rochas onde pulula vida verde. Lagoas pequenas de vida-luta; luta de morte pela vida — onde anda aterafado o caranguejo, pequeno carrasco, risível, como podem ser os carrascos em escalas que não são as deles.

Sulcos de prata, de barcos no poente, barcos-esperança ou frustração. Gaivotas que mergulham — balas em procura de vida que mantenha a sua. Mil sombras escuras a mover-se com a água que as cria — e tomam formas, as que queremos dar-lhes, as que queremos ver.

Transparências de vida de outro mundo, com seres de maravilha ou terror, seres de sonho — vivos. Calmo mar, cristal de ondulado suave — apetece percorrê-lo, qual ser de

mágicos poderes a caminhar sobre as águas até ao horizonte infinito, a perder-se no Sol. Agitado mar, de espadanar espumas a anunciar cóleras latentes, nas profundidades escuras — cidades do terror, de um terror pressentido, que gela.

E água, água, um cheiro a água e a sal.

De noite, lá ao longe, é só escuro, negro. Monstro negro, palpável — que está ali. Ali mesmo. E os fantasmas que vivem nele, imaginados, quase presentes.

O luar a espalhar-se, em estrada de magia onde se atravessam silhuetas de barcos em procura.

E um bater mais surdo, mais branco, espectralmente branco. As pescas de silêncio escuro. Fosforescências. Luzes que se reflectem e ondulam, com a vaga a apagá-las em branco — e logo resnace. Sob a bruma, suave, indecisa.

DL/GERAL

Urgente requisição de matérias-primas

Continuação da Pág. 1

sição poderá ser efectuada aos estabelecimentos fabris, importadores, armazenistas, retalhistas ou detentores».

A execução da requisição, «será levada a efeito pela Inspeção-Geral das Actividades Económicas ou pelos organismos de coordenação económica ou corporativos, autoridade ou serviço público que forem designados».

NOTARIADO PORTUGUÊS

NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DO NOTÁRIO LICENCIADO ANTÓNIO MARQUES CARAMELO

CERTIFICADO

Para efeito de publicação

Que por escritura de um de Março de mil novecentos e setenta e quatro, lavrada de folhas setenta e nove a folhas oitenta verso do livro B-duzentos e noventa e sete das notas deste Cartório, foi entre Manuel Fernandes Nobre Madeira Barracosa e Joaquim Simões Rodrigues, constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se ficou a reger pelo pacto constante dos artigos seguintes:

PRIMEIRO: A sociedade adota a firma RODRIGUES & BARRACOSA, LIMITADA, tem a sua sede em Lisboa, na Rua de Pedreiros, número sessenta e um-B, durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início desde hoje.

SEGUNDO: O seu objecto é o comércio de papelaria e tabacaria, podendo, contudo, vir a exercer outros ramos de comércio ou indústria a que os sócios acordem explorar e sejam permitidos por lei.

TERCEIRO: O capital social, integralmente realizado em dinheiro é de CINQUENTA MIL ESCUDOS e corresponde à soma de duas quotas iguais, pertencendo uma a cada sócio.

QUARTO: A gerência e a administração dos negócios sociais ficam a cargo dos dois sócios, os quais ficam desde já nomeados gerentes com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme a assembleia geral resolver.

Para a sociedade se considerar obrigada será necessário e suficiente a intervenção e ou assinatura de dois sócios gerentes.

Nos actos de mero expediente bastará a assinatura de qualquer dos gerentes.

QUINTO: Qualquer dos sócios gerentes poderá delegar no todo ou em parte os seus poderes de gerência.

A sociedade poderá constituir mandatários nos termos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial para a prática de certos e determinados actos.

SEXTO: A cessão de quotas entre sócios é livre, mas a estranhos só é permitida com o consentimento da sociedade.

SÉTIMO: As reuniões de assembleia geral, sempre que a lei não exija outras formalidades, serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência de pelo menos oito dias.

Por verdade e me ser pedido, fiz passar o presente que assino, em Lisboa, aos oito de Março de mil novecentos e setenta e quatro.

O Ajudante:

Maria Alice da Conceição Coutinho Robim de Matos

A requisição pode ter os efeitos seguintes:

a) «Transferir para o organismo ou serviço público a propriedade do produto, mercadoria ou matéria-prima; b) determinar a sua venda à entidade pública ou particular que for designada; e c) suspender temporariamente o direito de livre disposição do produto, mercadoria ou matéria-prima».

PAGAMENTO AO DONO DO PRODUTO

Quando a requisição tenha os efeitos estabelecidos nas alíneas A) ou B), o preço a pagar ao dono do produto, mercadoria ou matéria-prima será:

O preço tabelado ou homologado, que se encontrar estabelecido na fase correspondente do circuito de comercialização, deduzidas todas as despesas a efectuar até ao local ou estabelecimento destinatário dos bens;

Na falta de preço tabelado ou homologado, será o mesmo livremente fixado pelo Ministro

da Agricultura e do Comércio, embora com audiência obrigatória, verbal ou por escrito, da pessoa singular ou colectiva à qual serão requisitados os bens e, facultativa, do Conselho Nacional de Preços, organismos de coordenação económica, corporativos e outras entidades ou serviços públicos;

É equiparado à audiência obrigatória o decurso do prazo de 5 dias, contado a partir da data da publicação no Diário do Governo da notificação da audiência, nos termos e para os efeitos do disposto na alínea anterior.

SANÇÕES

«A falta de imediato cumprimento da requisição nos termos estabelecidos no presente diploma é punida segundo o art.º 21.º do Decreto-Lei n.º 41 204, de 24 de Julho de 1957, sendo-lhe aplicável o disposto no artigo 11.º do mesmo Decreto-Lei e elevando-se o limite mínimo da pena de prisão para seis meses.

«A condenação pelo crime

previsto e punido no número anterior implica o encerramento obrigatório do estabelecimento comercial ou industrial por tempo equivalente a 1/6 da duração da pena de prisão aplicada.

«O Fundo de Abastecimento, por despacho do Ministro das Finanças e da Coordenação Económica, concederá os créditos necessários ao pagamento dos bens requisitados, nas condições que forem estabelecidas.

«Quando os produtos ou mercadorias requisitadas se destinarem directamente ao consumo público, os mesmos serão obrigatoriamente vendidos nos estabelecimentos comerciais a designar e pelos preços ou com as margens de lucro que forem fixadas por despacho do Ministro da Agricultura e do Comércio.

Este Decreto-Lei entra imediatamente em vigor.

O "NIASSA" PARTIU

«O Niassa partiu esta madrugada» — informou-nos, às 11 horas, o Serviço de Informações Públicas das Forças Armadas.

A C. P. INFORMA:

COMBOIOS ESPECIAIS PARA MILITARES

Por motivo das Férias da Páscoa, não se realizam os comboios especiais para militares a seguir indicados:

No dia 12 O comboio que parte de Lisboa (Santa Apolónia) às 18-08 horas:

O comboio que parte do Entroncamento às 18-10 horas.

No dia 13 O comboio que parte de Lisboa (Santa Apolónia) às 14-36 horas.

No dia 14 O comboio que parte do Porto (Campanhã) às 23-40 horas:

O comboio que parte de Gaia às 23-38 horas.

Estes dois comboios efectuar-se-ão na segunda-feira, dia 15.

No dia 15 O comboio que parte do Entroncamento às 4-30 horas, com destino a Tomar:

O comboio que parte do Entroncamento às 4-41 horas com destino a Abrantes.

Estes dois comboios, efectuar-se-ão na terça-feira, dia 16.

SEMANA SANTA NA SÉ DE LISBOA

Os actos litúrgicos de Quinta-Feira Santa, iniciados de manhã, tiveram culminância na Sé Patriarcal, com a presença de D. António Ribeiro, patriarca de Lisboa, e elevada representação do clero.

As 10 e 15 o prelado deu entrada no templo e, depois de paramentado e de ter orado na capela do Santíssimo, seguiu em procissão para a capela-mor, enquanto o grupo coral feminino da Sé, dirigido pelo cônego dr. Manuel Luís, entoava o cântico alusivo à cerimónia.

Feita a leitura do profeta Isaías, seguida de cânticos apropriados ao acto e lido o Evangelho, D. António Ribeiro proferiu uma homilia sobre a solenidade. Ao ofertório, o prelado procedeu à cerimónia da bênção dos óleos para os enfermos, crisma e catecúmenos, após que as ânforas de prata regressaram novamente à sacristia. Os santos óleos foram oferecidos, como habitualmente, pela Associação dos Farmacêuticos Católicos.

A cerimónia terminou com a

comunhão do clero e dos fiéis, seguida de bênção dada pelo Cardeal Patriarca.

ALMOÇO

Mantendo uma tradição de muitos anos, iniciada pelo cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira, o prelado D. António Ribeiro ofereceu no Seminário dos Olivais, um almoço aos cônegos do cabido e a todo o clero presente na cerimónia e ainda aos familiares do Patriarcado.

CERIMÓNIA DO LAVA-PÉS

As 17 e 30, D. António Ribeiro voltará à Sé de Lisboa, a fim de presidir às cerimónias do Tríduo Pascal: pontifical da comemoração da Ceia do Senhor, seguido de Adoração ao Santíssimo Sacramento. Participarão nas referidas cerimónias os membros do cabido e outros sacerdotes.

Depois das leituras, e anunciado o sentido da celebração, o Cardeal Patriarca procederá à cerimónia do lava-pés.

PROF. DR. MYRON MALKIEL-JIRMOUNSKY

Para o cemitério israelita de Lisboa, efectuou-se o funeral do prof. dr. Myron Malkiel-Jirmounsky, falecido na Clínica de S. Lázaro, em consequência de um acidente de viação. Contava 85 anos incompletos.

Natural de Leninegrado, onde concluiu os cursos de Filologia Românica e Germânica, História de Arte e História das Religiões, radicara-se em Portugal no início da década de quarenta, devido à ocupação da França pelas tropas nazis.

Ao prof. Jirmounsky, que em 1933 foi eleito sócio correspondente da Academia Nacional das Belas-Artes, o nosso País fica a dever relevantes serviços, no domínio das Belas-Artes. Da sua bibliografia, onde se contam números títulos, que

muito ajudaram a melhor conhecer a arte renascentista portuguesa, contam-se, nomeadamente, as seguintes obras: «L'art manuelin au Portugal», publicado em 1927; «Les Primitifs Portugais», de 1931; e «Les deus sources de la peinture religieuse au Portugal».

Ao deixar Paris, o prof. Jirmounsky perdeu todos os seus haveres, adquiridos ao longo de mais de vinte anos, como professor na Universidade de Leninegrado e na Sorbona. Aqui, o extinto levava uma vida muito modesta, contando apenas com o produto dos artigos que publicava na imprensa, e um pequeno subsídio atribuído pelo Ministério da Educação Nacional, para fazer cursos e conferências no Museu Nacional de Arte Antiga.

Marcello Caetano e Lopez Rodó estão no Buçaco

Encontram-se num hotel do Buçaco os profs. Marcello Caetano e Lopez Rodó, este ex-ministro das Relações Exteriores do Governo espanhol. Os dois estadistas, que esta manhã deram um passeio pela região

de Viseu, tinham seguido viagem, ontem, para o Norte do país, detendo-se no Mosteiro da Batalha, como noutro local noticiámos. O encontro entre dois velhos amigos foi anunciado como «estritamente particular».

VENDEDORES

EQUIPAMENTOS CONSTRUÇÃO CIVIL

Com experiência
Carta de condução
Entrada imediata

Resposta a este jornal ao n.º 1066

BELARMINO NEVES & MARQUES, LDA. MANAUTO

Avenida 5 de Outubro, 267-A — Tel. 762081 — LISBOA —

Tudo em acessórios e extras para automóveis. Sempre que necessite adquirir acessórios ou extras para o seu automóvel, consulte-nos.

TV

DL/ESPECTÁCULOS

ATENÇÃO AOS ACTOS

Lucas, médico e natural de Antioquia, era pagão. Encontrou-se com Paulo em Tróade e acompanha-o até Filipos. Depois, tornar-se-á o seu secretário e não mais o abandonará para cumprir a ordem do Mestre: *Sereis minhas testemunhas.*

Para dar cumprimento a esta ordem, desceram do monte das Oliveiras em direcção a Jerusalém que se encontrava à distância de uma caminhada de sábado. Lá se reuniu o Comité constituído por Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago, Simão e Judas (o irmão de Tiago). Também se encontravam presentes algumas mulheres, entre elas Maria da Nazaré, mãe de Jesus.

Resolveram permanecer em Jerusalém. Falavam, discutiam, convenciavam em nome do Jesus ressuscitado. Escutavam-nos medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia, da Capadócia, do Ponto, da Ásia, da Frigia, do Egipto, da Líbia; os colonos de Roma, judeus, prosélitos, cretenses e árabes.

E ficavam assombrados, inflamados pela palavra de Pedro.

Esses que mais tarde seriam chamados de cristãos, juntavam-se para ouvir os apóstolos, para a união fraterna, para a distribuição do pão, para as orações.

Assim iam atraindo ao seu convívio cada vez maior número e para isso igualmente muito contribuía, diz-se, um que outro milagre feito na cidade, milagres praticados geralmente em coxos ou paralisados que se punham a andar. Mas os pode-

res dos Apóstolos e seus amigos e aderentes eram grandes e convincentes a outros níveis: vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos segundo o lema de cada um, conforme as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades. O povo achava que estava certo. E ouvia-os. E juntava-se.

No dia seguinte, compareceram diante dos anciãos e dos escribas, e ainda do Sumo Sacerdote Anás, Caifás, Jonatas, Alexandre e outros poderosos. Foi Pedro quem falou, e depois o João. Eles falavam, com desenvoltura, com clareza, com audácia.

O Sinédio discute a situação. Não há dúvida de que começa já a ter popularidade. O melhor, portanto, para evitar dar-lhes ainda mais popularidade não deviam transformá-los em mártires. Havia que usar da máxima prudência. A medida mais conveniente seria proibi-los de falar ao povo em nome de Jesus. Isto de envolta com algumas ameaças.

Pedro e João recusam-se a acatar a ordem. E como o povo começava a dar mostras de impaciência, o Sinédio pô-los em liberdade.

Os Apóstolos gozavam de grande simpatia. O povo acreditava neles. Assim nascia e crescia a multidão. Continuavam os milagres de coxos e paralisados: traziam os doentes para a rua e colocavam-nos em enxergas e catres a fim de que à passagem de Pedro, ao menos a sua sombra cobrisse alguns de-



les. A multidão vinha também das cidades próximas de Jerusalém transportando enfermos e atormentados por espíritos malignos e todos eram curados.

A cousa chegou a um tal ponto que os sequazes, que formavam a corporação dos saduceus meteram os Apóstolos na cadeia. Estes evadiram-se, diz-se que por acção de dois anjos.

Estavam os do Sinédio dispostos a matá-los, como já tinham feito ao Outro, mas um, Gamaliel de seu nome, aconselhou os do seguinte modo: Se o seu empreendimento é dos homens, esta obra acabará por si própria; mas se vem de Deus, acaso interessa-lhes fazer guerra a Deus?»

Os Apóstolos foram açoitados e depois soltos.

Entretanto, para reprimir as actividades dos cristãos, foi destacado um guarda perfeitamente tenebroso, Saulo de seu nome. Experiente, já lhes conhecia os poisos: escondiam-se geralmente em casa de trabalhadores, de gente que



Por MARIO CASTRIM

vivia do seu braço. Pedro, por exemplo, na altura em que resolveu converter os pagãos, encontrava-se em casa de Simão, o curtidor.

A sede de perseguição não diminuía na alma de Saulo. Certa ocasião, respirando sempre ameaças e mortes contra os Discípulos de Jesus, foi ter com o governador e pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco a fim de que, se encontrasse homens e mulheres dos tais, os trouxesse algemados para Jerusalém.

RAPARIGA DESAPARECIDA

De casa de seu pai, em Tavieiro, desapareceu há dias, Ana Paula Fernandes Simões, de 16 anos. Tem um metro e 52 cm. de altura, é morena, de cabelo preto encarilhado, veste uma camisola amarela de gola, casaco de malha castanho e amarelo, aos quadrados, e sapatos brancos.

Quem souber do seu paradeiro, poderá comunicá-lo ao posto da G.N.R. dos Casais do Campo.

Assim se viu na Estrada de Damasco. Sentou-se numa pedra a repousar e a meditar. Passou em revista rostos, palavras, situações.

Quando chegou a Damasco, procurou os Discípulos. Não para os perseguir, mas para se juntar a eles. Morrera Saulo, nascera Paulo.

... estas e muitas outras coisas saberão os leitores que acompanharem até sábado *Os Actos dos Apóstolos*, tratados propositadamente para a televisão. Valerá a pena assistir. A acção é lenta, as palavras são muitas e não muito divertidas, a aventura não apresenta

lances emocionantes de capa e espada. No entanto, o que está em jogo não é apenas a actividade dos Apóstolos no alicerçar de uma nova religião: é mais do que isso, é um capítulo movimentado na caminhada para a transformação dos homens e da sociedade.

Atenção aos actos.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Admissão de Empregadas Auxiliares

(Antiga designação — CRIA-DAS)

Nos Hospitais Civis de Lisboa — Serviço de Pessoal — aceitam-se inscrições até ao dia 20 do corrente mês, para a categoria de empregadas auxiliares, categoria a que corresponde o salário mensal líquido de Esc. 1700\$00.

As candidatas deverão obedecer às seguintes condições:

a) IDADE — Mais de 18 e menos de 35 anos;

b) HABILITAÇÕES LITERÁRIAS — Aprovação no exame do 2.º grau do ensino primário elementar;

c) Idoneidade moral atestada pela Junta de Freguesia, Regedor ou Pároco.

A sua inscrição pode ser feita mediante o envio de carta onde constem os elementos referidos nas alíneas a) e b).

A Bem da Nação
O Administrador
Fernando Pimenta

Os profissionais do tráfego fluvial foram aumentados

O Sindicato dos Maquinistas, Motoristas e Ajudantes da Marinha Mercante do Distrito de Lisboa negociou recentemente uma revisão salarial do ACT das embarcações motorizadas do tráfego fluvial (excluídas as de transporte de passageiros), cujas tabelas vêm alterar as vigentes desde 21 de Julho de 1972.

Esta revisão de salários, conciliada com 65 pessoas da Corporação de Transportes e Turismo, abrange cerca de 400 motoristas práticos e ajudantes repre-

sentados pelo Sindicato. São também beneficiados por esta revisão os profissionais dos Sindicatos de Tripulantes de Navegação Fluvial e dos Fogueiros de Mar e Terra que exerçam actividade neste sector.

A nova tabela de vencimentos, que começa a vigorar a partir de 21 de Julho deste ano, estabelece três categorias de acordo com a tonelagem das embarcações e prevê aumentos relativamente aos ordenados anteriores.

CASINO ESTORIL

Amanhã, devido à solenidade do dia, estão encerrados todos os serviços do Casino Estoril.

SEGREDOS PROIBIDOS

EASTMANCOLOR
TALMA FILMES

um filme de
PHILIP
SAVILLE



ESTREIA
HOJE
ÀS 21.45 H.

JACQUELINE
BISSET

PER OSCARSSON
ROBERT POWEL

GRUPO D - 18 ANOS

CINEMA
CASTIL

ARCAS CONGELADORAS

MARCA «IBERNA»

9 modelos — de 170 litros a 850 litros

Alta qualidade — Baixo preço

VITRINES FRIGORÍFICAS DE TODOS OS TIPOS

REPRESENTANTE EM PORTUGAL:

NOVIMPORTA — Centro Comercial de Importação, Lda.

Estrada da Luz, 173, A-B-C-D

Telefs. 78 26 94-78 71 11-78 71 12—LISBOA

SOLAR DO LORETO

RESTAURANTE

Rua Emenda, 107

Informamos os nossos estimados clientes que para permitir ao seu pessoal Férias da Páscoa, o restaurante encerra hoje e reabre na próxima 2.ª-Feira, dia 15, aos almoços.

A Gerência aproveita para desejar aos seus estimados clientes e amigos uma Páscoa Feliz.

DIVESPECTÁCULOS

Carlo Ponti desmente suposta paralisia de Sophia Loren

O produtor cinematográfico Carlo Ponti classificou de «pura fantasia» a notícia aparecida na imprensa alemã, segundo a qual a sua mulher (Sophia Loren) se encontrava paralisada.

A imprensa alemã mataria toda a Humanidade, se isso aumentasse a sua tiragem — declarou Ponti, ao diário romano «El Messaggero».

Sophia Loren encontra-se, actualmente, a filmar em França.

Segundo o marido, quando lhe telefonou, ela apenas estava atacada de gripe. Voltou a telefonar-lhe no dia seguinte e o pessoal do hotel, em Lyon, informou-o de que ela partiria de automóvel para Paris. O que me leva a pensar que o seu estado melhorou — salientou Ponti.

De acordo com os diários alemães «Bild» e «Hamburger Morgenpost», Sophia Loren sofrerá de paralisia da face ou do lado esquerdo do corpo.

CRÍTICA DE CINEMA

LAURO ANTÔNIO

A "MAFIA BRANCA" E ETC.

Título: ESCÂNDALO DE BATA BRANCA (Bisturi, La Mafia Bianca)

Realização: Luigi Zampa, 1973 (Itália)

Intérpretes: Gabrielle Ferzetti, Enrico Maria Salerno, Senta Berger, Luciano Salce, Claudio Gora, Tina Lattanzi, etc.

Distribuição: Mundial Filmes; Estreia: Cinema Império (4.4.1974)

Título: O FORTIM (Blockhouse)

Realização: Clive Rees, 1973 (Inglaterra)

Intérpretes: Peter Sellers, Charles Aznavour, Jeremy Kemp, Per Oscarsson, Peter Vaughan, Nicholas Jones, Leon Lissek, etc.

Distribuição: Mundial Filmes; Estreia: Cinema Estúdio (2.4.1974)

Título: ÀS ORDEM DE VOSSELENCIA (Conserje al Condominio)

Realização: Miguel M. Delgado, 1973 (México)

Intérpretes: Mário Moreno (Cantinflas), Claudio Islas, Raquel Olmedo, Jacobo Zabudovsky, etc.

Distribuição: Columbia e Warner;

Estreia: Cinemas Eden, Europa e Avis (2.4.1974)

Título: TERROR DE LOBISOMEN (The Boy who Cried Werewolf)

Realização: Nathan H. Juran, 1973 (EUA)

Intérpretes: Kerwin Matthews, Elaine Devry, Robert J. Wilke, Scott Sealey, etc.

Distribuição: Sonoro Filme;

Estreia: Cinema Vox (5.4.1974)

Título: OS TRÊS FAMOSOS DE TRINITÁ

Realização: Steve McCoy, 1972 (Itália)

Intérpretes: Richard Harrison, Fernando Sancho, Frank Grey, etc.

Distribuição: Exclusivos Triunfo;

Estreia: Cinema Olímpia (8.4.1974).

1. O cinema italiano parece atravessar uma nova fase de profundo interesse pela realidade social, política, económica e cultural do país. Quer ao nível da comédia, da sátira de costumes (a que Dino Risi, Lattuada, Germi e poucos asseguram um mínimo de qualidade), quer no plano do filme deliberadamente político (de que se viu entre nós unicamente O Caso Mattei, de Rosi, mas que se sabe ser, hoje em dia, uma via amplamente explorada por cineastas como Petri, Vancini, Taviani, Damiani, etc.), os exemplos que nos vêm de fora são múltiplos. Temos agora em écrans de Lisboa um filme que de certo modo documenta este interesse da cinematografia transalpina pela realidade social do seu país. A Mafia Branca, como lhe chama Zampa, é constituída por alguns potentados médicos que, usufruindo as regalias de uma situação, especulam com a doença, atraíndo todos os princípios deontológicos de uma profissão, e, o que é mais grave, pondo em risco a vida e a segurança física de quantos a eles ocorrem em busca de auxílio.

Escândalo de Bata Branca que desde já se recomenda vivamente, muito embora uma ou outra concessão final possa, de algum modo, cercear as implicações sociais da película — fala-nos de um caso «exemplar», o dr. Valiotti, médico «milagroso» em instituições de características assistenciais (local onde faz frutificar uma aeróla de benfeitor que mais

tarde lhe será extremamente útil e proveitosa) e director de uma luxuosa clínica, onde as operações sobem de preço consoante a categoria económica do operado — doente pobre é doente que não interessa — e donde não sai ninguém sem vida (a não ser por uma «desatenção» facilmente «remediada»), nem sem a operaçãozinha da ordem. Depois, o «esquema» montado habilmente serve ainda para pôr a descoberto toda a criminosa actividade de médicos como este dr. Valiotti, homens que se servem da livre iniciativa para trepar, da concorrência farmacêutica para encher os bolsos com cheques «ao portador» (paga de pareceres favoráveis para produtos nocivos), que se servem do seu poder para estabelecerem uma imagem de Deus Todo Poderoso, com possibilidade de arbitrariamente jogarem esse poder, condenando à morte quem lhes aprover, assassinando friamente e impunemente, por um interesse de ocasião, um desinteresse de momento.

O filme termina dizendo que por cada dr. Valiotti, existem dez drs. Schweitzers, conclusão optimista, que bem gostaríamos de ver confirmada na prática quotidiana. Acontece que uma tal legenda desloca levemente o alvo crítico do filme de Zampa. Não se trata de joear os maus médicos dos bons, mas sobretudo de criar estruturas sociais que impeçam a multiplicação de casos como o atrás referido.

Numa sociedade equilibrada, justa, não diremos «perfeita», mas tendendo «para a perfeição» os drs. Valiottis só muito dificilmente crescerão impunemente. A traficância só medra em terrenos propícios; a especulação só existe como praga desde que devidamente protegida pela impunidade ambiente.

Um último problema suscitado pela visão de Escândalo de Bata Branca: filmes como este de Zampa são extremamente úteis e importantes. Denunciar vícios a todos os níveis deverá ser tarefa urgente, mesmo que artisticamente o documento não adquira a importância requerida (como é, de algum modo, o caso de Mafia Bianca). Mas haverá igualmente que resguardar a confiança do espectador no poder da ciência e na função social do médico. Esta outra face da realidade aparece insuficientemente explícita na última obra de Zampa, correndo o perigo de influenciar o público, desenvolvendo uma campanha negativa contra a medicina e a sua charlatanice. Um problema complexo, que só lucra com a discussão franca. Nunca com a mitificação encoberta.

2. O Fortim, de um desconhecido Clive Rees, começa também com uma legenda que anuncia ser este o relato de um episódio real, acontecido durante a II Guerra Mundial, na costa francesa. Um campo de prisioneiros aliados, guardado por alemães, é bombardeado. Sete presos conseguem fugir-se à ameaça das bombas, penetrando no interior de um fortim, edificado em cimento armado no subsolo. Mas o bombardeamento obstrui as saídas e os sete sobreviventes iniciam um longo cativeiro. Salva-os a princípio a descoberta de uma dispensa, com comida e bebida em fartura. Os dias começam a passar, os meses, os anos.

Um a um, vão morrendo. Enterrados em farinha, para que o cheiro não invada todo o fortim. Dois anos depois, somente dois deles se mantêm vivos. O filme acabará aqui, quando as últimas velas se extinguem também. A partir daí será de total escuridão, o cativeiro de dois homens. Durante mais quatro anos. Somente em 1951, durante as obras de desobstrução desse fortim, foram descobertos dois sobreviventes de 1945. Toupeiras humanas, se guramente. Desconhecendo a luz, desconhecendo já o sopro do ar puro, ignorando o que se chama liberdade.

Com um magnífico naipe de actores, com uma fotografia amarelecida e velha, Clive Rees poderia ter dirigido um grande filme e um monstruoso pesadelo. Ficou-se pela obra sólida, bem acabada, afinada, mas sem grande invenção plástica e reduzida inquietação. Mesmo assim, todavia, um filme a ver com interesse.

3. Dos três títulos restantes, unicamente um merecerá atenção, ainda assim muito relativa: Terror de Lobisomen, de Nathan Juran, filme de terror algo original, contando a experiência de um miúdo, cujo pai é lobisomen, sem que ninguém o acredite, quando ele o proclama. Como se sabe, «de ciência segura», quando um lobisomen morde uma pessoa, esta passa a sofrer do mesmo mal: em noite de luz cheia, crescem-lhe dentes e unhas de lobo, ao mesmo tempo que todo o corpo se cobre de pelos. Foi assim que o pai do miúdo, julgando lutar contra um qualquer intrómito, se deixa abocanhar por um lobisomen que seguidamente morre com o coração trespassado por uma estaca. Nas subsequentes noites de lua cheia é certo e sabido que o pai da criança irá vagar pelas redondezas, provocando acidentes, devorando e estragando tudo o que se encontra à sua volta. A criança a princípio fica desconfiada, depois as suspeitas confirmam-se: O meu pai é lobisomen, esta a evidência que todos procuram combater. Lobisomen? Antes de morrer, porém, igualmente trespassado por uma estaca purificadora, o pai da criança ainda tem tempo, num acesso de mau humor, de morder o filho. Perante o ar estupefacto da mãe. Diante disto, impõe-se perguntar: estará para breve o regresso do mito? Tudo parece indicar vir aí O FILHO DO LOBISOMEN.

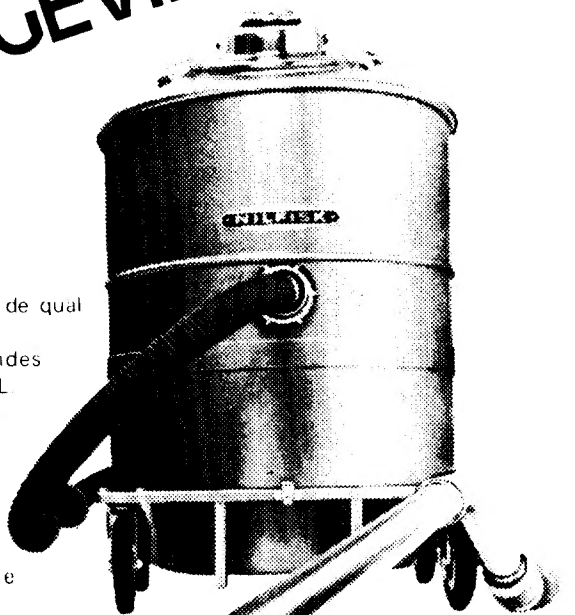
De resto, o filmezinho não ultrapassa a mediania, rodado com as reduzidas ambições de quem possui um argumento razoavelmente curioso e pouco talento para enriquecer essa matéria.

De Cantinflas, ÀS ORDEM DE VOSSELENCIA muito pouco a dizer. Cantinflas foi, em tempos, um actor que desperdiçou francas gargalhadas e representava, de algum modo, as ambições do lupem proletário mexicano. Hoje em dia é um actor medíocre, identificado com a ideologia burguesa e o seu reaccionismo mental. Porteiro de um edifício de «condomínio», serve a burguesia reinante. Lamentável sob todos os aspectos.

DE OS TRÊS FAMOSOS DE TRINITÁ, western italiano, meio a sério, meio a reinar com o pagode, nada a dizer. Lamentável também como a grande maioria dos produtos congêneres.

NILFISK

GUARDA O SEGREDO DA LONGEVIDADE



NILFISK

UM MUNDO DE SOLUÇÕES

A duração e a eficácia são atributos de qual quer dos seus modelos.

Para a limpeza de médias e grandes superfícies — NILFISK INDUSTRIAL. Com o seu elevado poder de aspiração e os seus diversos acessórios, ele limpa cantos e recantos geralmente inacessíveis.

Torna-se assim, pela eficiência e economia que representa, no mais rentável aspirador de média e grande potência.

NILFISK INDUSTRIAL duramente comprovado em fábricas, armazéns, garagens, oficinas, hotéis, hospitais, cinemas, igrejas, etc.

NILFISK — ASPIRADORES INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, LDA.

LISBOA — Rua Félix Correia, 8 — Tels. 78 83 31/78 99 55

PORTO — Rua da Constituição, 2371 — Tel. 69 34 23

Não somos Gênios mas fizemos o impossível

para podermos satisfazer qualquer dos seus desejos relacionados com Férias ou Viagens. Consulte-nos e procure informar-se sobre o nosso LIVRO DE VIAGENS para 1974 onde encontrará mais de 400 soluções que o poderão levar a qualquer dos Continentes.

PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI-STAR

STAR

A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

Lisboa - Estoril - Porto - Faro - Funchal - Luanda

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Jorge Marques Silvestre. Rua Joseph Blech, 33, 4.º D DAFUNDO LISBOA



"Já no ano passado a Páscoa foi uma alegria. Os miúdos estavam amorosos com as camisolas que a avó Júlia lhes comprou. E riam como loucos com as brincadeiras do tio Américo! A mesa estava linda! Os ovos de chocolate eram grandes, coloridos e tão gostosos!

E foi um faltar de comer amêndoas! Que boas que eram!

O Pai experimentava a máquina nova. Eram fotografias coloridas e ficaram formidáveis."

As coisas boas são para recordar...

Pão de Açúcar
Vale sempre a pena.

DL/GERAL

Champalimaud em Angola

LOBITO, 1 (L.) — O conhecido industrial e financeiro António Sommer Champalimaud deslocou-se ao Lobito com o propósito, segundo mais tarde

declarou, de «ver a expansão da cidade ocorrida durante o longo período que tinha vivido fora da Nação».

Muito impressionado com o crescimento da cidade, António Champalimaud afirmou que tudo estava a postos para

o início da construção de uma nova linha de fabrico da fábrica de cimentos local, com a capacidade nominal de 600 mil toneladas por ano.

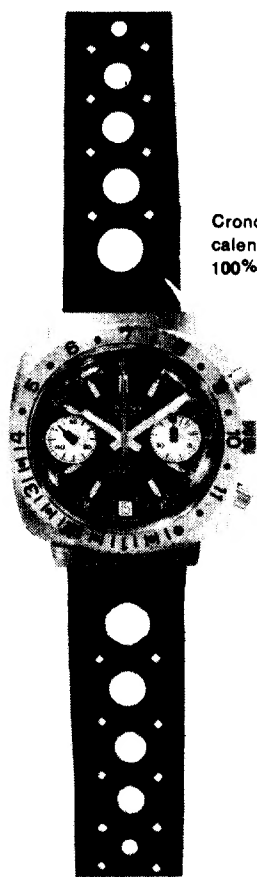
DIA 14 ABRIL — DOMINGO DE PÁSCOA
DIGA-O COM FLORES E OFEREÇA UM RELÓGIO



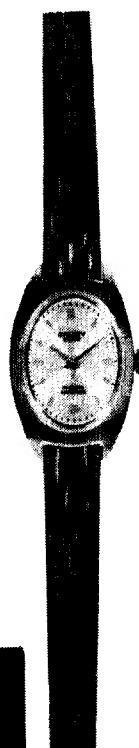
CAUNY

Moderno, desportivo, diferente

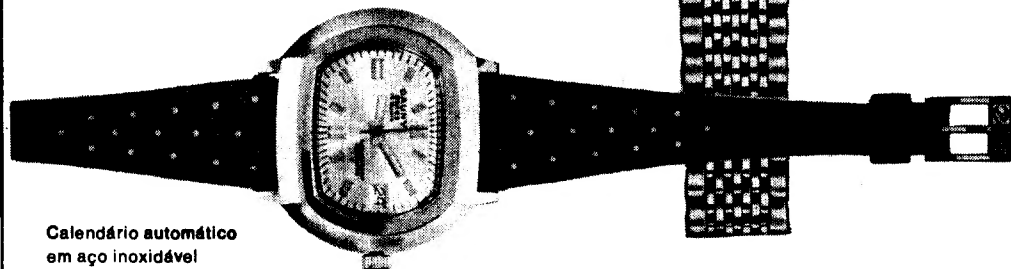
Cronógrafo
calendário
100% à prova de água



Calendário automático
100% à prova de água
em aço inoxidável
ou dourado



Calendário automático
em aço inoxidável
ou dourado



100% à prova de água
automático
dia-data



CAUNY

Com a qualidade de sempre
e seus preços tradicionais

O RELÓGIO SUÍÇO MUNDIALMENTE CONHECIDO

O 53.º ANIVERSÁRIO DO "DIÁRIO DE LISBOA"

Além das individualidades já referidas, enviaram-nos também felicitações pela passagem do 53.º aniversário do «Diário de Lisboa»: Carlos de Melo, chefe de redacção do Telejornal; Manuel Sérgio, director da revista «Desporto»; conselho de administração de J. Pimenta, S. A. R. L.; coronel Fernando Cavaleiro, secretário-geral da Liga dos Combatentes; Tomás Pinto Basto, vice-presidente em exercício da Associação Comercial de Lisboa; dr. António de Jesus Gomes, da Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás; Damásio Gomes Rodrigues, presidente do con-

selho directivo dos Invalidos do Volante (Casa de Repouso dos Motoristas Portugueses); prof. dr. F. Carmo e Cunha; Jaime Lopes Dias, director, aposentado, dos Serviços Centrais e Culturais da Câmara Municipal; dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho; Adelino de Araújo e Jeremias da Conceição Dias, nossos solícitos correspondentes em Moncorvo e Marvão, respectivamente; prof. J. Baptista Santos, de Lisboa; Jorge Lara, director da Volta a Portugal em Bicicleta; Graciano Agostinho de Figueiredo, de S. Pedro do Sul; pintora Maria Vinhal Costa e A. Gama Reis.

VENHA APOSTAR NO TROTE-E-GALOPE EM VILAMOURA

DIAS 13 e 14 de ABRIL às 15.00 HORAS

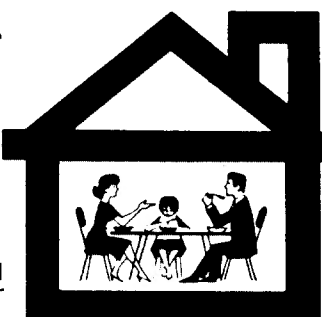
CENTRO HÍPICO DE VILAMOURA
S O M O T E L — SOCIEDADE PORTUGUESA DE MOTEIS, S.A.R.L.

diabético?

o seu problema alimentar
será facilmente resolvido
através dos métodos de
ALIMENTAÇÃO RACIONAL **diese**

Através do Gabinete de Estudos de Nutrição, planificação e organização de Esquemas Alimentares, adaptados ao seu caso particular, quer para profilaxia, quer para normalização dos seus problemas de saúde.

contacte o
GABINETE
DE ESTUDOS
DE NUTRIÇÃO
av. república, 46 - lisboa 1
se mora em Lisboa utilize o
telefone 767141



FABRICO
PRÓPRIO

DE MESAS
EM METAL
E ACRÍLICO

RUA CASTILHO, 201-B
L I S B O A

ALUGAM-SE

APARTAMENTOS

GRANDE LUXO — MOBILADOS — NÃO MOBILADOS
AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, 89

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata **PORQUE É MEDICINAL**
doenças da boca

DL / NACIONAL

Ora diga-nos:

QUE TAL A SAÚDE

Mário Olive, 30 anos, operário da construção civil: Por acaso mesmo boa! E não era, não senhor, o que eu esperava, porque malta já da Ilha, vinda antes de mim, adoecera mesmo. E disseram-me logo à chegada: Você vai-se ir abaixo! E, por sinal, eu não fui. Há nove meses, sempre a trabalhar no duro, e a coisa tem ido. Com saúde, boa mesmo. Boa mesmo, por acaso, sim senhor!...



Mário Olive, operário

Um anónimo, de «figura» e apelido, que não na resposta saída num jacto: Que tal? Rijo que nem um pero, é como lhe digo! E não é porque não puxe pelo físico, na minha actividade de estivador. Mas meto-lhe uns bagaços pela manhã e uns tintos à tardinha, e a coisa lá vai andando sem avarias. A receita já era do meu pai e não me tenho dado nada mal com ela.

Sarah Matias, 18 anos, operária fabril: Bem, muito obrigado! Este ano, porque quase sempre nesta altura, com a chegada da Primavera, me vou um pouco abaixo. Até estou admirada como ainda não tive nada até agora.

Maria Guiomar, 17 anos, estudante: Bem! Vou bem! E quando a saúde corre a contento, tudo o resto se afronta. Até a vida nos parece mais fácil de suportar e os problemas menos difíceis de resolver. Como o Mundo seria diferente se não existissem doenças nem guerras. Sim, porque, quanto a mim, os homens que provocam as guerras são pessoas doentes, com uma falha qualquer. Logo, se não houvessem doenças não existiriam guerras, nem fome, nem injustiças. A Terra seria um eterno Paraíso enquanto por cá andássemos.



Sarah Matias, operária fabril



Maria Guiomar, estudante

TRANSPORTES "TIR"

Grupo de Transitários reúne-se esta tarde

Um grupo de transitários reúne-se esta tarde no Clube Alemão para tratar de assuntos relacionados com os transportes internacionais rodoviários, objecto de reportagem recente nas nossas colunas. A reunião, a que estará presente um delegado do Grémio dos Transitários principia às 19 horas, realizando-se no edifício Angola, 2.º andar, na Av. Duarte Pacheco.

As dificuldades encontradas nas descargas de mercadorias nos terminais de Santa Apolónia e Matosinhos e os consequentes problemas levantados a importadores e transportadores constituem o fulcro dos temas a tratar.

UM VELHO AMIGO



sempre
fixe

um Grande Semanário Popular
TODOS OS SÁBADOS

BASTA SABER LER!

NOVIDADES LITERÁRIAS

«O GAVIÃO LOUCO» — Prémio GONCOURT 1972. Obra-prima da literatura francesa. Best-seller em França — 110\$00

«ROMANCE TEATRAL» — De Mikail Bulgakov. Um autor esgotado em Moscovo. Uma obra que é um grito de liberdade. Um escritor perseguido na época estaliniana. Um êxito literário — 75\$00

«O HOMEM OU A NATUREZA?» - TUDO SOBRE POLUIÇÃO — De Edouard Bennefeus — As ameaças sobre o solo, fauna, rios, oceanos. A defesa contra a radioactividade. Obra indispensável ao homem de hoje — 120\$00

«O TEMPLO DOIRADO» — De Yukio Mishima. A história do templo KINKAKUTI, incendiado apesar de ser uma das maravilhas do Japão. O autor brilhante escritor, fez HARA-KIRI — 80\$00

«O ROMANCE DO ROMANCISTA» — de Alberto Pimentel. Prefácio e notas de Alexandre Cabral. A vida de CAMILO CASTELO BRANCO contada em pormenor: os seus amores, a sua prisão, as suas famosas polémicas. Uma obra histórica que enriquece o leitor — 90\$00

A VENDA NAS LIVRARIAS. PEDIDOS A

Livraria A. M. Pereira, Lda

LIVREIROS-EDITORES

RUA AUGUSTA, 44-54 — LISBOA

DL/NACIONAL

VARANDA DO TEJO

O RESTAURANTE QUE LISBOA PRECISAVA
Experimente almoçar ou jantar num ambiente diferente.
S: problemas de estacionamento
Aberto todos os dias até às 24 horas
ESTAÇÃO MARÍTIMA DE ALCÂNTARA 1.º ANDAR
Tel. 665002

A propósito da Páscoa

CONSELHOS AOS AUTOMOBILISTAS

A propósito das viagens inerentes à quadra da Páscoa, a Prevenção Rodoviária Portuguesa aconselha aos automobilistas:

— Descanse o mais possível durante a noite que antecede a viagem.

— Segure a sua vida: utilize sempre o cinto de segurança.

— Utilize estradas menos frequentadas, sempre que possível, pois o grande caudal de trânsito exige uma maior atenção, que provoca mais rapidamente a fadiga. Mesmo cir-

culando por estradas menos frequentadas, não confie em demasia. Conduza desconfiado mas sem excesso de confiança.

— Não se deixe tentar, de forma alguma, pela febre das ultrapassagens. Ultrapasse

apenas quando tiver a certeza absoluta de que poderá completar a manobra sem correr o mínimo risco e sem colocar em situação de perigo os outros utentes da via pública.

— Pare e descanse, sem esperar que surjam os primeiros sintomas de fadiga.

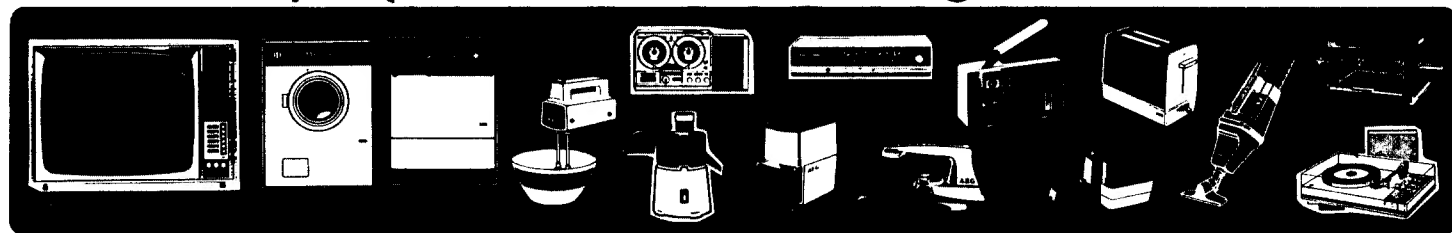
— Evite, antes ou durante a viagem, as refeições pesadas e as bebidas alcoólicas.

E não se esqueça: VELOCIDADE MODERADA, SEGURANÇA REDOBRADA.

nesta páscoa
ofereça qualidade



Ofereça, nesta Páscoa, qualidade em electricidade. Prefira para as suas prendas os aparelhos e electrodomésticos AEG TELEFUNKEN um presente que junta o útil ao mais agradável.



Festival do Orfanato de Santa Isabel

No próximo dia 4 de Maio, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, efectua-se a tradicional festa anual em benefício do Orfanato Escola Santa Isabel, de Albarraque.

Dirigido por Marques Vidal (que também efectua, de colaboração com Natália Maria e Manuel Seleiro, a locução do «show») este espectáculo conta com a actuação de diversos artistas populares: António Calvário, Artur Garcia, Carlos Alberto Vidal, Daniel Garcia, Dina do Carmo, Fernanda Baptista, Fernanda Maria, José Cheta, Margarida Amaral, Maria Helena Silva, Maria de Lurdes Resende, Paulo Jorge, Rodrigo e as jovens fadistas Maria Solidão e Saudade Maria. No cartaz: acompanhamentos musicais por uma orquestra dirigida pelo maestro Tavares Belo, os guitarristas José Maria Nóbrega, António Chafinho, Manuel Mendes, Júlio Gomes e, ao piano, Jorge Machado.

No decorrer do festival são apresentados ao público os 12 melhores classificados no certame «A oportunidade», levado a cabo por Marques Vidal.

O espectáculo é permitido a maiores de 6 anos.

Música em Fanhões

No próximo domingo, pelas 16 horas, efectua-se em Fanhões (no Largo da Igreja) um concerto pela banda de música dos bombeiros voluntários locais. É regente o ten. Domingos Fernandes Canhão.

"Diário de Lisboa"

Comunica-nos o presidente do centro galego «Juventud de Galiza» que, na última assembleia geral da colectividade, foi aprovado um voto de agradecimento ao «Diário de Lisboa» pela colaboração prestada.

— A mesa administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Cascais, na sua última reunião, aprovou um voto de louvor ao nosso jornal pelo auxílio prestado à instituição no ano findo.

— Igualmente a mesa administrativa da Irmandade de Santa Cruz e Passos do Desterro nos agradeceu a divulgação dada às suas actividades.

Mais caçadores, menos caça

Vão algo distanciados os tempos em que na capital, especialmente, abundava relativamente a carne de caça, por sinal de ótima qualidade e por isso bastante apreciada pelos gastrónomos, vendável tan-

Constituídas por animais silvestres, razão porque lhe chamam **brava**, lebre, coelho, perdiz, pombo, pato, rola, narceja, galinhola, tarambola, etc, estas espécies vão rareando ano após ano devido a factores

rência de medidas que protejam eficazmente tão importante riqueza nacional como a caça é, esta escasseia assustadoramente. O processo que patenteia e revela mais acentuadamente após a publicação do actual regulamento, contribui não somente para o despovoamento, por aniquilamento, das espécies em extensas regiões onde a prática do acto cinegético é livre, como constitui autêntico atentado contra os sagrados e seculares direitos à usufruição deste bem comum do povo português.

Realmente, se em 1938 havia no continente 68 796 caçadores e se, decorridos apenas 20 anos, o número destes desportistas já se elevava a 142 411, subindo para 158 914 em 1972 e cerca de 200 mil em 1973;

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Tabacaria e Papelaria «Reliquia-Notidades», Quinta S. João, 3 REBELVA CARCAVELOS

se a área de caça livre tem diminuído assustadoramente nos últimos anos. Se a época venatória é demasiado dilatada atenta a reconhecida baixa densidade de espécies da fauna cinegética, tanto indígenas como migrantes, algumas das quais caminham velozmente para a sua extinção (em 35 das 50 províncias da nossa vizinha Espanha, devido à escassez de animais, a prática da caça às espécies menores, incluindo as aquáticas, está reduzida a dois dias semanais — 5.ªs-feiras e domingos, pelos mesmos motivos que entre nós imperam a baixa densi-

dade de exemplares da fauna». Vejamos, em face dos números do quadro seguinte a justificação irrefragável do que vimos afirmando sem receio de desmentido sério, isto é, não

No último triénio, 71/74, o afluxo de peças de caça à capital foi bastante inferior à média encontrada para os quinquénios 1951/71 como se deduz dos seguintes valores:

1971-72	16.605	15.999
1972-73	30.097	18.120
1973-74	39.377	22.146

s sofisticado, para o que apontamos o total de peças de caça e seu peso que afluíram ao comércio lisboeta nas épocas venatórias indicadas na primeira coluna:

Épocas venat.	Peças	Quilos
1951/56	509.869	301.599
1957/61	364.484	204.703
1962/66	210.672	125.678
1967/71	163.552	92.759
total	1.248.577	724.739
Média anual	62.428	36.23

De onde se infere sem esforço que a caça na alimentação da capital vem decrescendo constantemente, pois de 139.252 cabeças de espécies indígenas em 1951/52, com o peso de 82.186 quilos de carne, estamos reduzidos a 37.377 peças com o peso de 22.146 quilos, em 1973/74.

Há ou não há motivo para solicitar a quem de direito que com urgência dispense às espécies venatórias a protecção a que tão valiosa riqueza nacional tem incontestado jus e não lhe tem sido prestada?

NABAIS DA CUNHA

to nos estabelecimentos da especialidade como através dos ambulantes que, soltando o clássico pregão «caça brava», atraíam a atenção da freguesia apreciadora do manjar.

vários entre os quais a escassa protecção que lhes é dispensada.

Com efeito, o problema venatório português está gravemente enfermo. Por notória ca-

Os industriais de litografia votam contra a fusão

A assembleia geral do Grémio dos Industriais de Litografia, reunida no Porto, votou contra o projecto de fusão dos grémios ligados às indústrias gráficas, num futuro Grémio das Indústrias Gráficas e Transformadoras do Papel. A resolução foi tomada por 104 votos contra 53.

O projecto de fusão, que engloba os actuais Grémios dos Industriais de Litografia e Retrogravura, Industriais de Cartonagem e Correlativos do Norte, Industriais de Cartonagem, Sobrescritos, Sacos de Papel e Correlativos do Sul e Industriais de Artes Gráficas, já havia sido aprovado por este último grémio, no dia 18 de Março. O processo de fusão está a ser conduzido por uma comissão nomeada pelo Ministério das Corporações de que fazem parte elementos que, na assembleia geral dos Industriais de Litografia, votaram contra o projecto, modificando as suas anteriores posições. A razão de tal volte-face residiria em «motivos sentimentais».

A decisão tomada pode vir a afectar, pelo menos atrasar, a constituição do novo grémio, provocando a consternação dos actuais directores: «A direcção sente-se magoada, uma vez que não merecia esta desfeita», declarou o presidente, dr. Mendes Leal. Resta saber se a direcção tentará apresentar de novo a questão em assembleia geral ou se terá lugar uma intervenção ministerial.

DIFICULDADES

Aberta a discussão da ordem de

trabalhos, falou o presidente da direcção, dr. Mendes Leal, que deu grande relevo aos problemas da contratação colectiva, sugerindo também a formação de uma associação de jovens industriais gráficos. Ocupando-se da situação actual das artes gráficas em Portugal, disse que a indústria é considerada prioritária no IV Plano de Fomento. Mas que em contrapartida, estava a exportar-se pasta e papel, embora o nosso mercado não se encontrasse suficientemente abastecido. Fez ressaltar os inconvenientes dessa orientação para depois acentuar: «Se conseguirmos resolver os problemas do financiamento da matéria-prima, poderemos tornar a indústria mais rendível».

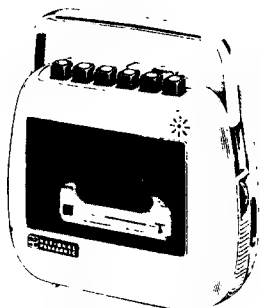
Falou, depois, o dr. Mendes Leal da necessidade de diversificação na indústria gráfica. «É uma dor de alma — disse — saber que jornais têm máquinas paradas, numa sobrecarga de tempos mortos. Nós fazemos muito pouco uso de um mercado diferenciado que existe».

A concorrência de empresas oficiosas foi focada pelo dr. Mendes Leal com veemência e citação de exemplos e valores de financiamento. Lamentou, nesses sectores, a proliferação de serviços. E acabou por concluir que se impõe um estudo da conjuntura para a nossa indústria, seguido de medidas firmes. E sublinhou: «Os problemas não se resolvem apenas com palavras — mas sim com acção».

Finalmente, o relatório e contas da gerência de 1973 foi aprovado por unanimidade.



Uma prenda de Páscoa que seus filhos vão adorar.



O gravador RQ 711

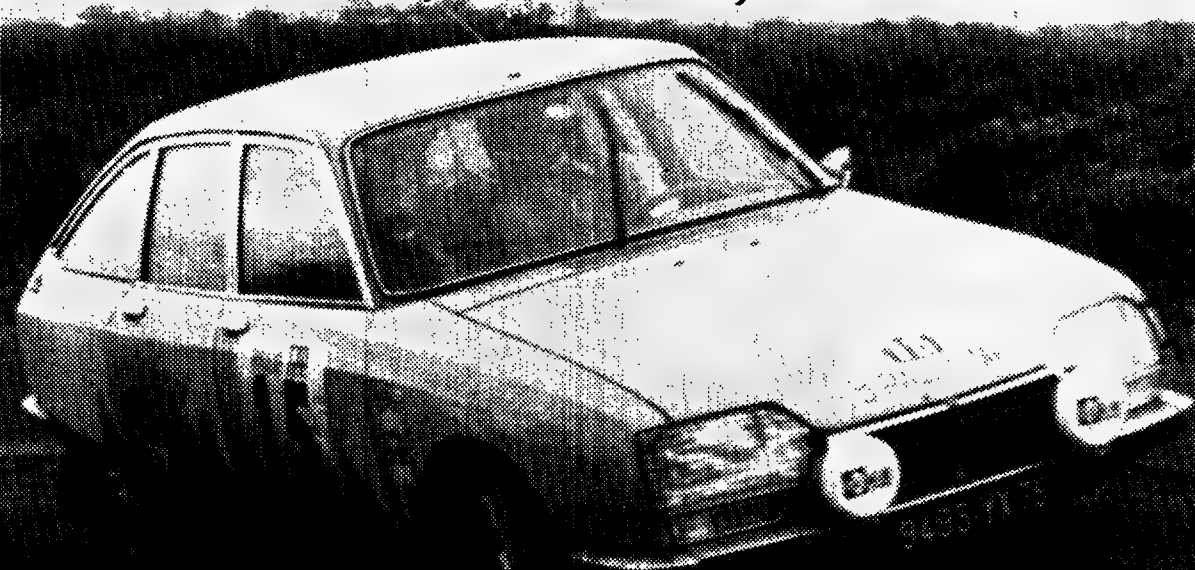
MICROFONE INCORPORADO
CONTROLO AUTOMÁTICO DE NÍVEL DE SOM
PILHAS E CORRENTE
4 CORES A SUA ESCOLHA
AZUL, AMARELO, VERMELHO, VERDE



National

sonipol
LISBOA - PORTO - FARO

OS CITROËN^GS andam, andam, andam...



8º RALLYE TAP

118
carros à partida

36
carros à chegada

3
CITROËN à partida

3
CITROËN à chegada

1º e 2º
lugares da categoria

F. Romãozinho - N. Silva, em CITROËN^GS
(o português mais bem classificado)

A. Sampaio - J. Bernardo, em CITROËN^GS

Motor moderno, sistema de travagem fiel, direcção precisa e uma suspensão sem igual — eis algumas das características CITROËN.

Qualquer CITROËN é profundamente equilibrado e homogéneo. Capaz, por isso mesmo, de vencer carros de maior cilindrada e mais potentes. Com o conforto CITROËN. Com a economia CITROËN.

CITROËN^GS

DL/NACIONAL

Terminou ontem o congresso de alergia e imunologia

O I Congresso Luso-Brasileiro de Alergia e Imunologia, iniciativa da Sociedade Luso-Brasileira de Alergia e Imunologia, terminou ontem em Lisboa. A sessão de encerramento, que decorreu na sede da Junta Distrital, presidiu o eng.º Ribeiro Ferreira, presidente daquele organismo, ladeado pelos profs. Júlio Croce, Paulo Dias da Costa, Paulo Leser (Pal) e dr. Mário Damas Mora.

No final da sessão, foi entregue ao dr. Mário Damas Mora a medalha de Mérito de ouro da Junta Distrital de Lisboa.

- Ser responsável
- Ter uma ocupação independente e compatível com a época actual
- Alcançar remunerações apreciáveis que lhe proporcionem independência económica
- São realidades ao seu alcance
- Responda ao apertado 1425

AS JOIAS E AS PRATAS DA

Curiosaria da
GUIA

... GARANTIA DE PROBIIDADE
E COMPETÊNCIA



RUA D. DUARTE, 4-8
(Edifício do Hotel Mundial)

MOÇAMBIQUE

A crise do petróleo e a produção de algodão

LOURENÇO MARQUES.
— (L.) — A crise ou certas carências industriais que a escassez e aumento do preço do petróleo vieram provocar, causaram dificuldades à produção de fibras sintéticas. Daí a razão por que aumentou a procura de algodão, a que correspondeu uma oferta de melhores preços, por parte dos consumidores.

Necessariamente que o produtor moçambicano se haveria de sentir atraído por essas cotações. Essa a razão porque a Administração se viu na necessidade de formular um processo de abastecimento de algodão à indústria têxtil local.

REGRAS
A OBSERVAR
Do sistema de abastecimento

posto em vigor consta que, até 30 de Novembro de cada ano, os industriais têxteis, estabelecidos em Moçambique, que utilizem algodão-rama como matéria-prima, deverão declarar, ao Instituto de Algodão, por escrito, quais as quantidades, por tipos de rama, que desejam adquirir na campanha seguinte.

As quantidades de rama destinadas ao abastecimento da indústria têxtil deste Estado serão objecto de livre contrato entre os industriais têxteis, os comerciantes ou produtores de algodão.

Foi fixado o dia 28 de Fevereiro de cada ano como prazo limite para a efectivação de contratos em regime livre, ao respeitante ao abastecimento da indústria têxtil deste Estado, devendo nessa data os industriais comunicar ao instituto, justificando, o quantitativo de ramos de algodão que não conseguiram contrariar.

A partir da data fixada e só no caso de não estar completamente abastecida a indústria local, todos os contratos de venda de algodão-rama para exportação, submetidos à aprovação do Instituto do Algodão serão postos à opção das firmas industriais até ao remanescente dos quantitativos de que carecem.

No caso de existir mais de uma empresa têxtil interessada no mesmo contrato, em regime de opção, o Instituto entregará o algodão ao industrial que oferecer melhores preços ou, em igualdade de preços ao industrial que esteja mais longe de atingir os totais referidos. Os preços a pagar pelos industriais têxteis serão acordados entre os contratantes e no caso de usarem o direito de opção este será exercido com base nos preços FOB dos contratos submetidos à aprovação do Instituto.

CONCURSO PARA EMPREITADAS NA ÁREA DE SINES

Na delegação em Lisboa do Gabinete da Área de Sines, Rua de Artilharia Um, n.º 33, realizaram-se os actos públicos referentes aos concursos das empreitadas n.ºs:

- 1/74 — Construção de Duas Passagens Inferiores da R 52 no Nó de Sines, com um valor base de 7.500 000\$00.
- 2/74 — Construção de uma Escola Primária com 10 Salas de Aula em Santo André, com uma base de licitação de 6 182 000\$00.
- 3/74 — Construção do Nó Rodoviário no Cruzamento das Vias R 41 e R 52 com uma extensão de 8349 metros e de parte da Via R 52 com uma extensão de 5217 metros, cujo preço base era de 66 236 181\$00.

Ao primeiro dos concursos apresentaram-se 4 firmas com as seguintes propostas:

- | | |
|--|----------------|
| — ANTONIO VEIGA — Empresa de Construções, S.A.R.L. | 11 974 453\$40 |
| — EMPEC — Empresa de Estudos e Construções, Lda. | 11 628 762\$50 |
| — OPCA — Nova Organização de Obras Públicas e Cimento Armado, Lda. | 9 926 063\$90 |
| — GLENVILLE A. MARQUES | 9 952 830\$00 |

Para o segundo concurso foram apresentadas as seguintes propostas:

- | | |
|--|----------------|
| — Sociedade de Construções Soares da Costa, S.A.R.L. | 12 956 068\$40 |
| — Materiais Novobra, S.A.R.L. | 8 734 452\$50 |
| — Edificadora Luz & Alves, Lda. | 17 141 963\$00 |

Para o terceiro dos concursos adquiriram cadernos de encargos 11 firmas interessadas, tendo sido apresentadas a concurso as 7 seguintes propostas:

- | | |
|--|-----------------|
| — ANTONIO VEIGA — Empresa de Construções, S.A.R.L. | 73 913 584\$40 |
| — JOSE BENTO PEDROSO & FILHOS, LDA. | 105 679 148\$60 |
| — GIL DE ANDRADE E SILVA & Comp. Lda. | 96 315 650\$00 |
| — SOMAGUE — Sociedade de Empreitadas Somague, S.A.R.L. | 85 884 153\$00 |
| — TOMAS DE OLIVEIRA, Empreiteiros, Lda. | 79 128 473\$50 |
| — OPCA — Nova Organização de Obras Públicas e Cimento Armado, Lda. | 79 825 321\$80 |
| — CONSTRUTORA DO TÁMEGA, LDA. | 81 760 325\$30 |

Presidiu aos trabalhos referentes a estes três concursos o Sr. Eng. José Luís Faria Cândia Martins, chefe da Divisão de Projectos do Gabinete da Área de Sines, fazendo igualmente parte da comissão de abertura de propostas os Srs. Dr. José Nunes Abrantes, chefe dos Serviços Administrativos, Dr. Carlos Manuel da Costa Saraiva, ajudante do Procurador Geral da República e ainda, no primeiro dos concursos o Sr. Eng. José Joaquim Barros e Silva de Moraes, no segundo o Sr. Arq. José Fernando das Neves Silva Pereira, e no terceiro o Sr. Eng. José Sequeira Pinela, técnicos do Gabinete.

Gabinete da Área de Sines, 10 de Abril de 1974

BARCOS FINANCIADOS PELO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 11 — (ANI) — Nos estaleiros da Guanabara foram lançados ao mar mais dois navios de pesca de camarão, do total de dez encomendados por cinco armadores de Moçambique. Dois outros já haviam sido entregues em Fevereiro último.

A cerimónia de lançamento destes últimos, denominados «Nossa Senhora da Guia» e «Nossa Senhora da Esperança», estiveram presentes o cônsul-geral de Portugal, ministro Ribeiro da Silva, um representante

do governador do Estado, o vice-presidente da Assembleia Legislativa, deputado José Pinto, o director do centro empresarial luso-brasileiro, Garrido Torres, e outras personalidades.

Os dois barcos atravessarão nos próximos dias o Atlântico, em direcção a Moçambique, com tripulação chefiada pelo comandante Faustino José de Almeida Silva.

Os dez barcos, que custaram um total de dez milhões de cruzeiros, foram financiados, em quase oitenta por cento, pelo Banco do Brasil.

Viação perigosa:

SENHORA MORTA JOVEM EM COMA E HOMEM FERIDO

Foi mortalmente atropelada em Sarilhos Grandes, Gertrudes Rosa Guerreiro, de 38 anos, residente naquela localidade.

Próximo da Praia das Maças, uma jovem de identidade desconhecida, e que aparenta ter

20 anos, ficou gravemente ferida quando o automóvel que conduzia se despiçou. Está internada no Hospital de S. José, em estado de coma.

Também em Setúbal foi gravemente atropelado João Fernando de Sousa, de 45 anos.

JOSÉ BOTAS

Proprietário dos estabelecimentos abaixo de artigos para Fotografia e Cinema, informa todos os seus clientes e amigos, que por motivo da quadra da Páscoa, os mesmos estarão encerrados na 6.ª feira e no sábado.

COLORFILME LDA.

Rua Pascoal de Melo, 135 A

FIUSCA, LDA.

Av. Guerra Junqueiro, 17 A

CINE-OBJECTIVA

Av. Duque de Loulé, 108

Sindicato Nacional dos Operários Vidreiros e Ofícios Correlativos do Distrito de Leiria

Rua Dr. Manuel Francisco Alves, 13

MARINHA GRANDE-T. 52783

CONVOCATÓRIA

De harmonia com o n.º 1 do Art.º 9.º do Decreto-Lei n.º 51/72, de 10 de Fevereiro de 1972, convoco a Assembleia Eleitoral para efeito de eleições para os Novos Corpos Gerentes do Sindicato, para o triénio de 1974/76, que terão lugar no dia 26 de Abril de 1974, pelas 20.30 horas, na Sala das Sessões, na Rua Alexandre Herculano.

Serão eleitores, todos os Sócios que obedecerem ao preceituado no n.º 2 do Art.º 1.º do Decreto-Lei supracitado.

Mais se informa que o recenseamento dos sócios eleitores se encontra patente nos Serviços de Secretaria do Sindicato, onde poderá ser consultado durante as horas normais de expediente.

Marinha Grande, 1 de Abril de 1974.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Álvaro Martins Domingues



Informações, Ideias, Impulsos

Feira de Hannover 74
Quinta-feira, 25 de Abril
até sexta-feira, 3 de Maio

Técnica de impulsão • Máquinas de construção e para a produção de materiais de construção • Materiais e elementos de construção • Técnica de informação e de escritório • Materiais químicos, borracha e técnica de plásticos • Ferro e aço • Electrotécnica • Óptica e mecânica de precisão • Clima, frio, ar • Motores • Máquinas de transformar plásticos e máquinas de transformar borracha • Técnica de montagem e de manipulação • Autómatos de moedas • Técnica de superfícies Ferramentas.

Enviamos com muito prazer o programa completo dos congressos especializados e informações sobre ramos em que V. Ex.ª esteja interessado

DEUTSCHE MESSE AUSSTELLUNGS-AG
D 3 Hannover Messegelände, Tel. (0511) 891, Telex 0922728

Venda de cartões de ingresso: na representação em Portugal
KÜHNE & NAGEL, LDA. Transportes Internacionais
Rua das Flores, 77, 2. LISBOA 2-Tel. 34405/6
Rua Infante D. Henrique, 113-117, PORTO-Tel. 22581

DI/NACIONAL

DESESPERO DE UM JOVEM MOÇAMBICANO

Caso insólito de Poligamia em terras portuguesas

LOURENÇO MARQUES — (L.) — Tanto quanto se sabe, nos esquemas sociais da vida tradicional africana em Moçambique sempre coube aos homens o direito da prática oficial da poligamia, como sistema matrimonial legalizado. Tal prática, ao tempo considerada das mais eficientes ao capítulo da natalidade, permitia, com o beneplácito da autoridade gentílica, que o homem pudesse casar e viver comunitariamente com 20 a 50 mulheres, já que nem todas chegavam a gerar filhos.

Hoje, embora praticamente extinta nas sociedades africanas fixadas em zonas urbanas, a poligamia ainda sobrevive nas zonas rurais, sobretudo nas famílias agarradas ainda a essas leis primitivas. Um dos seus princípios fundamentais subsiste porém entre as camadas africanas, o «lobolo», como única via de legitimação do casamento.

QUAL DOS DOIS?

Contudo, na capital deu-se justamente o inverso daqueles fenómenos. Um caso considerado insólito mesmo entre as filsoficas «banjas» dos régulos: uma jovem casadoira foi «lobolada» por dois homens. Será este fenómeno invulgar o prenúncio de nova era na história dos casamentos tradicionais, em que as mulheres também possam estar habilitadas a casar e viver maritalmente com dois homens?

A história em questão foi descrita ao matutino «Notícias» por um dos cônjuges nela envolvidos, de nome Pedro João Massarongo, de 23 anos de idade:

«Após alguns anos de namoro com a menina Glória Aurélio Chitete, de 18 anos, pedi-a em casamento segundo os nossos usos e costumes e comprei-lhe tudo quanto a família para o efeito me exigiu, gastando um total de oito contos. Passado algum tempo e, também por im-

posição dos pais, tirei 1500 dos 3500 escudos que me pediram de «lobolo». E como desta feita estivesse legitimado o nosso casamento face aos familiares, pois o casamento oficial dependeria de nós, passámos a viver juntos durante dois anos, tendo-nos nascido uma filha. Chegado o tempo do cumprimento das obrigações militares fui mobilizado e volvidos alguns meses transferido para o Norte, onde fiquei dois anos e meio. Faltavam-me precisamente cinco meses para regressar, quando ela abandonou a minha casa levando consigo a filha para a casa dos pais. Lá, arranhou um namorado, o qual e com o consentimento dos pais, também a pediu em casamento e «lobolou» pela quantia de 3000 escudos».

Prosseguindo, afirmou ainda Pedro Massarongo:

«Quando regressiei, desloquei-me à casa dos meus sogros a fim de deslindar o caso da minha mulher, mas eles limitaram-se a pedir-me o resto do «lobolo» e a que tratasse do casamento oficial. Sei que o outro também lhe disseram para começar a tratar da papelada para o casório. Afinal qual de nós dois vai ser marido dela! Casará com ambos ao mesmo tempo ou foi simples negócio para os pais?»

Quase que num desafio consigo mesmo, finalizou:

«Então ela própria confirmou haver sido «lobolada» por outro homem e confessa-se indecisa sobre qual dos dois irá escolher. Como irei, assim, casar-me com ela?».

Novo director do laboratório de Engenharia Civil

O eng.º Júlio Perry do Espírito Santos Borges, que desempenhava o cargo de subdirector do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, foi agora nomeado director daquele organismo, em substituição do eng.º Manuel Rocha.

Formado em engenharia civil pelo I.S.T., cujo curso concluiu em 1945, aprofundou posteriormente os seus estudos em Estocolmo, nos domínios das estruturas e do betão armado. Desde fins dos anos quarenta que exerceu vários cargos no L.N.E.C., tendo participado em diversos organismos nacionais e internacionais da sua especialidade, assim como em congressos e simposios, e é autor de numerosos estudos e publicações técnicas. Exerce desde 1955 o cargo

de vogal do Conselho Superior das Obras Públicas, foi professor assistente no I.S.T. e fez parte do Conselho Consultivo do gabinete sobre o Tejo.

Padaria sem horário

No decorrer dos dias da Semana Santa, as padarias do Porto não cumprirão qualquer horário especial, fixando-se, portanto, o horário estabelecido e em vigor, segundo deliberou a Direcção do Sindicato Nacional dos Operários e Empregados na Indústria de Panificação do Distrito do Porto, na sua última reunião.

ARMAZÉNS do MINHO

Sede: Rua José Duro, 29

Avenida de Roma, 106

Rua Moraes Soares, 54

Estrada de Benfica, 449

Póvoa de St.º Adrião — Junto ao Jardim

ALCATIFAS E TAPETES MAIS BARATO QUE AS FÁBRICAS

DESDE ... 125\$00

COLOCAÇÃO GRATIS



PÁSCOA FELIZ
ESTAMOS EM VILAMOURA
OFERECEMO-LHES
GOLFÉRIAS



mediadora autorizada

SOTERRA, Lda.

Rua Rodrigues Sampaio, 52-2º Telef. 51983-50596-Lisboa 2

DL/ESTRANGEIRO

MATÉRIAS-PRIMAS NA ONU

"Mudança radical nas relações comerciais"

-sugestão de Michel Jobert

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 11 (UPI-ANI) — O ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Michel Jobert, solicitou ontem mudanças radicais nas relações comerciais entre os países industrializados e em desenvolvimento, para se poder criar uma maior estabilidade na ordem económica internacional.

Dirigindo-se aos delegados presentes na sessão especial da assembleia geral, Jobert afirmou que não seria necessário muita coisa «para saltar duma situação de descida para uma depressão e daí para uma crise mundial de grande amplitude, cujas repercussões seriam catastróficas».

Para remediar a situação, o ministro francês apresentou uma série de propostas tendentes a:

— Realizar uma conferência mundial de energia.

— Criar um centro de gestão económica sob a égide das Nações Unidas.

— O estabelecimento dum conjunto de tratados sobre as matérias primas importadas pelos países industrializados e em desenvolvimento.

— Uma série de medidas especiais de ajuda às Nações mais pobres.

— Em particular, a comunidade internacional devia concentrar-se na organização dos mercados de cereais e petróleo.

No caso dos cereais, «devemos promover mecanismos de ajuda para a maioria dos países menos privilegiados» — acrescentou.

Retirando a opinião francesa de que os países do Euro-mercado têm uma posição independente nas suas relações com o Médio Oriente, Jobert declarou:

«A França deseja, conjuntamente com os outros membros da comunidade europeia, entabular um diálogo com os países árabes, inspirado pela determinação de estabelecer uma cooperação a longo prazo e com benefícios mútuos entre os dois grupos de países, geograficamente vizinhos, cujo futuro comum deve ser delineado sem mais demora».

No campo da ajuda Jobert opinou: «Devíamos ter em mente dois factores: em primeiro lugar há a necessidade de arranjar rapidamente meios para ajudar as Nações mais necessitadas, as quais estão a sofrer os efeitos do aumento do custo de energia, fertilizantes e cereais, assim como as consequências da erosão monetária sem receberem nada de volta...».

«Numa segunda fase, devemos examinar a maneira de introduzir uma política mais racional de cooperação entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento».

A PÉRSIA OFERECE

Entretanto, o primeiro delegado de um grande produtor de petróleo a usar da palavra na sessão extraordinária da ONU, o ministro persa das Finanças, Jamshid Amouzegar ofereceu parte substancial dos

lucros à assistência aos países em vias de desenvolvimento.

Neste sentido, Amouzegar apresentou a proposta feita pelo xá da Pérsia de se criar um fundo especial de desenvolvimento com o capital inicial de dois ou três biliões de dólares.

No ano corrente — disse — a Pérsia forneceria ajuda bilateral e multilateral no montante superior a 1,5 biliões de dólares, mais do que qualquer outro país havia oferecido, relativamente ao seu produto nacional bruto, na história da assistência ao desenvolvimento.

Este fundo seria financiado conjuntamente pelos países exportadores de petróleo e pelas nações industrializadas.

O ministro persa, na sua alocução, analisou ainda em pormenor o aumento do preço do petróleo, o qual — salientou — fora demasiado pequeno para os países produtores e conduziria em breve à exaustão dos recursos disponíveis se continuasse a ser mantido a nível baixo.

Por seu turno, o presidente da Libéria, William Tolbert, falou ontem nas Nações Unidas acerca do número crescente de países em desenvolvimento que estão apanhados entre uma inflação mundial crescente e uma diminuição da ajuda estrangeira.

A menos que sejam tomadas as devidas providências, essas nações «afundar-se-ão ainda mais no atraso económico» — avisou.

MAIS PETROLEO SAUDITA PARA COMPANHIAS DOS E.U.A.

SAN FRANCISCO, 11 (F.P.) — O conselho de administração da ARAMCO (Arabian American Oil Company) adoptou um projecto visando elevar para onze milhões de barris por

dia a produção da companhia na Arábia Saudita, contra cerca de 8,5 milhões actualmente, declarou um informador oficial da

A decisão da ARAMCO sugere que a companhia está disposta a efectuar novos investimentos na Arábia Saudita.

Parece assim confirmar-se que a ARAMCO e a Arábia Saudita estão prestes a chegar a um acordo de longo prazo, no âmbito do qual este país tomaria inteiramente o controlo da companhia em troca de um fornecimento garantido às companhias de petróleo americanas. A companhia, pelo seu lado, procuraria elevar para vinte milhões de barris por dia a sua capacidade daqui até 1980, o que representa um investimento de dois milhares de milhões de dólares.

ARAMCO é composta pelas companhias americanas, Exxon, Mobil, Texaco e Standard Oil of Califórnia.

Tomando a palavra como terceiro orador da sessão especial da assembleia geral, Tolbert pediu a todas as nações que «encontrassem novas combinações aceitáveis de cooperação económica e interdependência entre as nações desenvolvidas e em vias de desenvolvimento».

Tendo em vista a situação actual, o presidente apelou para que os países industriais não cortassem a sua ajuda financeira, de forma a que «o caminho de desenvolvimento e crescimento nos países menos desenvolvidos não fique estagnado».

Guerrilheiros árabes atacam em Israel

TEL-AVIV, 11 (R.) — Um grupo de guerrilheiros árabes ocupou hoje um edifício na cidade israelita de Kiryat Shmone, no norte do país, e das janelas abriu fogo indiscriminado contra todas as pessoas que passavam na rua ao alcance das suas armas, anunciou esta manhã a Rádio israelita.

A polícia confirmou mais tarde a notícia dada pela Rádio e disse que forças de segurança cercaram o edifício, travando tiroteio com os ocupantes. Durante o tiroteio já foi ferido um polícia.

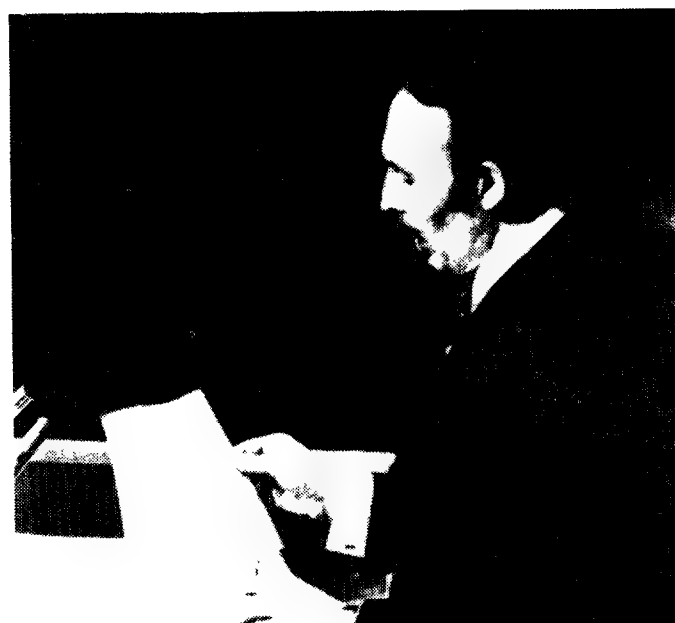
Os guerrilheiros entraram em Kiryat Shmone, que fica perto da fronteira libanesa, às 7.30, disparando em todas as direcções. O ataque colheu a população de surpresa e não se sabe, por enquanto, a que organização pertencem os guerrilheiros nem de onde vieram.

Forças do Exército israelita foram enviadas para Kiryat Shmone e cercaram completamente a cidade, bloqueando todas as estradas de acesso. As ruas foram evacuadas de população civil e os soldados colocaram-se em postos de combate de modo a cortar a retirada aos guerrilheiros.

Ex-mulher de Amin na prisão

KAMPALA, 11 (FP) — Mama Maliamu, uma das antigas esposas do chefe do Estado ugandês, general Idi Amin Dada, foi presa ontem, na fronteira com o Quênia, anunciou a rádio ugandesa. Acusada de tentar introduzir ilegalmente no Quênia tecidos fabricados no Uganda, Mama Maliamu será levada a tribunal. Há duas semanas, o presidente Amin separou-se de três das suas quatro mulheres, indicando que são «inimigas do país» e devem responder em tribunal. Mama Maliamu é irmã do antigo ministro dos Negócios Estrangeiros ugandês Wanume Kibedi.

Em ÁGUEDA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Agência Oliveira Salazar, 54.



O presidente da Argélia, Houari Boumedienne, que requereu a reunião da ONU, proferiu um discurso em que defendeu o direito de nacionalização como condição fundamental para o desenvolvimento económico. Boumedienne visita hoje Washington e parte amanhã para Cuba (Telefoto UPI-Teleimprensa-DL)

igualmente entrincheirados numa casa próxima.

Forças do Exército estão a tomar parte no tiroteio, ao lado dos polícias.

BRIGADA SUICIDA

DAMASCO, 11 (R.) — Um grupo de comandos palestinos anunciou aqui que uma das suas «brigadas suicidas» tinha levado a cabo esta manhã o ataque à povoação israelita de Kiryat Shmone.

Segundo a mesma informação, os guerrilheiros conservam em seu poder vários reféns israelitas nos edifícios que ocuparam.

Chabam-Delmas recorre ao "espantalho comunista"

PARIS, 11 (R) — Chabam-Delmas, o principal candidato Gaullista à presidência, avisou hoje o eleitorado francês dos «perigos da esquerda» ao ser entrevistado pela rádio.

Comentando pela primeira vez em público as consequências das próximas eleições presidenciais, o candidato da UDR disse: «Existe o perigo de que François Mitterrand e os seus amigos co-

munistas introduzam um sistema de partido único em que prevaleça a censura mais completa e a falta de liberdade, o que na minha opinião seria um inferno».

O antigo primeiro-ministro declarou ainda ao entrevistador: «Sou o homem mais bem colocado para barrar o caminho a Mitterrand e para evitar uma situação dramática ou mesmo catastrófica à França».

ORDEM DO GOVERNO BRASILEIRO: Antigos dirigentes afastados da política

RIO DE JANEIRO, 11 (R) — O regime militar do Brasil ordenou a antigos dirigentes políticos e a intelectuais do país para se manterem afastados da política, após terem expirado ontem algumas das sanções políticas que lhes foram impostas há 10 anos.

O ministro da Justiça, Armando Falcão, avisou esses antigos dirigentes, incluindo dois ex-presidentes, para se conservarem politicamente inactivos.

O dia de ontem assinalou o termo de um período de 10

anos da perda de todos os direitos políticos de 102 chefes políticos incluindo o presidente João Goulart, deposto pela ocupação militar de 31 de Março de 1964, dos membros do seu gabinete e do seu predecessor, Jânio Quadros.

Os denominados «cassados» (indivíduos privados de direitos civis) recuperam agora o direito de voto, mas não poderão filiar-se em partidos políticos, candidatar-se a eleições ou exprimir publicamente opiniões políticas.

Phnom-Penh: aperta-se o cerco

PNHOM-PENH, 11 (F.P.)

Os Khmers Vermelhos reforçam as suas forças em volta da capital do Camboja a dois dias da celebração do Ano Novo cambojano, que começa em 13 do corrente.

Ontem à noite, a artilharia da capital bombardeou longamente as concentrações do inimigo na margem leste

do Mekong, quase em frente de Phnom-Penh.

Entretanto, a capital vive já a hora do Ano Novo. As reuniões dançantes sucedem-se. Nos diversos bairros, surgiram os jogos populares, mas a rádio adverte repetidamente contra o perigo dos jogos de dinheiro que estão proibidos pelas autoridades.

Nova ameaça contra o governo da Etiópia

ADDIS ABEBA, 11 (UPI/ANI) — Seca, fome, greves e agora um Parlamento em rebelião, ameaçam o vacilante Governo de um mês do primeiro-ministro etíope, Lij Endalkatchew Makonnen.

A maioria dos 250 deputados da Câmara Baixa, vociferando e dando murros nas secretárias, evitou ontem que o primeiro-ministro proferisse uma alocução numa sessão conjunta do Parlamento.

Ao serem informados de que Makonnen tencionava apresentar em pormenor um livro branco no qual, em termos revolu-

cionários, eram estabelecidas reformas sociais, económicas e políticas, os deputados explodiram de ira, exigindo que ele falasse acerca da corrupção e da seca.

O primeiro-ministro não chegou a entrar na Câmara. Seguidamente, os deputados concordaram em apresentar uma lista de perguntas, e convidaram o primeiro-ministro a regressar ali na próxima semana a fim de lhes responder.

A greve de duas semanas dos empregados encarregados da recolha do lixo e da limpeza

das ruas teve ontem o seu clímax com a demissão do presidente do Município de Addis Abeba, Jallé-Giohis Workneh. Nomeado pelo imperador Haile Selassie, o presidente da Câmara tem sido acusado de corrupção.

Entretanto, entrou no quarto dia a paralização de trabalho por parte de motoristas de autocarro, ao passo que empregados do hospital de Amara, também em greve, recusaram autorização ao restante pessoal de fazer entrega de alimentos aos doentes.

DL/ESTRANGEIRO

TV francesa : tempo igual para todos os candidatos

PARIS, 11 (Por Bernard Ullmann, F.P.) — Uma das primeiras tarefas de Alain Poher, presidente interino da República francesa, mais de uma semana antes da abertura «oficial» da campanha eleitoral, marcada para 18 do corrente, terá sido a chamar ao Eliseu Marceau Long, presidente-director-geral da ORTF (rádio-televisão francesa), para garantir junto dele que, debaixo da supervisão da comissão nacional de controlo das operações eleitorais, todos os candidatos disporão, até ao escrutínio da primeira volta, em 5 de Maio, de um tempo de antena igual, ou seja, duas horas na televisão do Estado e duas horas nas emissões radiofónicas de «France Inter».

Essa igualdade formal perante a lei faz com que os candidatos «sérios», que hoje são três (Jacques Chaban-Delmas, Valéry Giscard d'Estaing e François Mitterrand) se encontrem exactamente no mesmo plano de uma boa dezena de candidatos «marginais», representando correntes de opinião desde a extrema-esquerda à extrema direita, passando pelos que defendem a natureza, o direito à felicidade, ou os pescadores à linha, na medida em que tanto estes como aqueles possam obter, em dez departamentos pelo menos, um mínimo de cem assinaturas de apoio por parte de eleitores locais: «maiores», conselheiros gerais, ou parlamentares.

Quando, cansados do pequeno écran e da Rádio, os futuros eleitores franceses se voltarem para o seu jornal encontrarão aí, evidentemente, o essencial, nas colunas da informação destinadas à campanha. Mas, contrariamente ao que se passa em alguns países estrangeiros, poucos jornais franceses tomam, sem ambiguidade, posição por um ou outro dos candidatos, devido ao enfraquecimento da «Imprensa de opinião» desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

E certo que «La Nation» (gaullista) apoia a candidatura de Chaban-Delmas desde que as instâncias superiores da UDR o reconheçam como seu candidato e é certo também que «L'Humanité», órgão oficial do Partido Comunista apoia a de Mitterrand, porta-bandeira da união da esquerda.

Mas, embora alguns cronistas políticos de «Le Monde», grande diário de Informação, apresentem com certa simpatia os argumentos de Mitterrand, ignora-se se o jornal se decidirá a tomar uma posição oficial imitando, pela primeira vez, o exemplo do «New York Times».

Que escolha tradicionalmente um dos partidos em presença «Le Monde» pronun-

ciou-se nas últimas eleições legislativas de Março de 1973 pela união da esquerda.

Do mesmo modo, alguns observadores creem discernir neste ou naquele comentário ou relato do «Figaro» uma certa simpatia por Giscard d'Es-

taing. Mas no dia seguinte poderá ser Chaban-Delmas, ou mesmo Mitterrand, que parecerão beneficiar dela.

Jean-Jacques Servan-schreiber, cuja candidatura ainda é possível, encontrará evidentemente, sem grandes

difficultades, uma tribuna nas colunas do semanário «L'Express».

NOVA ORGANIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Acaba de ser criada em

França uma nova organização política: a Frente Comunista Revolucionária. Entre os membros da direcção provisória figuram vários dirigentes da Liga Comunista, dissolvida em 28 de Junho de 1973, nomeadamente, Alain Krivine, um dos

candidatos esquerdistas as eleições presidenciais.

Depois de anunciada, ontem à noite em Paris, a criação da organização, os seus dirigentes lançaram um apelo à constituição de federações e de secções.

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

CONCESSIONÁRIA DO ESTADO

Sede em Lisboa - Escritórios: Edifício 25, Aeroporto de Lisboa

AUMENTO DO CAPITAL SOCIAL

DE
800 000
PARA
1 250 000
CONTOS

Autorizado por Portaria de 22 de Março de 1974, publicada no Diário do Governo n.º 75, III série, de 29 de Março de 1974.

Está aberta a subscrição para actuais accionistas, pessoal TAP não accionista e público em geral, pelo período de 16 a 18 de Abril de 1974, de 450 000 acções nominativas do valor nominal de Esc. 1 000\$00 cada uma, representativas do aumento de capital de 800 000 para 1 250 000 contos.

CONDIÇÕES DE SUBSCRIÇÃO

1.º - 320 000 acções serão destinadas à subscrição dos actuais accionistas, na proporção de 2 acções novas para cada 5 averbadas, em seu nome, ao preço de emissão de Esc. 1 450\$00, acrescido do imposto de mais-valias de Esc. 27\$25.

As acções eventualmente não subscritas pelos actuais accionistas serão atribuídas, sujeitas a rateio, aos accionistas que no acto da subscrição declarem desejá-las ao preço acima referido.

2.º - 3 000 acções serão reservadas a empregados da TAP não accionistas, ao preço de emissão de Esc. 1 500\$00, por acção, acrescido do imposto de mais-valias de Esc. 24\$75.

3.º - 127 000 acções serão oferecidas à subscrição do público em geral ao preço de emissão de Esc. 1 600\$00, por acção, com sujeição a rateio.

4.º - O pagamento das acções subscritas e do imposto de mais-valias, quando devido, será efectuado, integralmente, em numerário no acto da subscrição.

5.º - As novas acções, agora emitidas, terão direitos iguais aos das actuais, excepto no que respeita ao dividendo que vier a ser distribuído relativamente ao exercício de 1974, que será atribuído proporcionalmente aos meses decorridos, por inteiro, desde o termo da subscrição.

6.º - Prevê-se que, em caso de rateio as importâncias relativas às acções não atribuídas serão devolvidas dentro do prazo de 30 dias após o termo da subscrição e que a entrega dos títulos definitivos se fará dentro de 7 meses, após o termo da subscrição.

7.º - As acções serão nominativas e representadas por títulos de 1, 5, 10, 50 e 100 acções.

8.º - A TAP requererá a admissão à cotação da Bolsa, das acções correspondentes a este aumento de capital, logo que sejam emitidos os títulos definitivos.

9.º - A subscrição é tomada firme pelas seguintes instituições de crédito:

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fonsecas & Burnay-Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor-Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores - Banco Borges & Irmão

10.º - A subscrição estará aberta de 16 a 18 de Abril de 1974, nos seguintes estabelecimentos de crédito, suas filiais, agências e dependências:

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
Banco Agrícola e Industrial Viseense-Banco da Agricultura
Banco do Alentejo-Banco do Algarve-Banco de Angola
Banco Borges & Irmão-Banco do Brasil
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fernandês Magalhães-Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Intercontinental Português
Banco Nacional Ultramarino-Banco Pinto de Magalhães
Banco Pinto & Sotto Mayor-Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores-Bank of London & South America
Crédit Franco Português-Crédito Predial Português
Manuel Mendes Godinho & Filhos-Montepio Geral
Pancada, Moraes & C.ª

11.º - O prospecto com os elementos respeitantes à Empresa e ao presente aumento de capital poderá ser obtido nos locais de subscrição.

12.º - Chama-se a atenção dos subscritores para o que se encontra oficialmente estabelecido quanto à identificação.

Lisboa, 11 de Abril de 1974.

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES, S.A.R.L.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

TEAM

Legislação no Perú sobre a pena de morte

LIMA, 11 — (R) — O Governo peruano decretou a pena de morte para qualquer pessoa declarada culpada de ter «abusado sexualmente» de uma criança com menos de sete anos de idade.

Se a vítima tiver mais de sete e menos de 14 anos, a pessoa culpada recolherá à cadeia por nunca menos de 10 anos.

O decreto regulamentar também que sedutores de raparigas de «conduta irrepreensível», de idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, enfrentarão condenações a prisão até dois anos, conforme a gravidade do caso.

SOREFAME

SOCIEDADES REUNIDAS DE FABRICAÇÕES METÁLICAS, S. A. R. L.

EXERCÍCIO DE 1973

Relatório do Conselho de Administração

Senhores Accionistas

Cumprindo as disposições legais e as dos estatutos, temos o prazer de submeter à vossa apreciação o Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1973.

Apesar de ensombrado no final do ano pelo que se convencionou chamar crise energética e pelo agravar mundial das tensões inflacionistas, o último exercício continuou a ser para a Sorefame um período de expansão dentro do rumo traçado de acompanhar as crescentes necessidades nacionais em equipamentos pesados.

1 EVOLUÇÃO DA EMPRESA

A Sorefame, tal como se disse em relatórios anteriores e prosseguindo numa linha de orientação bem definida, tem vindo a concretizar gradualmente a sua política de desenvolvimento, programada tanto para o plano interno como no externo.

1.1. — Efectivamente, continuando a sua expansão no Brasil, constituiu com a Bardella S.A., já sua associada na Barefame, uma nova sociedade denominada B.S.I. — Indústrias Mecânicas, Lda., onde se farão, numa primeira fase, investimentos no montante de 70 000 contos.

Esta nova empresa, que deverá iniciar as suas actividades em meados deste ano, irá dispor dum gabinete de estudos, laboratório de hidráulica e oficinas de caldeiraria, criando de início 370 novos empregos, alguns deles altamente especializados.

Situada na cidade de Sorocaba, a 80 quilómetros de S. Paulo, integra-se no esquema de desenvolvimento económico do país, satisfazendo dois dos objectivos prioritários desse desenvolvimento: a introdução no Brasil de «know-how» e a interiorização da indústria com vista ao desenvolvimento regional.

Beneficia deste modo de todos os incentivos que o Governo Estadual e o Município conferem a empresas nestas circunstâncias. A Barefame, que trabalha em íntima colaboração com a Bardella e B.S.I., registou no ano de 1973 um volume de vendas apreciável e boa rentabilidade.

1.2. — Na Sorefame de Angola as medidas a que se fez referência no relatório do ano anterior têm vindo a produzir os seus frutos e assim, a situação negativa verificada em 1972 encontra-se plenamente equilibrada e abrem-se boas perspectivas para 1974.

Entre novas actividades destaca-se a de produção de equipamento para as pesquisas locais de petróleo «off shore».

As actividades no pequeno estaleiro de Moçamedes estão em vias de reorganização profunda. Negocia-se a aquisição de terrenos adequados na baía de Porto Alexandre para uma eventual instalação na área.

A nossa associada Sorefame de Luanda prossegue a sua actividade de apoio às frotas pesqueiras que naquela região operam. Em face das potencialidades de desenvolvimento que se oferecem foi decidido alargar o âmbito dos estudos iniciados em 1972 de avaliação de mercados quer das actividades de construção e reparação naval quer de metalomecânica, tendo por fim a adequação dos meios actuais e racionalização dos nossos planos de investimento e de exploração das diferentes unidades já existentes e ainda da unidade a instalar, eventualmente, em Porto Alexandre.

1.3. — Tendo em vista o elevado volume de realizações de obras públicas previstas no IV Plano de Fomento e constatada a carência de tecnologias adequadas à correspondente e rápida resposta exigida, a Sorefame celebrou com a firma inglesa Brockhouse Steel Structures Limited um contrato de licença para o sistema «Clasp» de construção modular e integrada.

Devido às suas características particulares, reorganizou-se internamente o departamento de pré-fabricação admitindo-se a sua transformação numa empresa autónoma assim que a complexidade e o volume de encomendas o aconselharem.

1.4. — Na Construtora Moderna todos os indicadores do exercício foram francamente melhores que os do exercício anterior. Realçam-se principalmente os indicadores relativos à produção, mão-de-obra directa empregada e principalmente o facto de os resultados de exploração do exercício terem sido já positivos. A participação desta nossa associada na fabricação e montagem de importantes instalações de armazenamento de produtos petrolíferos, principalmente na região de Sines, garantem-lhe desde já uma actividade rapidamente crescente.

1.5. — Na Amadora, foram praticamente concluídas as negociações respeitantes à aquisição de todos os terrenos ainda disponíveis do lado Sul. Simultaneamente, planificou-se a utilização dessas áreas, de molde a ocupá-las progressiva e racionalmente, estudando novos acessos, aperfeiçoando circulações internas e ampliando as instalações fabris de acordo com as perspectivas comerciais.

Quando completamente utilizada, a área total de cerca de 145 000 m² terá uma área coberta de 80 000 m², dos quais 65 000 m² de oficinas.

Este plano geral prevê investimentos avultados nos próximos cinco anos, tendo-se já iniciado a sua concretização com o lançamento de várias operações preliminares de infra-estruturas e compra de várias máquinas ferramentas no montante global de cerca de quarenta mil contos.

A expansão das actividades da Sorefame na Amadora durante os últimos anos é sintetizada no seguinte quadro:

Anos	Vendas (contos)	Valor acrescentado bruto (contos)	Efectivos em 31/12	Valor acrescentado bruto por empregado* (contos)
1969	276 700	149 541	1873	84,2
1970	328 990	200 142	1885	112,0
1971	585 531	275 560	2335	132,9
1972	742 903	331 161	2505	142,1
1973	812 479	387 286	2631	153,1

* Valores calculados com base na média dos efectivos mensais (exclui pessoal em serviço militar).

Prevê-se que o ciclo de carência de combustíveis em que agora se entra venha a reflectir-se favoravelmente na expansão futura da empresa, pois as nossas actividades principais (equipamentos energéticos e para transportes colectivos) estão já a ser e serão ainda mais solicitadas para fazer face às consequências mais evidentes desta situação.

2 ACTIVIDADE COMERCIAL

As encomendas registadas durante o ano passado totalizaram 733 800 contos e a carteira de encomendas atingiu, no fim do ano, o valor de 1 784 500 contos.

Os indicadores acima mencionados comprovam a afirmação feita no relatório anterior, quanto aos pontos de partida para a política de dimensionamento da empresa.

Em face das metas a atingir, previstas no IV Plano de Fomento para o próximo hexénio, e tendo em atenção a importância que se atribui, no referido plano, à participação crescente da metalomecânica nacional na sua concretização, impõe-se que o desenvolvimento interno da Sorefame se faça ao ritmo exigido pelas necessidades futuras do país neste domínio.

De resto, com essa expansão, também se espera poder contribuir para a minimização dos substanciais agravamentos dos custos de produção, resultantes da deterioração das normais condições internacionais de abastecimento de matérias-primas e da evolução das condições salariais internas.

Por outro lado, haverá que, permanentemente, procurar na contratação de novas encomendas a conciliação dos interesses dos clientes com os interesses legítimos da empresa, procurando salvaguardar a sua rentabilidade de imprevistas flutuações dos factores que incidem sobre os custos de produção e que estão fora do seu controle.

Mercado Nacional

No sector dos equipamentos hidromecânicos registámos encomendas da C.P.E. para a tomada de água da barragem de AGUIEIRA e da CHENOP

para a barragem de VAROSA.

Para o Ultramar registámos encomendas para as tomadas de água da central norte da barragem de CABORA BASSA e para a barragem de MASSINGIR, num afluente do Limpopo. Obtivemos ainda subcontratos dos equipamentos para a barragem de CHICAPA da DIAMANG e para as barragens de CALUEQUE e RUACANA no troço internacional do Cunene atribuído à África do Sul.

No sector de material de caminhos de ferro obtivemos uma encomenda de 14 automotoras para o Metropolitano de Lisboa, idênticas às existentes e que serão executadas pela Sorefame em consórcio com a SIEMENS.

O IV Plano de Fomento, ao fixar objectivos para a reconversão dos transportes ferroviários, atribui especial relevo aos transportes urbanos e suburbanos. Para fazer face ao natural acréscimo que os transportes colectivos assim virão a ter, estão já a ser tomadas as medidas necessárias.

No que respeita aos equipamentos para centrais térmicas, embora até agora os nossos esforços para conseguir encomendas não se tenham concretizado, prossegue-se prudentemente uma política de investimentos específicos para este fim na convicção de que também nesse campo não deixaremos de desempenhar o papel que a linha industrial da Sorefame plenamente justifica.

No sector dos equipamentos industriais registámos encomendas da PETROSUL para a refinaria de Sines, das quais salientamos 10 reservatórios esféricos para o Parque LPG, a executar em consórcio com a CONSTRUTORA MODERNA e a C.M.P. — Constructions Métalliques de Provence.

Esta encomenda foi conseguida apesar das condições adversas já referidas no relatório do ano passado mas, prevalecendo no mercado em geral essas mesmas condições, esperamos ir podendo canalizar as encomendas deste sector para a nossa associada Construtora Moderna mais adequadamente dimensionada para exercer este tipo de actividade.

Mercado de Exportação

As principais encomendas foram registadas no sector dos equipamentos hidromecânicos e são destinadas à barragem de SIGALDA na Islândia e a barragem de TARBELA no Paquistão.

A primeira encomenda levou a Sorefame a integrar-se num consórcio constituído pela ENERGOEXPORT (Rússia) e pela BBC (Alemanha), que tem a responsabilidade de fornecer os equipamentos para a central desta barragem.

A segunda encomenda corresponde à extensão do contrato que já tínhamos obtido para a mesma barragem. Esta extensão foi negociada com a WAPDA — Water Affairs & Power Development Authority sem concurso.

Têm-se nos deparado dificuldades no alargamento das nossas actividades de exportação porque até agora não temos tido ao nosso alcance meios de apoio e financiamento equivalentes aos dos nossos concorrentes estrangeiros. Tudo parece, porém, encaminhar-se no sentido de que, brevemente, possamos começar a beneficiar do funcionamento de novos mecanismos oficiais de apoio à exportação, que, certamente, nos colocarão em posição mais competitiva no exterior designadamente em colaboração com a nossa associada ALSTHOM.

3 PRODUÇÃO

Apesar do horário semanal ter sido reduzido em 1973 de 48 para 45 horas, foram ultrapassados pela primeira vez os 2,5 milhões de horas de produção directa. Isto deveu-se a um trabalho de coordenação a vários níveis e a um esforço dos diferentes sectores que directa ou indirectamente contribuíram para aquele número.

A actividade e expansão da Subdirectão de Estudos como de outros sectores foi dificultada pela escassez de técnicos, em particular de engenheiros, causada pelo insuficiente número formado pelas nossas escolas.

Apesar da sobrecarga de trabalho que se tem continuado a sentir há que citar como relevantes os progressos feitos no cálculo automático dos nossos projectos o estudo e afinação laboratorial de equipamento electrónico de regulação de nível para a Barragem de PROMISSÃO no Brasil, e ensaios laboratoriais de optimização de formas hidráulicas.

Na subdirectão de Fabricações há a destacar a entrada em regime operacional das duas máquinas destinadas a aumentar a nossa capacidade e melhorar a produtividade de fabrico de servo motores: um torno paralelo Poreba e uma máquina de honar de concepção e fabrico Sorefame. Como trabalho mais delicado de mecânica e feito pela primeira vez na empresa, salienta-se o cubo da roda de Fratel incluindo o seu equilíbrio em pórtico especial.

Em relação à Subdirectão de Montagens é de salientar o número de estaleiros em actividade: CABORA BASSA, CAMBAMBE, COURA, FRATEL, GOVE, P. K. LE ROUX, QUIMINHA e RÉGUA e a supervisão em MARIM, BONDOL, VOLTA GRANDE e MOXOTO no Brasil e TARBELA no Paquistão. Foram ainda realizadas, só com pessoal eventual, portanto a acrescentar ao número já indicado, 743 283 horas.

O Controle de Qualidade continuou a sua acção de formação/informação como meio mais eficaz de política de qualidade. Foi responsável pela introdução de tecnologias de soldadura (CO₂ automatizada, electro-escória e semi-automática sem protecção gasosa) que permitem reduções no tempo de execução para 1/3 e 1/8 dos valores anteriores ou vantagens apreciáveis na construção em estaleiro de pontes, plataformas «off shore» e outras estruturas metálicas. Este papel inovador do Controle de Qualidade tem benéficas consequências económicas e permite propor soluções comerciais mais vantajosas que são por vezes decisivas na competição internacional a que estamos sujeitos. A actividade deste sector tem sido completada com importantes trabalhos de investigação aplicada, alguns deles com divulgação em organismos internacionais.

4 APROVISIONAMENTOS

Mercado Estrangeiro

A subida dos preços dos produtos siderúrgicos em vertiginosa ascensão logo a partir de Janeiro de 1973, veio pôr em causa os custos orçamentados para aquisição destes materiais. Chegaram assim a ultrapassar-se largamente os limites correspondentes à crise verificada em 1969, durante a qual o preço-base tinha atingido valores recordes para a época. (US\$169 00/ton) Neste momento esses valores foram mais que duplicados (US\$339 00/ton, em Dezembro de 1973) e, o que é mais grave, todas as informações de que dispomos indicam que esta tendência se irá acentuar ainda mais. Concomitantemente os prazos de entrega têm vindo a alargar-se a ritmo tal que hoje o seu cumprimento se tornou praticamente imprevisível.

Mercado Nacional

As características deste mercado durante o ano de 1973 integravam-se no quadro geral da inflação que vem a desenvolver-se acentuadamente nos últimos dois anos.

Não só a dilatação dos prazos de entrega em relação aos considerados habituais, como também a escalada súbita dos preços levantaram e continuam a levantar sérias dificuldades à obtenção de fornecimentos oportunos e vantajosos.

5 PESSOAL

No decorrer do exercício findo o número de colaboradores ao serviço da empresa aumentou para 2631.

Quanto à formação profissional, para além do normal funcionamento da Escola de Aprendiz, passaram pelo nosso Centro de Formação 126 empregados que frequentaram diversos cursos de aperfeiçoamento ou reciclagem.

Paralelamente, e para actualização em técnicas específicas, participaram em estágios no exterior 64 empregados de todos os níveis.

Quanto à segurança no trabalho e relativamente ao ano anterior, houve uma melhoria do índice de gravidade de acidentes em cerca de 25%, embora o índice de frequência se tenha agravado em 3,5%.

Tem prosseguido a negociação do Acordo Colectivo de Trabalho, em seguimento à proposta feita nesse sentido em 30 de Março último pelos Sindicatos representados na empresa. Espera-se a sua finalização no decurso deste ano.

No final do exercício foram actualizadas as tabelas de remunerações para se atender ao agravamento do custo de vida e efectuaram-se promoções com base na apreciação do mérito dos colaboradores. Após esta actualização, a remuneração do Servente subiu para 4800\$00.

De assinalar ainda que a participação do pessoal no valor acrescentado bruto atingiu a mais alta percentagem dos últimos anos — cerca de 80% — isto depois de ter evoluído para valores já de si significativos relativamente aos valores médios do país.

6 ANÁLISE ECONÓMICO-FINANCEIRA

Ficou o exercício findo assinalado, no aspecto financeiro, por um importante aumento de capital — o primeiro aberto à subscrição pública.

Este acontecimento merece, na realidade, um relevo especial, pois que, estando já prevista a necessidade da sua efectivação no ano anterior ele veio a concretizar-se com uma afluência à subscrição que ultrapassou as nossas expectativas, o que, se por um lado denuncia confiança nas capacidades da empresa, por outro traz a esta responsabilidades acrescidas na gestão dos meios financeiros postos à sua disposição.

Se bem que a conjuntura em que decorreu o exercício de 1973 não tivesse sido das mais favoráveis para a Sorefame, do ponto de vista económico — pressão mais acentuada que a prevista nos custos dos factores produtivos e carência de matérias-primas a obrigar a alterações constantes de programação com os seus consequentes prejuízos — espera-se, no âmbito das novas previsões, não iludir aquela confiança.

Financeiramente, foi possível, graças a esse aumento de capital, dar à empresa a estrutura adequada à dimensão que atingiu, proporcionando-lhe, ainda, potencialidades de expansão, através do recurso a outras fontes de financiamento.

E essas potencialidades bem necessárias se tornam, pois que estão já evidenciadas — no âmbito da gestão planeada, insistentemente referida nos relatórios anteriores — as carências de meios produtivos, não só corpóreos como incorpóreos. De resto, já no relatório de 1971, se aludia ao aumento dos riscos envolvidos na exploração por conquista de novos mercados, exigindo produtos de tecnologia cada vez mais complexa. É esta tecnologia, cada vez mais apurada, a origem de custos adicionais que se traduzem, no entanto, por uma aquisição de «know-how» efectivamente mais valioso.

As condições desfavoráveis que, do ponto de vista económico, foram já assinaladas (aliás também referidas em capítulos anteriores deste relatório) vieram a traduzir-se num abaixamento da margem beneficiária das vendas e no abrandamento do ritmo de expansão. Este, apesar de tudo, ainda foi para o valor de produção de 19% e para o valor acrescentado bruto de 17%.

Aquelas condições vão ter necessariamente reflexos ainda em 1974, já que nos movemos num sector produtivo de bens de equipamento de ciclo plurianual. Atentos aos circunstancialismos actuais, procurar-se-á, no entanto, extrair duma conjuntura menos favorável o que ela pode trazer de positivo para os sectores dos transportes ferroviários e da energia.

7. BALANÇO E CONTAS

Mantiveram-se os critérios valorimétricos que têm vindo a ser seguidos nos últimos anos na elaboração das contas e assim as participações financeiras estão contabilizadas pelo seu preço de aquisição.

Feitas as amortizações convenientes, criadas e reforçadas as provisões e considerados os resultados imputáveis a exercícios anteriores, o lucro do exercício cifrou-se em 29 353 461\$97.

Para este lucro e em conformidade com o Art.º 17.º dos Estatutos, propomos a seguinte aplicação:

a) Para reserva legal	1 500 000\$00
b) Para outras reservas	1 503 461\$97
c) Para participação do Pessoal nos lucros	9 000 000\$00
d) Para dividendo às antigas acções (60\$00 por acção - cativos de impostos) 160 000 × 60\$00 =	9 600 000\$00
e) Para dividendo às novas acções (15\$00 por acção - cativos de impostos) 90 000 × 15\$00 =	1 350 000\$00
f) Para deliberação da Assembleia Geral	6 400 000\$00

A verba mencionada na alínea f) poderia, em boa técnica, ser aplicada em outras reservas. Entende, no entanto, este Conselho que deverá por a consideração da Assembleia a Gera a possibilidade de reforçar as provisões para obras em execução dados os reflexos imprevisíveis que a actual conjuntura poderá ter nos seus custos.

8

Por ter sido nomeado para exercício de importantes funções no Banco de Fomento Nacional, em Setembro último, deixou de desempenhar o cargo de Presidente da Sorefame o Sr. Rui Vilares Cordeiro que continua a exercer a sua actividade na Administração ocupando o lugar de vogal do respectivo Conselho.

O Sr. Eng.º Luis Cordes da Ponte Marques do Carmo passou por sua vez, a desempenhar as funções de Administrador Delegado da Construtora Moderna pelo que deixou de ser vogal do Conselho de Administração da Sorefame. As suas muitas qualidades, de que deu provas nesta Casa, são garantia da boa condução daquela nossa associada.

Para preencher a vaga de Presidente do Conselho de Administração assim gerada, foi nomeado para exercício até à próxima Assembleia Geral, nos termos do artigo 20.º dos Estatutos, o accionista Sr. Eng.º Adelino José Rodrigues Soares de Mello.

9

Testemunhamos ao Conselho Fiscal, que assiduamente nos acompanhou e auxiliou na gestão da empresa, o nosso apreço e reconhecimento. É nos grato manifestar os nossos agradecimentos aos clientes, fornecedores e amigos que conosco cooperaram durante o último exercício.

As entidades oficiais, cuja compreensão e auxílio na resolução dos problemas da Sorefame e do sector metalomecânico registamos, deixamos aqui também uma palavra de agradecimento que é extensiva às instituições de crédito que tão claramente nos têm apoiado na nossa actividade.

Expressamos a todos os colaboradores da empresa e suas associadas o nosso reconhecido agradecimento pela dedicação e esforço que puseram no desempenho das suas tarefas.

Amadora 19 de Fevereiro de 1974

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Adelino José Rodrigues Soares de Mello — Presidente
Dominique Marie Gustave Vincent Rousseau — Vice-Presidente
Eduardo Abranches de Magalhães
José Carlos Ferreira
Rui Vilares Cordeiro

Parêcer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas

Este Conselho acompanhou com a regularidade que se mostrou necessária a evolução dos negócios sociais, havendo-lhe sido facultado pela Administração a documentação e os esclarecimentos tidos por convenientes ao cabal desempenho da sua missão. Nas suas reuniões periódicas, o Conselho Fiscal procedeu à verificação sistemática das contas e valores, que sempre encontrou na melhor ordem.

O relatório, o balanço e contas e o inventário da carteira de títulos e participações financeiras apresentados pelo Conselho de Administração satisfazem as disposições legais e estatutárias, tendo sido adoptado na contabilização do património o critério valorimétrico dos preços de aquisição ou dos custos de produção efectivos, pelo que se encontram correctamente avaliados os diversos componentes do Activo do balanço.

Não obstante as dificuldades experimentadas pela conjuntura económica nacional e internacional, particularmente no que se reporta à evolução dos custos das matérias-primas e ao seu regular abastecimento, a curva evolutiva expansionista da empresa pôde ser mantida no exercício findo. Pelos benéficos reflexos que no futuro da empresa representa uma adequada dimensão e estrutura dos capitais próprios, não pode o Conselho Fiscal deixar de registar a melhoria observada na situação financeira, em consequência do aumento de capital levado a efeito no segundo semestre do ano findo. Em correção com o ajudado aumento de capital social, operou-se a equiparação de todos os accionistas, mediante a eliminação das acções privilegiadas.

Em conclusão, o Conselho Fiscal propõe:

- 1) Que se aprove o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração.
- 2) Que se aprove a sua proposta sobre a aplicação dos resultados do exercício.
- 3) Que se aprove um voto de louvor ao Conselho de Administração pela criteriosa orientação que tem imprimido aos negócios sociais.
- 4) Que se aprove um voto de justo apreço ao Pessoal da Empresa pelo zelo e competência demonstrados no exercício das suas funções.

Amadora, 22 de Fevereiro de 1974

O CONSELHO FISCAL

António Miranda — Presidente
Marcelo Olavo Corrêa de Azevedo
Paulo Manuel de Pitta e Cunha

Balanco em 31 de Dezembro de 1973

ACTIVO				PASSIVO			
GASTOS DE ESTABELECIMENTO				CAPITAL PRÓPRIO			
Menos: Amortizações				Capital Social			
				Reserva Legal			
				Outras Reservas			
IMOBILIZAÇÕES				PROVISÕES PARA PERDAS E ENCARGOS			
Terrenos e sua adaptação				Provisões para riscos			
Construções				Provisões para Pensões do Pessoal			
Menos: Amortizações				DÍVIDAS A LONGO E MÉDIO PRAZO			
Instalações				Obrigações			
Menos: Amortizações				Empréstimos			
Equipamento Fabril				Fornecedores			
Menos: Amortizações				Efeitos a Pagar (não bancários)			
Mobiliário e Equipamentos Diversos				DÍVIDAS A CURTO PRAZO			
Menos: Amortizações				Fornecedores			
Material de Transporte				Clientes — Adiantamentos			
Menos: Amortizações				Outros Credores			
Imobilizações Incorpóreas				Contas de Regularização — Passivo			
Menos: Amortizações				Obrigações e Empréstimos			
Imobilizações em Execução				Financiamentos de Produção			
Adiantamentos sobre Imobilizações				Efeitos a Pagar (não bancários)			
OUTROS VALORES IMOBILIZADOS				Bancos			
Participações Financeiras				RESULTADOS			
Depósitos e Cauções				Lucro do Exercício			
VALORES DE EXPLORAÇÃO							
Materiais							
Menos: Provisão para Depreciação							
Obras em Execução							
Menos: Provisão para Depreciação							
Produtos Acabados							
Menos: Provisão para Depreciação							
VALORES REALIZÁVEIS A CURTO PRAZO E DISPONÍVEIS							
Fornecedores — Adiantamentos							
Clientes							
Outros Devedores							
Menos: Provisão para Depreciação							
Contas de Regularização — Activo							
Efeitos a Receber							
Menos: Provisão para Depreciação							
Títulos de Crédito							
Bancos							
Caixas							
CONTAS DE ORDEM				CONTAS DE ORDEM			

Conta de Exploração Geral

DÉBITO				CRÉDITO			
Montante Bruto				Montante Bruto			
Provisões para Depreciação				Provisão para Depreciação			
Montante Líquido				Montante Líquido			
VALORES DE EXPLORAÇÃO NO INÍCIO DO EXERCÍCIO				VALORES DE EXPLORAÇÃO EM 31-12-73			
Materiais				Materiais			
Obras em Execução				Obras em Execução			
Produtos Acabados				Produtos Acabados			
COMPRAS				VENDAS DE PRODUTOS ACABADOS E PRESTAÇÕES DE SERVIÇO			
Matérias-Primas e Subsidiárias				Equipamentos Hidráulicos			
Em Portugal Continental				Equipamentos Industriais			
No Exterior				Equipamentos Electromecânicos			
Gastos de Compras no Exterior				Material Circulante			
Rectificações				Alumínios			
PESSOAL				Fundos Copados e Anodização			
Remunerações e Encargos				Assistência Técnica			
Órgãos Sociais				Diversos			
Empregados				VENDAS DIVERSAS			
IMPOSTOS E TAXAS				Mercadorias			
TRABALHOS, FORNECIMENTOS E SERVIÇOS EXTERIORES				Materiais			
TRANSPORTES E DESLOCAÇÕES				Sucatas e Desperdícios			
GASTOS DIVERSOS DE GESTÃO				Diversos			
Publicidade				REDUÇÕES EM VENDAS			
Outros				Abat. Fora das Facturas			
GASTOS FINANCEIROS				Penalidades			
Créditos de Estrutura				ABATIMENTOS, PRÊMIOS E PENALIDADES EM COMPRAS			
Emp. a Longo Prazo				Abatimentos Fora das Facturas			
Obrigações				Prêmios			
Exploração				PRODUTOS ACESSÓRIOS			
Financ. de Produção				Comissões			
Garantias Bancárias				Prestação de Serviços			
Outros				Diversos			
DOTAÇÕES DO EXERCÍCIO ÀS CONTAS DE AMORTIZAÇÕES				PRODUTOS FINANCEIROS			
DOTAÇÕES DO EXERCÍCIO ÀS CONTAS DE PROVISÕES				Rendimento de Títulos de Crédito			
Saldo				Juros			
				Remunerações de Cargos Sociais			
				Diversos			
				TRABALHOS DA EMPRESA PARA ELA PRÓPRIA, TRABALHOS E ENCARGOS NÃO IMPUTÁVEIS À EXPLORAÇÃO DO EXERCÍCIO			
				Trabalhos da Empresa para ela própria			
				Produção de Imobilizações pela Empresa			
				Trabalhos e Encargos não Imputáveis à Exploração do Exercício			
				Cobertos por Provisões			
				Não Cobertos por Provisões			

Conta de Resultados

DÉBITO				CRÉDITO			
PERDAS IMPUTÁVEIS A EXERCÍCIOS ANTERIORES				EXPLORAÇÃO GERAL			
PERDAS EXCEPCIONAIS				LUCROS IMPUTÁVEIS A EXERCÍCIOS ANTERIORES			
				LUCROS EXCEPCIONAIS			
Saldo							

O TÉCNICO DE CONTAS

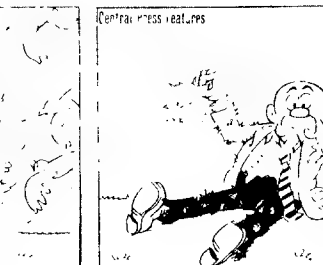
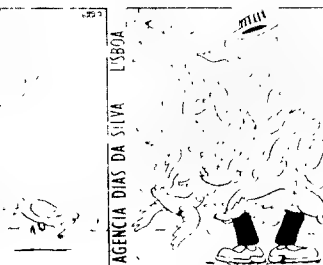
Ligia Loureiro Quaresma

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Adelino José Rodrigues Soares de Melo — Presidente
Dominique Marie Gustave Vincent Rousseau — Vice-Presidente
Eduardo Abranches de Magalhães
José Carlos Ferreira
Rui Vilares Cordeiro



pequeno Billy Eppers, em casa, com uma sanduiche em sua casa, a cidade texana de Rasadena, após voltar da escola, da qual foi expulso por quatro semanas, por usar o cabelo demasiado comprido. Billy usa-o assim para esconder um defeito congénito. Um tribunal ordenou à escola que permitisse o regresso imediato do pequeno às aulas. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

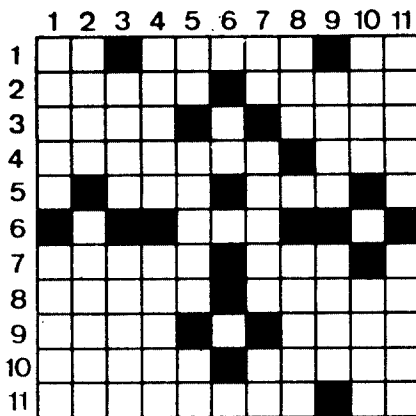


palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 10750

HORIZONTAIS:

- 1 Utensílio doméstico. Jamais. Viração.
- 2 Vaguear. Anuo.
- 3 Oferecer. Ilha de Coral.
- 4 Igualou. Pedra de altar.
- 5 Para barlavento. Nome de astro. Artigo definido.
- 6 Transpira.
- 7 Descobrir. Chefe etíope.
- 8 Presentemente. Pequena árvore do Brasil e cultivada em Portugal com o nome de araçazeiro.
- 9 O fundo do crivo ou da peneira. Voz do gato (pl).
- 10 Quelha. Cidade da Albânia.
- 11 Calunias. Isolado.



VERTICAIS:

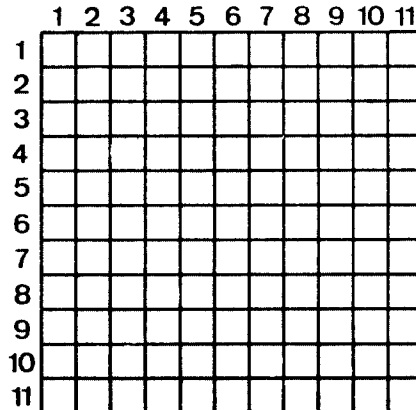
- 1 Requeceu. Embrião que se torna livre abandonando normalmente os involucros ovulares, ou o organismo progenitor.
- 2 Lavrar. Agarras.
- 3 Montão. Reboles.
- 4 Relativo ao nariz. Armadilha para pássaros.
- 5 Cidade da antiga Caldeia. Pronome possessivo. Antes de Cristo.
- 6 Preposição e artigo definido.
- 7 Aqui. Trajara. Bismuto (s.q).
- 8 Mau cheiro. Equipes.
- 9 Substância gordurosa de composição análoga à do éter e do álcool. Ir para fora.
- 10 Adória. Fundes.
- 11 Rale (Prov). Cheiro.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 6909

HORIZONTAIS:

- 1 Pronome relativo. Motejar (Prov).
- 2 Larva das feridas dos animais. Prega de saia.
- 3 Preposição e artigo definido. Chefe etíope. Outrosim.
- 4 Apelido. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro.
- 5 Soam. Ente.
- 6 Cidade de França. Direcções.
- 7 Atomo. Flor de goiveiro.
- 8 Educa. Freguesia do concelho de Monção (V. do Castelo).
- 9 Encoleriza. Duna na Suécia.
- 10 Tangeras. Ruim.
- 11 Benefícios. Pesar.



VERTICAIS:

- 1 O mesmo que quantos. Emparelhe.
- 2 Boi selvagem. Lenço usado pelos romanos para limpar a boca (pl).
- 3 Em partes iguais. Repartiram.
- 4 Montão. Ilha do Pequeno Belt.
- 5 Botequim. Apelido. Graça.
- 6 Catedrais. Nota musical. Sada.
- 7 Rio da Rússia. Calma.
- 8 Rio da Escócia. Patifes (pop).
- 9 Pronome demonstrativo. Irmãos do pai.
- 10 O mesmo que teima. Pedra de moinho.
- 11 Ramada. Transpirar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10749

HORIZONTAIS

- 1 Essa. Arrel.
- 2 Murais. A.
- 3 As. Marra. Fr.
- 4 Tamisa. Mear.
- 5 Amar. Oca. La.
- 6 Latir. Arcas.
- 7 AAA. Pão.
- 8 Da. Sinal. Cr.
- 9 Ama. Aos. Sei.
- 10 Dera. Toga.
- 11 Emala. Telas.

VERTICAIS

- 1 FATALIDADE
- 2 E. Sama. Amen.
- 3 Sm. Mata. Ara.
- 4 Sumirias. Al.
- 5 Aras. Raia.
- 6 Arão. Nós.
- 7 Air. Capas.
- 8 Amaral. Te.
- 9 Rs. Co. Sol.
- 10 Fala. CEGA.
- 11 Arrasarias.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6908

HORIZONTAIS

- 1 Samas. Adora.
- 2 Amora. Rimar.
- 3 Corri. Atira.
- 4 Area. Alem.
- 5 Dai. Pua. Ião.
- 6 Arabe. Ferlu.
- 7 Sentira.
- 8 E. C. Boina. Fr.
- 9 Co. Eu. Ar. Ou.
- 10 Orar. Arrel.
- 11 Segar. Amuam

VERTICAIS

- 1 Sacada. Ecos.
- 2 Amora. Coré.
- 3 Moreias. Ag.
- 4 Arrá. Bebera.
- 5 Sai. Penou.
- 6 Tu. Ti.
- 7 Ara. Afina.
- 8 Dita. Eraram.
- 9 Omira. Ru.
- 10 Rareal. Fora.
- 11 Aramou. Ruem.

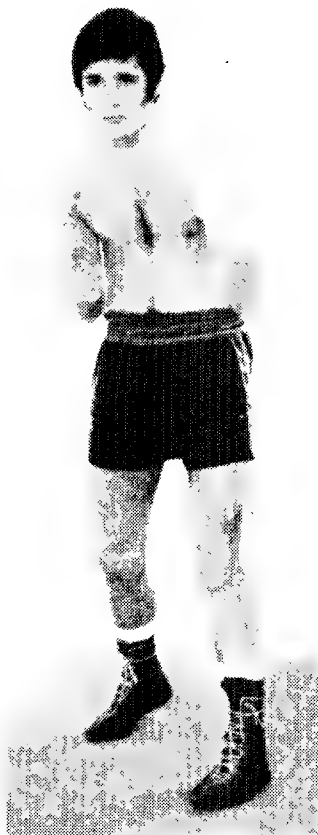
PROVERBIO A FATALIDADE É CEGA



DL/DESPORTOS

REGISTO

PUGILISMO: esta noite (21 e 30) volta o profissionalismo aos ringues portugueses, com a primeira sessão organizada



Costa Rodrigues: para o antigo benfiquista, um paraguaio pela frente.

por uma empresa em que o treinador de futebol Joaquim Meirim é figura exponencial. No Pavilhão dos Desportos de Lisboa estão apazados quatro combates: Carlos Almeida-Hernandez Bermejo (Espanha) e Costa Rodrigues-Huracan Gonzalez (Paraguai), ambos em 8 «assaltos», Carlos Anjos-Pedro Coke (Espanha) e Alcino Palmeira-Carlos Santos em seis «rounds».

COIMBRA: a secção de futebol juvenil do União de Coimbra organiza o segundo torneio para captação de praticantes, com muitas taças e medalhas em disputa.

GOLFE: no «Torneio Abertura», efectuado em Faro, distinguiram-se Luz Évora, Odete Almeida, Isabel Neves, Cruz e Ferro, Martins Évora, Luís Bonito, Paulo Calado, Almeida Lima e Carlos Martins.

ATLETISMO: sábado, pelas 16 e 30, no Jamor, efectuar-se-ão diversas provas organizadas pela Associação de Lisboa.

LUTAS AMADORAS: os «Críticos de Infantis e Iniciados» disputam-se no próximo dia 21, nas instalações do Ginásio Atlético Clube, na Baixa da Banheira. A 18 e 19 de Maio (informa a Federação) realiza-se em Lisboa o primeiro Campeonato Ibérico, em Luta Greco-Romana. Entretanto, foram convocados diversos praticantes para os treinos das equipas nacionais. Em «esperanças», a lista é a seguinte: José Rodri-

gues Silva, Alvaro Sá Pinto, Maximino Abreu, António Marcelino, Francisco Cerdeira, David Rodrigues Silva, José Pedro Silva, Jorge Godinho Flores, Orlando Mendes, Victor Jacinto Nobre, Ramiro Nascimento, João Pedro Neto, António Teixeira, António Guerreiro, Abel Carvalho, João Lourenço, José Rocha, João Varatojo, Carlos Gaspar, Carlos Martinez, José Gonçalves Gama, José Louro Silva, Luís Ga-

lego Fonseca, Manuel Angelo Amado, Samuel Reis Vieira, José António Pinto Gomes e Eduardo Sebastião Pereira. Em «seniores»: José Biscoito, Leonel Duarte, Luís Grilo, Joaquim Vieira, Joaquim Pereira, António Maia, Carlos Esteves, Diamantino Guerreiro, Rui Silva, Miguel Amaral, José Rosa, António Lourenço, António Galantino, Adriano Morais, Victor Madeira, Augusto Costa e Francisco Roque.

O traço de Pargana



Vítor Baptista



Matine

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL

N.º 66/74

Eu, António Jorge da Silva Sebastião, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, faço núblico que a taxa de conservação da rede geral de esgoto da cidade de Lisboa, relativa ao ano de 1974 é de 2 por cento do rendimento colectável fixado no ano anterior e está a pagamento à boca do cofre em duas prestações, a primeira em Maio e a segunda em Outubro, podendo os interessados antecipar o pagamento da última.

No acto do pagamento poderá ser exigida a caderneta predial.

O pagamento poderá ser ainda efectuado nos 60 dias seguintes a cada um daqueles meses, findos os quais se procederá ao relaxe da dívida.

Quando a primeira prestação não for paga no respectivo prazo, relaxar-se-á toda a dívida.

O pagamento desta taxa deverá efectuar-se nos seguintes locais:

Nos Pacos do Concelho, para os contribuintes do 1.º, 2.º, 3.º e 4.º Bairros Fiscais; no edifício da Rua Alexandre Herculano, tornejando para a Rua Castilho, para os do 5.º e 6.º Bairros Fiscais e na Avenida 24 de Julho, 171, para os do 7.º Bairro Fiscal.

A liquidação desta taxa está disciplinada no Regulamento Geral das Canalizações de Esgotos da Cidade de Lisboa e alteração constante do Edital n.º 217/64.

E, para geral conhecimento, se publica o presente Edital.

Paços do Concelho de Lisboa, em 2 de Abril de 1974.

O Presidente,

António Jorge da Silva Sebastião

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Admissão de Empregados Gerais

(Antiga designação — SERVENTES)

Nos Hospitais Civis de Lisboa — Serviço de Pessoal — aceitam-se inscrições até ao dia 20 do corrente mês, para a categoria de empregados gerais, categoria a que corresponde o salário mensal líquido de Esc. 2400\$00.

Os candidatos deverão obedecer às seguintes condições:

a) IDADE — Mais de 18 e menos de 35 anos;

b) HABILITAÇÕES LITERÁRIAS — Aprovação no exame do 2.º grau do ensino primário elementar;

c) Idoneidade moral atestada pela Junta de Freguesia, Regedor ou Pároco.

A sua inscrição pode ser feita mediante o envio de carta onde constem os elementos referidos nas alíneas a) e b).

A Bem da Nação
O Administrador
Fernando Pimental

3

PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE

AMENDOIM
ISRAEL
ARROZ
TREVÓ
ESPECIARIAS
TREVÓ

RECAUCHUTAGEM DE PNEUS

A MELHOR QUALIDADE

AO MELHOR PREÇO

SARAIVA & GONZALEZ, LDA.

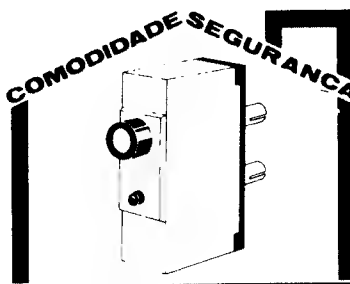
AV. DUQUE DE AVILA, 25 B LISBOA
TELEF. 531094-51963

BBC
BROWN-BEVERI

utilize na sua casa ...

... OS
INFUSÍVEIS
STOTZ

Substituem os fusíveis comuns SEM QUALQUER ALTERAÇÃO DO QUADRO

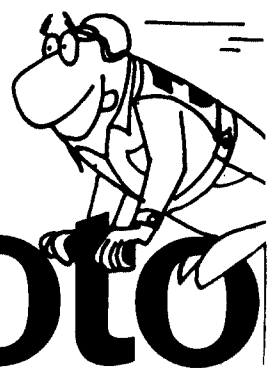


PARA OS ADQUIRIR DIRIJA-SE ÀS BOAS CASAS DE ARTIGOS ELÉCTRICOS

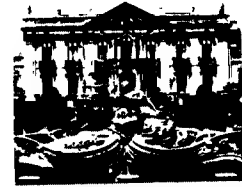
Distribuidores:

Eximobras, Amadora, 19 - R. Cidade da Horta, 54 - Lisboa I
Sociedade Comercial Sines, Sines, 13 - Av. D. O. B., 291 A - Lisboa I

LEIA
motor



NÓS SOMOS
J. PIMENTA



QUELUZ
MONTE ABRAÃO

• LOCAL DESAFOGADO E SAUDAVEL SEM FUMOS E RUÍDOS

• ZONA DE EXPANSÃO DE QUELUZ NOVA.

• MUITO PRÓXIMO DA ESTAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO.

• CONJUNTO URBANÍSTICO COM ESCOLAS PRÉ-PRIMÁRIA E PRIMÁRIA, CENTRO PAROQUIAL, GARAGENS E ZONA DESPORTIVA.

• JUNTO DE CENTRO COMERCIAL.

• AUSÊNCIA DE HUMIDADE.

• ÓPTIMAS PANORÁMICAS.

• CONSTRUÇÃO DE ÓPTIMA QUALIDADE.

• FÁCIL ESTACIONAMENTO DE VEÍCULOS.

APARTAMENTOS MOBILADOS

NOS MELHORES LOCAIS

LISBOA
PORTO

OLIVAIS

CASCAIS E COSTA DO SOL
ALGARVE PRAIA DA ROCHA

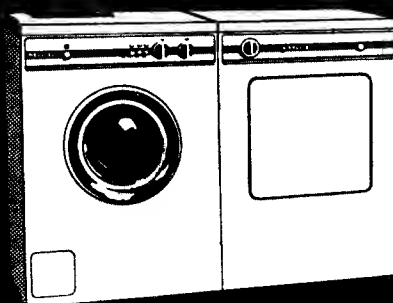
CASTELO BRANCO E FIGUEIRA DA FOZ

Informações:

Queluz-Edifício Sede-Av. António Enes, 25-Telef. 952021/2
Lisboa-Prça. Marquês de Pombal, 15-Telef. 45 843-47 843

AGENTES EM TODO O PAÍS

A mais perfeita união



Maquina de lavar roupa automática com secador electrónico.
Com este conjunto terá o seu tempo livre sem que se preocupe mais com o estado do tempo.
Máquina de lavar automática.
Secador electrónico.

Miele

A. Oliveira

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 91-A

Telef.: 538323-536308-530838

Filial: Rua Angelina Vidal, 63-65 — LISBOA

DL/DESPORTOS



SOBRE FUTEBOL
Controle anti-doping no "Mundial"

Dois jogadores de cada equipa serão submetidos a controle «anti-doping» após cada um dos 38 encontros previstos na fase final do Campeonato do Mundo de Futebol — foi ontem anunciado em Frankfurt.

Os nomes dos quatro jogadores de cada encontro serão designados por sorteio, antes de se iniciar o jogo, mas só serão conhecidos, publicamente depois de terminado o desafio.

Todas as análises de urina recolhidas nos nove estádios serão realizadas no Instituto de Medicina Desportiva de Colónia.

VITÓRIA CASTIGADO

O Vitória de Setúbal foi severamente punido pelo Conselho de Disciplina da Federação como consequência do jogo de sábado passado em Alvalade. O seu «capitão» Carlos Cardoso apanhou cinco jogos de suspensão (reincidência em injúrias à equipa de arbitragem agravadas por ser «capitão» da equipa) e Jacinto João dois, por atitude incorrecta para com o árbitro.

Da restante lista de castigos e para além de cinco jogos a Fontes, do Lamas, uma lista negra para o Covilhã e Benfica; sete jogos a Gomes (por ameaça de agressão ao árbitro gravada por ser «capitão» de equipa), seis jogos a Matas e a Duarte, por ameaças de agressão ao árbitro e mais cinco jogos a Feijão.



Chico: nem com o pé nem com a cabeça

Bom comportamento em Voleibol e Andebol

Seleções portuguesas de Voleibol e Andebol tiveram, ontem, excelente comportamento no estrangeiro. O Voleibol ganhou à Suíça, por 3-2 (15-9, 13-15, 10-15, 15-10 e 15-8), em jogo disputado na Turquia.

Em andebol, a selecção de Esperanças, que disputa a Taça

Latina, empatou com a Espanha a seis golos e protestou o jogo porque o árbitro o terminou antes do tempo regulamentar com os jogadores portugueses a procurar a todo o transe a vitória.

A Espanha foi apurada por «goal-average».

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 32 DE 14 DE ABRIL 1974

Folha de Tondela, 111 111 111 111; Beira Baixa, 111 2x1 11x 122x; Boa Nova, 111 111 111 111; Cardeal Saraiva, 111 111 111 111; Correio dos

Açores, 211 211 111 1x1x; Correio de Coimbra, x11 111 x11 111x; Correio do Vouga, 111 111 211 111; A Defesa, x1x 1x1 11x 1212; Ecos do Despor-

to, x11 2x1 111 11x1; Emissor Regional da Guiné, x1x 22x 111 1122; Eu Sei Tudo, x11 x11 11x 1x12; Folha do Domingo, 111 x11 11x 1111; Jornal do

Barreiro, 111 xx1 x1x 221x; O Jornal de Felgueiras, x11 211 111 1111; O Jornal da Lixa, 211 211 11x 1111; Jornal de Sintra, 111 2x1 x11 1x11; Jornal do Sul, x11 2x1 111 x211; Jornal de Viseu, x11 111 112 x212; Linhas de Elvas, x1x 211 11x 1x1x; Litoral, 111 x11 x11 1x1x; Norte Desportivo, x11 211 x11 111x; Notícias de Chaves, 112 x11 11x 1112; Notícias de Felgueiras, x1x x11 x1x 111x; Povo Algarvio, 211 111 21x 1111; Presença Coimbrã, x11 211 11x 1111; A Rabeca, x11 211 x1x 1112; Rádio Sports, 111 111 111 121x; Renovação, x11 211 111 1111; Telejornal Regional do Norte, 21x x1x 111 1xxx; O Telégrafo, x11 x11 x11 1x11; Açores, x11 x21 x11 11x1; O Algarve, x11 211 x11 1111; Auto Rádio, x11 xx1 111 1x1x; Boletim Desportivo, 211 211 11x 1112; Brados do Alentejo, 21x 222 x1x 21x1; O Benfica, x11 111 11x 111x; Revista Desportiva, 21x 2x1 x12 12xx; Ritmo, x11 x11 11x 1x11; O Comércio de Leixões, 211 211 11x 111x; Comércio de Portimão, x1x 111 111 1111; O Comércio do Porto, 1x2 x21 x1x 1111; As 10 espere por nós, x11 2x1 21x xx22; Diário de Coimbra,

x11 x11 11x 1111; Ecos de Cacia, 211 211 111 1x11; Estúdio 64, 211 2x2 111 121x; Dos fracos não reza a história, 222 22x 212 1211; A Ilha, 111 x21 x11 1111; Jornal do Fundão, 211 2x1 11x 12x2; Jornal da Graça, 111 111 111 1111; O Mensageiro, 11x 221 x11 1x11; Manchete Desportiva, 111 xxx 11x 1111; Maria da Fonte, 111 2x1 x11 11x1; Miscelânea Musical, x11 x11 112 121x; Montra do Êxito, x1x x11 x11 1x1x; Música e Desporto, 12x 211 111 211x; Notícias de Guimarães, x11 2x1 x11 1x11; Notícias de Penacova, 2x1 211 x11 1211; A Ordem, 211 x11 11x 11xx; Peça que não maça, 111 111 111 1111; Penalti, 111 111 111 1111; Fórmula Jota, 111 211 111 1212; Notícias do Totobola, x1x 211 111 11x1; Bondiazinho, x11 211 112 1111; Brado Africano Desportivo, x11 2x1 11x 121x; Brado Africano Ronga, 111 xx1 112 1221; Domingo Alegre, 111 x11 11x 1111; Jornal Desportivo, 21x 211 x12 1x1x; Passatempo, 111 211 111 1x11; Revista Desportiva, 2x1 x22 111 1x11; Roteiro Sonoro, 112 12x 11x 1111; Terceiro Programa, 111 121 111 1211; 20 Ponto D, 211 2x1 11x

221x; Quelimane 73, x11 xx1 21x 1xx2; Renovação, 11x 11x 111 112x; Diário, 11x x2x 111 1x11; Mundo Desportivo, x11 x21 111 111x; Placard Desportivo, x11 x2x 111 1x11; Placard Desportivo Açores, 211 112 111 1112; Programa da Manhã, x1x 211 211 111x; Programa Sem Nome, 211 211 111 1x1x; Quadrante Desportivo, x11 x21 x1x 1112; Quadrante Norte, 111 111 2x2 1111; Rádio Altitude, 1x1 111 111 1x1x; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Reconquista, 111 x11 111 1111; Repórter do Dia-Angola, 111 2x1 11x 111x; Resenha Desportiva, 111 x11 x11 1211; SO Rádio, 1x1 x11 1x1 1x12; O Sorriso da hora do almoço, 111 1xx x11 1111; A Voz Desportiva, x11 x21 1x1 1xx1; Época, x11 x11 x11 1x11; República, 211 2x1 11x 1111; Notícias de Évora, 211 1x1 111 1x11; A Voz do Domingo, 111 xx1 111 x111; A Voz de Lamego, 112 211 111 1211; A Voz de Palmela, x11 111 112 1211; A Voz dos Ridículos, 111 x11 x11 1xx2; Sporting, x11 x11 111 x1xx; Diário de Lisboa, 1x1 x2x x12 1x12; Voz do Casa Pia, x11 x11 111 1111; Jornal de Notícias, x11 x11 111 1x12; O Primeiro de Janeiro, xx1 211 211 1111.

	RESUMO			BOLAS (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. FEIRENSE-VARZIM	41	40	21	5	5	2
2. RIOPELE-OLIVEIRENSE	93	7	2	10	1	1
3. TIRSENSE-CHAVES	81	16	5	9	2	1
4. LOUROSA-ESPINHO	22	39	41	3	4	5
5. GIL VICENTE-FAMALICÃO	62	24	16	7	3	2
6. UNIAO COIMBRA-SALGUEIROS	86	12	4	10	1	1
7. BRAGA-FAFE	67	28	7	8	3	1
8. UNIAO LEIRIA-SACAVENENSE	99	3	0	11	1	1
9. ALHANDRA-UNAO MONTEMOR	61	31	10	7	4	1
10. PENICHE-TORRES NOVAS	93	6	3	10	1	1
11. ODIVELAS-CALDAS	53	29	20	6	4	2
12. PORTIMONENSE-LUSITANO	85	12	5	10	1	1
13. SESIMBRA-MARINENSE	56	29	17	6	4	2

a) Nos termos do Art.º 102, do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:
111 211 111 1111

Sporting, 1-Magdeburgo, 1

UM CICLONE SOBRE O LESTE

Fica combinado: ou o Sporting vai urgentemente à bruxa ou não contam comigo em Magdeburgo. É que, amigos, tendo nos olhos futebol aos quilómetros, com jogadores e jogos a amontoarem-se na recordação desde os meus oito anos, só uma vez me recorda de ter visto coisa igual: quando o Benfica atirou cinco vezes na trave do Borussia e, na Alemanha, por alturas de uma queda de neve que enterrava pessoas, apanhou meia dezena de um grupo que poderia ter voltado a casa «cilindrado» e sem ponta por onde se pegasse. Pois, na noite fria de Alvalade, vi caso parecido: um verdadeiro massacre às redes de Leste, uma diabólica avalanche de ataques e de remates, uma montanha de «cantos» conquistados; e, com um «penaltie» falhado e um autogolo disparatado, o Sporting a ter de encaminhar preces ao céu quando podia, com um rematador eficiente, «golear» de largo os alemãezinhos de trazer por casa que, afinal, nem são «papões» nem valem (sequer) um dos nossos meio-da-tabela em plano de campeonato nacional.

Sim: ante um Magdeburgo de segunda escolha (será sempre só isto?) um Sporting tremendamente avassalador só não construiu o mais rotundo «score» da temporada internacional porque lhe faltaram a cabeça de Nelson e os pés de Yazalde. Mais, ainda: porque, incompatibilizado com o santo do seu nome, até Dinis deitou para as urtigas uma grande penalidade. E, não contentes com 19 «cantos» a aliviarem de qualquer modo o vendaval que lhes batia à porta, os homens da Alemanha acabaram por estabelecer um nulo que fica como das mais flagrantes injustiças que se podem apresentar em «placards» de futebol. Um nulo, saliente-se, apenas permitido pela ingenuidade de Carlos Pereira que, acossado e empurrado por Mewer, atirou para a sua baliza com tanta colocação e certeza que rasgou a invencibilidade (nunca atacada) de Vítor Damas. O fim da macacada!

ALEMÃES VULGARES

Não merece ser voltada do avesso a partida de ontem: a Rádio e a Imprensa matutina, mais os milhares que foram a Alvalade, já contaram tudo. Foi (como direi?) o espelho exacto de um exército perante uma guerrilha de rua. Um ciclone sobre um guarda-chuva esburacado. Um dor de alma para quem contou a série de pontapés desferidos pelo Sporting ao risco confiado a Schulze: e, para fim de questão, quarenta mil a suspirarem por Yazalde e Nelson, para já não falar que até um Fraguito a 80 por cento teria arrumado o assunto em duas pernadas.

De facto, ao longo de um tiroteio desenfreado, apenas faltou ao Sporting a chamada «sorte no jogo»: e teríamos os teutóni-

cos no regresso a penates com uma «cabazada» impressionante. Com pontaria calibrada, só à conta do Yazalde de um dia vulgar estariam no papo cinco ou seis golos diferentes. E, com a cabeça de Nelson a ir buscar a bola lá acima, era um ver-se-te-avias. Porque o Magdeburgo, volto a dizer, apareceu em Alvalade apenas com um bom jogador (o extremo-esquerdo Hofmann), um guarda-redes assim-assim (Schulze) e nove outros sujeitos que só despejavam o couro para onde estavam virados. Acertaram mais vezes no peão que os iniciados do meu Oeiras em dia de bátega forte. Quero dizer: voltariam para o pátrio lar com uma «remessa» doida se os «leões» tivessem disposto de, pelo menos, um rematador a sério. E a eliminação, que ficou totalmente para decidir em Magdeburgo, estaria tão resolvida que Mário Lino até se poderia dar ao capricho de atirar outra vez para o palco com Joaquim Rocha.

MANACA, O ESPECTÁCULO

Praticamente, nunca o Magdeburgo atacou Damas. Aliás, nos esporádicos «raids» até às redes verdes, Damas mostrou-se tão intranquilo que ficamos sem entender se o «calo» dos cinco do Benfica ainda dói nas suas mãos. Porque, à frente (e tirando o lapso ou a desavergonhada infelicidade de Carlos Pereira) tanto Bastos como Alinho estiveram sem o mais pequeno lapso. Indomáveis, perfeitos, magníficos. Porém, a verdade é para se dizer: um homem mereceu vinte e tal valores, num rebanhar de escala apreciável que fica como a nossa melhor homenagem à maneira como transformou o seu antigo estilo «sucateiro» numa pureza de recorte que chega a tocar a magia

Por NEVES DE SOUSA

de um predestinado. Falamos de Manaca, indiscutivelmente o melhor jogador em campo, distinguido com um golo como prémio, a merecer (só por si) a passagem até Roterdão, à final desta «Taça das Taças» que ontem muito teria para contar se os «leões» dispusessem de uma alça virada para o golo, no explorar da mais fraca defesa de grupos internacionais que desde há muito passeava pelos nossos olhos.

CILINDRAGEM CONSTANTE

Toda a primeira parte foi igual à segunda: domínio impetuoso do Sporting, defesa ao calhas do Magdeburgo. Depois, há a salientar meia dúzia de factos: a primorosa primeira hora de um jovem fabuloso (Paulo Rocha), a maestria de Wagner na colocação e endosse da bola, o sentido apurado da entreajuda Bastos-Alinho, as dobras do irrequieto Baltasar ao frio Carlos Pereira, a longa teoria de cabeças e pontapés que rondavam a baliza alemã, a série de fahlações da sua pseudodefesa e o modo como aquele grupo de bem educados germânicos cedo mostrou ao público que vinha só com uma tarefa na agenda. Perder por poucos ou salvaguardar com unhas e dentes um eventual empate.

Foi o que sucedeu, para mal dos nossos pecados. Não têm conta os disparos verde-brancos, a que só faltava o anichar dentro do «véu da noiva». Mas, por outro lado, rectificações imediatamente se começaram a impor: troca Chico-Márinho, entrada de Wagner na frente e passes rentes à relva em lugar de bolas «pingadas» lá das nuvens, à espera que a testa de Chico resolvesse todas as questões.

Como o fortíssimo Manaca deu um «show» de futebol e tanto Paulo Rocha como Wagner dominaram a bel-prazer o meio-campo, fácil se torna adivinhar o perfil do esmagamento: o pior é que cada um dos verdes procurava fazer, só por si, o que deveria ser tarefa comum. E, infelizmente, faltava ali (também) um homem com poder de elevação (Nelson) ou outro que fizesse pontaria firme (Yazalde). Ou, bem vistas as coisas, mesmo

um Fraguito que destapas a tampa do caldeirão com uma finta mortal. Faltava isso, é verdade: mas mesmo assim, pelo brio e pela galopada vertiginosa das suas pernas, nenhum dos profissionais do leão merecia aquele desfecho. Nem sequer Dinis, o azarento do chute sempre denunciado, do «penaltie» perdido infantilmente. Nem mesmo Carlos Pereira, muito moço para desanimar mas já com sabedoria suficiente para perceber que não devia ter caído na esparrela do alívio para Damas (em posição frontal) apertado (acotovelado) por um contrário à sua ilhargia. Enfim: uma noite a pedir redenção.

TRÊS CASOS

Digamos, ainda, que nem um «libero» atrás de outros nove defesas salvaria o Magdeburgo; e que a soberana cabeça de Manaca (golo português) apenas pecou por tardia. É que o empate, fruto puro de uma «azelhice» antagonista, é prémio que se recusa conceder ao deve-haver do Magdeburgo onde, repisamos o mote, não se consegue vislumbrar a mais pequena centelha de talento suficiente para se entender o título de campeão da Alemanha de Leste. Se o Magdeburgo não joga um bocadito mais, bem pode guardar as botas até Setembro: nesta «Taça», mesmo com a desvantagem de ir até ao terreno adverso, só um golpe de infortúnio monstruoso pode afastar o Sporting da sua hora de glória.

Antes de salientar que o árbitro búlgaro Nickolov teve uma direcção quase impecável (justificadíssimo o «cartão amarelo» a dois visitantes, pela demora na reposição da bola em jogo, e certíssimos os seis minutos extra com que puniu o Magdeburgo pelas lesões simuladas) acrescentemos que nos ficaram fortes dúvidas em três momentos: na bola que o n.º 3 da Alemanha «repescou» de cima do último traço branco, num escamoteamento de Schulze que deu ares de bola já entrada, e, também, de um corte «à espanhola» feito por Bastos na sua grande-área, estava o ponteiro quase em repouso. Mas, para além destes pontos, há que registar que jamais se assistiu a uma incor-



Manaca: «o livro é daqui?»



O fundamental era passar tempo...



Finta — «show» de Dinis

recção por parte de qualquer emblema. Uma lição de desportivismo e de honestidade que fica como o zénite da esgrima.

VALORES NO PALCO

Para além do tal ponta-esquerda de certo gabarito, nada mais (no plano individual) mostrou este Magdeburgo de meia tijela. Mas o Sporting, esse, sim: teve unidades a cem por cento (Paulo Rocha e Wagner na primeira volta ao mostrador do relógio), um defesa-extremo colossal (Manaca, a quem ofertamos os parabéns mais sinceros) e um trio de desageitados no remate que nem por isso deve ser esquecido pelos bons lampejos com que rubricou ataque constante e pertinaz (Márinho, Chico, Dinis). Citação (outra vez) para a instabilidade de Damas (colhido a frio em golpes de acaso) e muitos aplausos para Bastos e Alinho, que jamais perderam um jogada. Carlos Pereira afundou-se com o seu percalço, tal e qual como sucedeu

a Dinis imediatamente após falhar o «penaltie». Baltasar aplicou-se no trabalho, tal como Tomé quando rendeu Paulo Rocha. O outro Rocha do clube de João Rocha, também quis acertar, mas os compêndios por onde estudou não dão para mais que o acesso às classes primárias: a sua entrada para o lugar de Carlos Pereira compreende-se, todavia, a partir do minuto em que Mário Lino teria de jogar tudo por tudo e quem pudesse atirar ao golo, pois era escusado manter quatro defesas nuns 50 metros em que não se via uma alminha vi, com camisola de outra cor.

Enfim: exibição memorável do Sporting em tudo o que não significou fazer o golo. E, uma saudade tremenda na bancada: com Yazalde e Nelson, com aquele mesmo Manaca e com Paulo Rocha no tempo todo, com a rapaziada unidinha e de olhos em riste, até onde se marcaria um «record» de golos nesta «Taça das Taças»?



A cabeça vitoriosa do espectacular Manaca



BOLSA DE LISBOA

COTAÇÃO DE ONTEM

FUNDOS DE ESTADO

	Efect. Compra	Venda
Cons 23/4 %	440\$	450\$
Cons 3 %	580\$	590\$
Cons 3 1/2 %	1.000\$	1.010\$
Centenários	1.000\$	1.010\$
Tes. 5 % 57	1.000\$	1.010\$
Tes. 5 % 59	1.000\$	1.010\$
Extern. 1.ª s.	720\$	730\$
Extern. 1.ª c.	720\$	730\$
Extern. 3.ª s.	720\$	730\$
Extern. 3.ª c.	720\$	730\$
Caut. 3.ª s.	720\$	730\$

FUNDOS PUBLICOS

A Lx 6 %	820\$	820\$
C M L 5 3/4 %	820\$	820\$
C P 5 1/2 % 67	820\$	820\$
C P 5 1/2 % 68	820\$	820\$
C P 5 1/2 % 69	820\$	820\$
Corr 5 3/4 %	820\$	820\$
Metr 5 3/4 %	820\$	820\$
Tur 5 3/4 %	820\$	820\$
C P 6 3/4 %	820\$	820\$

ELECTRICAS

G 5 % 58	820\$	820\$
G 5 % 59	820\$	820\$
G 5 % 62	820\$	820\$
G 5 % 63	820\$	820\$
G 5 % 64	820\$	820\$
G 5 % 65	820\$	820\$
G 6 % 67	820\$	820\$
G 6 % 69	820\$	820\$
G 7 %	820\$	820\$
H E A 5 %	820\$	820\$
H E C 5 %	820\$	820\$
H E D 5 %	820\$	820\$
H E N 5 %	820\$	820\$
H E S 5 %	820\$	820\$
H E Z 5 %	820\$	820\$
N E Z 5 %	820\$	820\$
N E Z 6 %	820\$	820\$
N E Z 7 %	820\$	820\$
N E Z 8 %	820\$	820\$
N E Z 9 %	820\$	820\$
N E Z 10 %	820\$	820\$
N E Z 11 %	820\$	820\$
N E Z 12 %	820\$	820\$
N E Z 13 %	820\$	820\$
N E Z 14 %	820\$	820\$
N E Z 15 %	820\$	820\$
N E Z 16 %	820\$	820\$
N E Z 17 %	820\$	820\$
N E Z 18 %	820\$	820\$
N E Z 19 %	820\$	820\$
N E Z 20 %	820\$	820\$
N E Z 21 %	820\$	820\$
N E Z 22 %	820\$	820\$
N E Z 23 %	820\$	820\$
N E Z 24 %	820\$	820\$
N E Z 25 %	820\$	820\$
N E Z 26 %	820\$	820\$
N E Z 27 %	820\$	820\$
N E Z 28 %	820\$	820\$
N E Z 29 %	820\$	820\$
N E Z 30 %	820\$	820\$
N E Z 31 %	820\$	820\$
N E Z 32 %	820\$	820\$
N E Z 33 %	820\$	820\$
N E Z 34 %	820\$	820\$
N E Z 35 %	820\$	820\$
N E Z 36 %	820\$	820\$
N E Z 37 %	820\$	820\$
N E Z 38 %	820\$	820\$
N E Z 39 %	820\$	820\$
N E Z 40 %	820\$	820\$
N E Z 41 %	820\$	820\$
N E Z 42 %	820\$	820\$
N E Z 43 %	820\$	820\$
N E Z 44 %	820\$	820\$
N E Z 45 %	820\$	820\$
N E Z 46 %	820\$	820\$
N E Z 47 %	820\$	820\$
N E Z 48 %	820\$	820\$
N E Z 49 %	820\$	820\$
N E Z 50 %	820\$	820\$
N E Z 51 %	820\$	820\$
N E Z 52 %	820\$	820\$
N E Z 53 %	820\$	820\$
N E Z 54 %	820\$	820\$
N E Z 55 %	820\$	820\$
N E Z 56 %	820\$	820\$
N E Z 57 %	820\$	820\$
N E Z 58 %	820\$	820\$
N E Z 59 %	820\$	820\$
N E Z 60 %	820\$	820\$
N E Z 61 %	820\$	820\$
N E Z 62 %	820\$	820\$
N E Z 63 %	820\$	820\$
N E Z 64 %	820\$	820\$
N E Z 65 %	820\$	820\$
N E Z 66 %	820\$	820\$
N E Z 67 %	820\$	820\$
N E Z 68 %	820\$	820\$
N E Z 69 %	820\$	820\$
N E Z 70 %	820\$	820\$
N E Z 71 %	820\$	820\$
N E Z 72 %	820\$	820\$
N E Z 73 %	820\$	820\$
N E Z 74 %	820\$	820\$
N E Z 75 %	820\$	820\$
N E Z 76 %	820\$	820\$
N E Z 77 %	820\$	820\$
N E Z 78 %	820\$	820\$
N E Z 79 %	820\$	820\$
N E Z 80 %	820\$	820\$
N E Z 81 %	820\$	820\$
N E Z 82 %	820\$	820\$
N E Z 83 %	820\$	820\$
N E Z 84 %	820\$	820\$
N E Z 85 %	820\$	820\$
N E Z 86 %	820\$	820\$
N E Z 87 %	820\$	820\$
N E Z 88 %	820\$	820\$
N E Z 89 %	820\$	820\$
N E Z 90 %	820\$	820\$
N E Z 91 %	820\$	820\$
N E Z 92 %	820\$	820\$
N E Z 93 %	820\$	820\$
N E Z 94 %	820\$	820\$
N E Z 95 %	820\$	820\$
N E Z 96 %	820\$	820\$
N E Z 97 %	820\$	820\$
N E Z 98 %	820\$	820\$
N E Z 99 %	820\$	820\$
N E Z 100 %	820\$	820\$

DIVERSAS

A P T 5 % 56	820\$	820\$
A P T 5 % 58	820\$	820\$
Lisnave 6 %	820\$	820\$
Nitratos 60	820\$	820\$
Pel 2.ª e 3.ª	820\$	820\$
Sacor 7 %	820\$	820\$
Sacor 5 %	820\$	820\$
Sacor 5 % 54	820\$	820\$
Sid 5 % 2.ª	820\$	820\$
Sid 5 % 3.ª	820\$	820\$
Sid 5 % 4.ª	820\$	820\$
Socel 5 %	820\$	820\$
R Fabril 67	820\$	820\$
R Fabril 68	820\$	820\$

ULTRAMARINAS

Carbonif 5 %	820\$	820\$
Rev 5 % 57	820\$	820\$
Rev 5 % 59-60	820\$	820\$
Moçambique 5 %	820\$	820\$
Sonete 5 %	820\$	820\$

ACÇÕES

De Bancos	6.100\$	8.100\$	6.150\$
Agicultura	4.500\$	4.250\$	4.300\$
Alentejo	3.000\$	3.000\$	3.000\$
Angola	6.000\$	6.000\$	6.000\$
Borges e Irmão	10.100\$	10.000\$	10.100\$
Crédito Predial	6.150\$	6.100\$	6.150\$
Espirito Santo	12.000\$	11.500\$	12.000\$
Fomento	5.500\$	5.500\$	5.500\$
F & Burnay	11.000\$	11.000\$	11.000\$
Intercontinental Português	6.500\$	6.500\$	6.500\$
N. Ultramarino - m.	9.800\$	9.800\$	9.800\$
Pinto & Sotomayor	17.000\$	16.900\$	17.000\$
Portugal - n	7.700\$	7.600\$	7.700\$
Portugal - p	8.700\$	8.600\$	8.700\$
P. Atlântico	17.000\$	17.000\$	17.000\$
Totta & Açores	10.050\$	10.000\$	10.050\$
Pinto Magalhães	9.900\$	9.800\$	9.900\$
Fernandes de Magalhães	7.200\$	7.200\$	7.200\$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

BANCO DO ALENTEJO

	5/4/74	8/4/74	10/4/74
GERAL	332,8	332,6	317,2
METROPOL	350,6	338,9	333,0
ULTRAM	202,2	202,9	202,2

De Seguros	Efect. Compra	Venda
Alentejo	620\$	610\$
Bonança	17.000\$	17.000\$
Imperio	51.000\$	51.000\$
Mundial	4.800\$	4.800\$
Soberana	6.100\$	6.000\$
Tranquilidade	13.000\$	13.000\$

Electricas	Efect. Compra	Venda
C P E - p.	820\$	820\$
C P E - n	820\$	820\$
E Beiras	820\$	820\$
G. Electricidade - c	820\$	820\$
H. E. A. A.	820\$	820\$
H. E. N. P.	820\$	820\$
H. E. S. E.	820\$	820\$
U. E. P.	820\$	820\$

Ultramarinas	Efect. Compra	Venda
Ag Casseque	850\$	850\$
Ag Incomati	1.800\$	1.750\$
Ag S. T. e P.	1.800\$	1.750\$
Ag Angola	1.800\$	1.750\$
Ag Angola	270\$	270\$
Ang Agricultura	710\$	710\$
Boror Com.	110\$	110\$
Buzi	130\$	130\$
Cabinda	200\$	200\$
Com Lobito	420\$	410\$
D. A. T. 100	500\$	500\$
H. E. Revue	500\$	500\$
I. N. P. Principe	500\$	500\$
Moçambique	500\$	500\$
Sonete - n	480\$	475\$
Sonete - p	480\$	475\$
Zambézia	90\$	90\$

Diversas	Efect. Compra	Venda
Ag Lx - ant	820\$	820\$
Ag Lx - 34	820\$	820\$
Ag Lx - 36	820\$	820\$
Cel Guadiana	820\$	820\$
C Leiria - p	820\$	820\$
C Tep - p	820\$	820\$
F Ramada	820\$	820\$
Fornos Eléctricos	820\$	820\$
P Celulose	820\$	820\$
Siderurgia - p	820\$	820\$
Siderurgia - n	820\$	820\$
Socel	820\$	820\$
Cidla	4.450\$	4.400\$
C. U. F.	4.100\$	4.100\$
Intar	780\$	775\$
Nitratos	1.350\$	1.350\$
Petroquímica	1.700\$	1.700\$
Sacor	6.350\$	6.300\$
Tab. Portugal	2.000\$	2.000\$
Tab. Madeira	13.300\$	13.300\$
U. F. Azoto	1.050\$	1.000\$
Empor	500\$	480\$
Ind. Alcança	1.250\$	1.250\$
I. P. Colónias	2.150\$	2.100\$
Nacional Navegação	2.800\$	2.750\$
Navegação (Col.)	920\$	920\$
P. Pesca	920\$	920\$
Matur	920\$	920\$
R. Marconi	920\$	920\$
T. A. P.	920\$	920\$
Compal	945\$	900\$
Salvor	2.800\$	2.800\$
Penna	3.500\$	3.500\$
Grão-Para	3.500\$	3.500\$
Lisnave	13.000\$	13.000\$
Vidago, M. & P. Salgadas	13.000\$	13.000\$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	480\$00	504\$70
F. I. D. E. S.	320\$50	330\$10

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rand	31500	34000
Alemanha Marco	9670	10600
América		
Dollars de 1 e 2	24520	25620
Dollars de 5 a 20	24570	25670
Dollars de 50 a 1000	24590	25690
Austria Schilling	1534	1540
Belgica Franco	\$61,5	\$64,5
Brasil Cruzeiro	3540	4520
Canada		
Dollars de 1 e 2	24580	25680
Dollars de 5 a 1000	24590	25690
Unamarcia Coroa	3590	4520
Espanha Peseta	\$43	\$46
Francia Franco	5610	5650
Holanda Florim	9615	9645
Inglaterra Libra	56600	62300
Italia Lira	\$03,5	\$04
Japão Yene	\$07	\$095
Marrócos Dirham	\$	\$
Noruega Coroa	4535	4565
Suecia Coroa	5845	5860
Suça Franco	8615	8550
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	1.450\$00	1.600\$00
Inglaterra 12 libra	1.100\$00	1.250\$00
Ouro fino grama	140\$00	155\$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Prédio do Banco do Alentejo, Lda - Tel. 321273
Rua do Ouro, 72 - Lisboa

televisão

HOJE

1.º Programa (23.00)
Transmissão directa de Braga de parte da procissão «Eco Homem»

2.º Programa (22.00)

«REQUIEM» DE VERDI

SIEMENS ESTORIL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

19.30	Telejornal — 1.ª edição
19.45	Há só uma Terra
20.15	Actualidade desportiva
20.30	O Vaticano desconhecido
21.30	Telejornal — 3.ª edição
22.00	Os actos dos apóstolos
22.30	Transmissão directa de Braga de parte da procissão «Eco Homem»
23.00	Telejornal — 4.ª edição
23.30	Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30	Abertura e expedição
21.00	Tempo internacional
21.30	Telejornal — 3.ª edição
22.00	«Requiem» de Verdi
22.30	Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

20.45	Telejornal
21.00	Eurovisão «Transmissão directa de Roma das cerimónias da Via Sacra presididas por S. S. o Papa»
22.15	Os actos dos apóstolos
24.15	Fecho.

Devido à solenidade do dia não há emissão do II Programa.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO L-1
ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA

Teles, Rua João de Barros (Tel. 63176)

ALCANTARA

Lupi Nogueira, Rua da Creche, 2 (Tel. 631635)

ALTO S. JOÃO

Oriente, Rua Lopes, 120 (Tel. 843381)

ALVALADE

Avia, Av. de Roma, 56-B (Tel. 715370); Brasília, Av. Rio de Janeiro, 66 (Tel. 722368)

ARCO CEGO

Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31 (Tel. 47088)

ARROIOS

Matos, Rua Álvaro Coutinho, 10 (Tel. 821671)

AVENIDA DA LIBERDADE

Nacional, Rua do Salitre, 7 (Tel. 46558)

AVENIDAS NOVAS

Avenidas, Av. da República, 27-A (Tel. 533688); Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tel. 774920)

BAIRRO DA ENCARNACÃO

Ascenso, Praça do Norte, 11-A (Tel. 311216)

BAIXA

Nacional, Rua do Salitre, 7 (Tel. 46558); Americana, Calçada de Santana, 8 (Tel. 863984)

BENFICA

Sousa, Estrada de Benfica, 429 (Tel. 780027)

CAMPO DE OURIQUE

Ourique, Rua Freitas Gazul, 23-B (Tel. 671667)

CONDE REDONDO

Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (Tel. 52076)

GRAÇA

Rosa e Viegas, Rua de S. Vicente, 31 (Tel. 84351)

CAMPO DE OURIQUE

Castro, Rua Quatro de Infância, 28-A (Tel. 688857)

CARNIDE

Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181)

ESTERÁNCIA

Estância, Rua Pascoal de Melo, 80 (Tel. 44438)

GRAÇA

Santo António, Rua Lente de Vasconcelos, 72-C (Tel. 862333)

LUMIAR

S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (Tel. 790704)

MOURARIA

Bastos, Calçada de Santo André, 107 (Tel. 860450)

OLIVAIS

Nova, Lote 469 (Olivaes Sul) (Tel. 816402)

PENHA DE FRANÇA

Carroado, Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (Tel. 842518)

PICHELEIRA

Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 726395-720703)

S. MAMEDE

S. Marçal, Rua de S. Marçal, 100 (Tel. 325318)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

Bairro Azul, Avenida Ressaio Garcia, 7-A (Tel. 51451); Novais, Av. Luis Bivar, 11 (Tel. 44324)

XABREGAS

Barros de Gouveia, Rua do Vale Formoso de Cima, 79-B (Tel. 382180)

TURNO L-2

TODA A NOITE

ALCANTARA

Leitadia, Rua do Olival, 226 (Tel. 663441)

ALTO DO PINA

Esperança, Rua Carlos Marcel, 101-B (Tel. 722868)

ALVALADE

Carfaxo, Av. da Igreja, 21-C (Tel. 776358); Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12 (Tel. 727271)

AREIRO

João XXI, Av. João XXI, 16-A (Tel. 726462)

BAIRRO ALTO

Azavedo, Rua da Misericórdia, 24 (Tel. 323540)

BELEM

Remisio, Rua dos Jerónimos, 14-C (Tel. 631699)

BENFICA

Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (Tel. 703393)

BOA HORA

Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (Tel. 631958)

CAMPOLIDE

Pátria, Calçada dos Mesitres, 30-A (à Rua das Amoras) (Tel. 680627)

LUMIAR

Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-A (Tel. 790942)

PENA

Americana, Calçada de Santana, 8 (Tel. 563984)

SANTA CATARINA

Combra, Calçada do Combro, 78 (Tel. 326059)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

Aguar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (Tel. 768343-764629)

S. VENTURA

(Ver Graça)

SETE RIOS

Aguar, Av. Bordalo Pinheiro, 89-A (Tel. 786343)

XABREGAS

Salter, Rua de Xabregas, 63 (Tel. 381165)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Miraflores, R. António Granjo, 2 (Tel. 213181)

CAXIAS

Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS

Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS

Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)

PARADE

Brandão, Av. da República, 77-C (Tel. 2471054)

S. PEDRO DO ESTORIL

S. Pedro, (Tel. 283052)

MONTE ESTORIL

Costa, Av. Sabóia, 29-B (Tel. 260085)

CASCAIS

Misericórdia, R. Regimento 19,41 (Tel. 280141); Cascais, R. Conde de Monte Real-B.º Caixas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flame, R. Elias Garcia, 185 (Tel. 932485); Conflância, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15 (Tel. 931849)

DAMAIA

Damaia, Est. Militar, Lote-D (Tel. 9710231)

QUELUZ

Andre, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)

CACÉM

Araújo e Sá

MEM MARTINS

Quilma, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA

Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832)

COLARES

Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS

Guemão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA

Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco da Costa, Lote-1 (Tel. 271297)

BAIXA DA BANHEIRA

Alfama, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)

BARREIRO

Soares, Av. da República, 1 (Tel. 2073023)

COVA DA PIEDADE

Carqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254)

MOITA

Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)

MONTEJO

Giraldes, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)

SESIMBRA

Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)

SETÚBAL

Soromenho, P. Machado Santos (Tel. 22691); Alice, P. do Quebedo (Tel. 23743)

SEIXAL

Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

2.º TURNO

SUB TURNO A

Batalha (da), Praça da Batalha, 26. Campo (do), Praça da República, 118. Costa Cabral, Rua Costa Cabral, 1832. Fonte da Moura, Rua do Tânger, 1463. Invicta, Rua do Bonfim, 330. Mira Paulo, Rua Castelo de Numão, 37

SUB TURNO B

Barros, Rua do Bonjardim, 1292; Fátima, Rua Olv. Monteiro, 475; Garanta, Rua Fernandes Tomás, 696; Gomes, Rua Matias de Albuquerque, 243; Sá, Rua Vale-Formoso, 181; Sarabando, Largo dos Lóios, 36.

COIMBRA

TURNO D

Solum, Rua Carolina Michaelis, 20 (Tel. 33120); Nazaré, R. Ferreira Borges, 135-139 (Tel. 22605); S. Isabel, Av. Sá da Bandeira, 28 (Tel. 24916)

cinemas

cinemas

cinemas

ROXI (T. 48580)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (Grupo C-14 anos) 2.ª Semanal Colorido

O FILME DO ANO

O MAGNÍFICO (LE MAGNIFIQUE) O filme de Philippe de Broca com Jean-Paul Belmondo e Jacqueline Bisset

MUNDIAL (Tel. 538743)

15.15, 18.30 e 21.45 2.ª Semanal Grupo D (18 anos) Colorido

Barbra Streisand, Robert Redford «O NOSSO AMOR DE ONTEM»

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)

15.30, 18.30 e 21.45 25.ª Semanal Eastmancolor Grupo D (18 anos)

«O PORTEIRO» Bernard Le Coq, Maureen Kearney e Michel Calabro

Amanhã às 00.30 Grupo D (18 anos) Cinema Fora de Horas O PORTEIRO

CONDES (T. 322523/326710)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (Grupo C-14 anos) 2.ª Semanal Colorido

Jean-Paul Belmondo e Jacqueline Bisset. O filme do ano! O MAGNÍFICO (LE MAGNIFIQUE). O filme de Philippe de Broca

CASINO ESTORIL (Tel. 262421)

17.00 - 21.30 Technicolor-Panavision Grupo C (14 anos) S. FRANCISCO DE ASSIS com Graham Faulkner e Judi Bowker

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 763319)

15.15 - 18.30 - 21.45 3.ª Semanal Technicolor Grupo D (18 anos)

Um dos 10 melhores filmes do ano! AMERICAN GRAFFITI - NOVA GERAÇÃO de George Lucas

Hoje às 24.00 «Clássicos à meia-noite» Grupo D (18 anos) OS EMI-GRANTES de Jean Tridell com Max Von Sydow e Liv Ullmann

EUROPA (Tel. 661016)

15.15 e 21.30 (Grupo C-14 anos) 2.ª Semanal Eastmancolor. Cantiflas «AS ORDENS DE VOSSELENCIA». O filme é projectado sem complemento.

ALVALADE (Tel. 717480)

15.30, 18.30 e 21.45 Eastmancolor Grupo A (6 anos)

Marie Laforet «O PEQUENO POLEGAR». Um filme de Michel Boisrond. (Metro: Alvalade)

RESTELO (Tel. 610275)

21.30 Grupo B (10 anos) Cor de Luxe - Som estereofónico

4 Bandas magnéticas. A TUNICA com Richard Burton, Jean Simmons, Michael Rennie e Victor Mature

IMPÉRIO (Tel. 555134)

15.15 - 18.30 - 21.30 2.ª Semanal Grupo D (18 anos) Enrico Maria Salerno, Santa Berger ESCÂNDALO DE BATA BRANCA Realização de Luigi Zampa

Os Bons Velhos Tempos amanhã às 18.30 Grupo B (10 anos) Technicolor SOB O SINGO DE CAPRI-CORNIO de Hitchcock com Ingrid Bergman (Metro Alameda)

BERNA (Tel. 776098)

15.15, 18.30 e 21.45 17.ª Semanal Todd-ao 35 mm Grupo C (14 anos)

o filme de Norman Jewison «JESUS CRISTO SUPERSTAR»

LONDRES (Tel. 731313)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 7.ª Semanal (Grupo D-18 anos)

Uma festa fabulosa Grande Prémio do Juri de Festival Cannes 1973 «O CONVITE» (L'Invitation) o filme de Claude Goretta

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)

Estreia às 21.45 Eastmancolor Grupo D (18 anos) SEGREDO PROIBIDO Jacqueline Bisset

As 15.30 - 18.30 Grupo D (18 anos) PROJEÇÃO PRIVADA

ROMA (Tel. 727778)

15.30, 18.30 e 21.45 (Grupo D-18 anos) 2.ª Semanal Colorido Barbra Streisand, Robert Redford O NOSSO AMOR DE ONTEM

POLITEAMA (Tel. 326305)

Estreia às 21.45 Eastmancolor Grupo A (6 anos) EUSEBIO A PANTERA NEGRA. As 15.15 - 18.15 Grupo B (10 anos) O GRANDE QUELO

As 00.30 Grupo D (18 anos) «Ciclo Terror à Meia-Noite. Amanhã GROTAS DO OUTRO MUNDO. Sábado TRÊS DEGRAUS PARA A MORTE

ROYAL (Tel. 865037)

15.00 - 21.00 Grupo D (18 anos) O DRAGÃO ATACA. Em complemento DIVÓRCIO À ITALIANA

MONUMENTAL (Tel. 555131)

15.00 - 21.30 Panavision-Technicolor Clint Eastwood HARRY O DETECTIVE EM ACÇÃO. Nós também somos italianos. Hoje às 18.30 Grupo D (18 anos) O BELO ANTONIO de Mauro Bolognini com Marcello Mastroianni e Claudia Cardinale. Amanhã às 18.30 Grupo B (10 anos) O ENVAGELHO SEGUNDO S. MATEUS de Pier Paolo Pasolini

S. JORGE (Tel. 54153/54154)

15.15 - 18.15 - 21.30 4.ª Semanal últimas exhibições AGORA CHAMAM-LHE MAGNÍFICO Grupo B (10 anos) Amanhã às 15.15 - 21.30 2 únicos espectáculos A MAIOR HISTÓRIA DE TODOS OS TEMPOS

ODEON (Tel. 326283)

2.ª Semanal 15.15-18.30 e 21.30 (Grupo B-10 anos)

Ria à tarta com Alfredo Landa e o atrevido miúdo Ahui. «O DELICADINHO NA MARINHA» em película de 6 anos sabia mais de amar de que as mulheres sábias e os homens de génio

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)

15.30 - 18.30 - 21.45 Grupo D (18 anos) A obra-prima de Ingmar Bergman RITUAL (Riten) com Ingrid Thulin.

DL/NACIONAL



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDAÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 3.º
TELEF. 6545312-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. DIÁRIA TELEF. 2461
LISBOA PORTUGAL

Soldados mortos no Ultramar

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu, em combate, no Estado de Moçambique, o soldado do G. E. n.º 3562-73 Baptista Janguane, natural de Morrumbala, filho de Janguane e de Navaiane.

Em Cabo Verde, morreu por doença, o 2.º sargento da Armada n.º 4376, Salvador Marques Ferraz, natural de Formigais, filho de José Dias Ferraz e de Piedade Marques, casado com Adelina da Conceição Martins Ferraz.

Por acidente de viação, faleceu, em Angola, o soldado R.E. n.º 607485/73, António Gomes Rodrigues, natural do Bairro Rangel, Luanda, filho de Maria Otrolinda Rodrigues.

Em busca do petróleo na costa portuguesa

À vista da praia da Figueira da Foz e a cerca de sete milhas de distância continuam os trabalhos de fixação da plataforma destinada à prospecção de petróleo naquela zona marítima. Cerca de 80 homens (holandeses e americanos) constituem a equipa de trabalho.

Ao mesmo tempo, encontra-se no Tejo um barco de prospecção sísmica dos fundos submarinos, o «Sismic Surveyor», que vem realizar um vasto programa de investigações nos novos blocos da plataforma continental marítima a oeste da região compreendida entre Caldas da Rainha e Leiria, cujos direitos de pesquisa e exploração petrolífera foram recentemente outorgados à Shell Prospe-

Cirurgia oncológica

Convidado pela direcção do Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil e sob o patrocínio dos Serviços Culturais da Embaixada de França e da Liga Portuguesa Contra o Cancro, encontra-se em Lisboa o dr. J. P. Pilleron, director do Serviço de Cirurgia da Fondation Curie.

O programa científico para a estadia do dr. Pilleron no Instituto Português de Oncologia, que é organizado pelo dr. José Cunha, chefe de serviço da Clínica Oncológica III, consta de conferências sobre protocolos terapêuticos e visitas clínicas.

Estas actividades começam no dia 15 de Abril às 11.30 no anfiteatro deste Centro, prolongando-se, todas as manhãs, até ao dia 20.

A SITUAÇÃO EM NAMPULA

Continuação da pag. 1

para onde os seis padres haviam sido levados, há cerca de três semanas, quando a Polícia os escoltou, protegendo-os de manifestantes que os ameaçavam, no caminho para o aeroporto.

Alguns vidros da referida missão chegaram a ser estilhaçados e pouco depois os manifestantes dirigiram-se para a frente do Paço Episcopal, onde um dispositivo policial e militar impediu descalços ao bispo da diocese, senhor D. Manuel Vieira Pinto.

O governador do distrito de Nampula, intendente Gama Amaral, tem estado em permanente contacto com a população, desenvolvendo importante papel moderador.

A vaga de protesto popular contra a atitude assumida na diocese de Nampula pelos missionários combonianos teve início em Fevereiro, ao ser co-

nhecido um extenso documento assinado por aqueles padres e pelo próprio prelado, no qual, além de se formularem várias acusações ao comportamento da Igreja em Moçambique — nomeadamente a de estar enfeudada ao poder civil e a de «não cumprir a sua missão profética» — era tomada uma posição nitidamente hostil à soberania de Portugal em Moçambique.

O BISPO E OS CINCO PADRES ABANDONARAM NAMPULA

Os cinco padres combonianos e um padre secular — que teriam sido expulsos de Moçambique no mês passado, segundo notícias então postas a circular — deixaram ontem ao princípio da tarde, a cidade de Nampula, com destino até ao momento desconhecido. Também o bispo de Nampula, D. Manuel Vieira Pinto, deixou a sua diocese.

O bispo D. Manuel e um dos padres, que se supõe seja o padre Rogério de Sousa, antigo pároco de Nacala, embarcaram num táxi aéreo da TAC cerca das 14 horas. Duas horas depois, partiram noutro avião da mesma companhia os missionários combonianos italianos João Zani, de 53 anos, Vicente Capra, de 42 anos, Severino Peano, de 50 anos, Cornelio Prandina, de 30 anos, e Ernesto Calderola, de 60 anos.

Ontem, desde o princípio da manhã que os estabelecimentos comerciais estiveram encerrados na cidade, em sinal de protesto pela presença dos padres

citados e do bispo da diocese. Às 10 e 30, cerca de três mil pessoas concentraram-se junto do palácio do Governo, pedindo que fossem tomadas medidas urgentes. O governador do distrito, intendente Gama Amaral, falou então à multidão, recomendando calma, e afirmando que o Governo da província estava já a estudar as medidas convenientes.

Durante as manifestações, os populares partiram vidros de várias janelas da missão de São Pedro.

Mais tarde, deslocaram-se ao centro catequético do Anchilo, a 20 quilómetros de Nampula, na estrada para Nacala, e partiram vidros do vasto complexo missionário.

Regressados a Nampula, os manifestantes percorreram as ruas da cidade, buzinando freneticamente, até altas horas da madrugada.

Entretanto, os informadores ocasionais disseram que uma caravana automóvel saiu de Nampula, a meio da tarde de ontem em direcção à missão de Carapira, a 120 quilómetros da cidade, na direcção da ilha de Moçambique, com a finalidade de exigir aos missionários italianos que abandonem Moçambique. Entretanto, o padre Atanasio Muto, superior da Missão de S. Luís de Monforte da Mesa, no distrito de Cabo Delgado, foi ontem recebido pelo governador-geral, eng.º Pimentel dos Santos.

O padre Atanasio, de etnia maconde, é também vogal da Assembleia Legislativa de Moçambique.

ELEIÇÕES IMPUGNADAS EM BRAGA

PORTO, 11 — Foram impugnadas, através de um processo apresentado no Tribunal de Trabalho de Braga, as eleições dos corpos directivos do Sindicato Nacional dos Empregados de Garagens e Oficinas Correlativos do Distrito de Braga, que se efectuaram no passado dia 24 de Março.

Deste modo, a posse dos novos dirigentes está suspensa.

O PROBLEMA DOS "TIR"

Transportadores internacionais propõem-se construir um terminal

Aplicada ao importador uma taxa de "imobilização"

A partir da próxima segunda-feira as mercadorias importadas por via terrestre, nos transportes rodoviários internacionais (TIR) e destinados ao terminal de carga de Lisboa, passam a custar ao importador mais 140 escudos por cada 100 quilos (ou 400 decímetros cúbicos) como taxa de congestionamento aplicada pelos transportadores. Esta taxa foi aprovada, ontem à noite, por 17 das principais empresas transitárias, representando entre 90 a 95 por cento de toda a carga transportada para Portugal no âmbito da convenção «TIR» e destinada a distribuir as despesas resultantes da forçada imobilização dos camiões transportadores junto ao terminal de Santa Apolónia.

O assunto foi por nós abordado em duas reportagens recentemente publicadas mas, ao que ontem se ouviu, na reunião convocada pela firma Lassen Transport, a situação agravou-se desde então e foi, até à apelação de absolutamente catastrófica. Os camiões estão a demorar entre 10 e 12 dias para descarregar, quando deviam chegar, descarregar imediatamente e regressar com carga portuguesa de exportação. Por cada dia de imobilização os transitários pagam entre três mil e quatro mil escudos (indenização devida ao proprietário do veículo e a taxa de mil escudos por permanência em território nacional). São esses prejuízos de que não têm a responsabilidade que pretendem transferir.

Um exemplo dado ontem, na reunião promovida no Clube Alemão: um carregamento de camisas destinado à Alemanha já foi rejeitado pois o camião que o devia transportar não chegará antes da Páscoa, por retenção em Lisboa. Dos 38 camiões com carga portuguesa que a mesma empresa devia despachar até à Páscoa só podem sair 10. Os outros 28 continuam a aguardar vez para descarga.

Como razão fundamental deste problema foi apontada a impossibilidade de o Porto de Lisboa receber os camiões Tir (ao que parece nem sequer lhe podem ser imputadas responsabilidades uma vez que devia operar só com carga marítima), faltas de pessoal e incapacidade de armazenagem já que não é praticada uma taxa progressiva forte e as mercadorias podem ficar nos armazéns da AGPL até dois anos.

Por isso a aplicação dos 140 escudos por cada 100 quilos de carga o que significa um agravamento da inflação relativa às mercadorias importadas, inflação que, em última análise será suportada pelo consumidor.

São signatários desta decisão, para entrada imediata em vigor depois da publicação, até segunda-feira do respectivo anúncio nos jornais diários, as firmas ontem reunidas: Broemme, Danzas, Euronave, Gahland, Ibertrans, Karl, Biermann-Transinter, Kuhne e Nagel, Saving, SITMA, Star, Tait, Transnautica, Weber, Somagor, Guerreiro Galla, Rui Fernandes e Lansen Transport e mais as que até lá aderirem.

Esta medida a curto prazo destina-se, fundamentalmente a provocar impacto público, chamar a atenção para o problema e «puxar» por soluções de mais longo alcance, como sejam a construção pelos próprios transitários, teunidos em sociedade anónima a construir, de um terminal de carga proprio eventualmente na zona entre Sacavém e Vila Franca de Xira, mas sempre fora da cidade de Lisboa.

Este último assunto, por exigir estudos mais demorados e capitais cultosos, está a ser discutido em reunião marcada para a Associação Comercial de Lisboa no dia 18 do corrente às cinco da tarde.

VON HOLLEBEN

Concluída a missão diplomática para que foi designado no nosso País, o embaixador da República Federal Alemã, von Holleben, deixa Lisboa no final do corrente mês.

NOTAS VÁRIAS

MARCELLO E RODÓ NO MOSTEIRO DA BATALHA

O Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, deslocou-se ao Mosteiro da Batalha acompanhado do prof. Lopez Rodó, antigo ministro das Relações Exteriores de Espanha. Embora a visita tivesse carácter estritamente particular, um grupo de turistas espanhóis, que ali se encontravam na altura, dispensou afectuosa recepção àquele ex-membro do país vizinho. Pessoas que reconheceram o prof. Marcello Caetano também o saudaram.

NOVO DIRECTOR DO LNEC

O Laboratório Nacional de Engenharia Civil tem novo director: o eng.º Ferry Borges. Deixa de desempenhar aquelas funções, por consequência, o eng.º Manuel Rocha. O eng.º Ferry Borges, que até agora desempenhava as funções de subdirector do mesmo Laboratório, é vogal do Conselho Superior de Obras Públicas. Decidiu da substituição o titular das pastas das Obras Públicas e das Comunicações, eng.º Rui Sanches.

ENCONTRO DA M.P. NA GUINÉ

O grupo de graduados da Mocidade Portuguesa, regressado da província da Guiné, onde participou num encontro de dirigentes daquela associação (o qual reuniu, pela primeira vez, graduados de todas as parcelas do território nacional), apresentou cumprimentos ao ministro do Ultramar, a quem transmitiram os resultados dos trabalhos da reunião.

ECONOMIA PORTUGUESA EM VARSÓVIA

Portugal esteve presente num Congresso sobre Economia e Finanças efectuada em Varsóvia. A participação portuguesa foi integrada pelos drs. Xavier Pintado e Armando Nogueira, pela banca, e ainda pela Associação Industrial Portuguesa e algumas das maiores empresas nacionais.

O CASO DOS JORNALISTAS DO «DIÁRIO DO NORTE»

PORTO, 11 — Já lá vão quatro meses desde que os jornalistas do desaparecido «Diário do Norte», bem como o pessoal das outras secções, foram despedidos colectivamente, não lhes tendo ainda sido paga a indemnização que lhes compete. Por tal motivo, decorreu ontem nesta cidade uma demorada reunião na sede provisória da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. Deslocou-se para o efeito a esta cidade o jornalista Luís de Barros, presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas. Este deu largas explicações, acerca do caso e da posição do sindicato. Vários jornalistas fizeram considerações, tendo sido no final assinado um documento afirmando que o sindicato deverá actuar no sentido de, no mais curto prazo, serem liquidadas as respectivas indemnizações.

INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA DOMINGO DE PÁSCOA

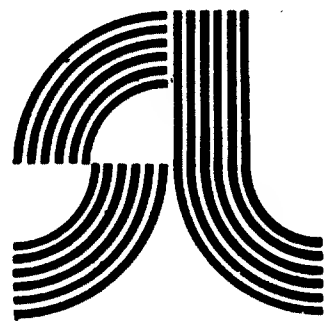
CAVALEIROS **MANUEL CONDE**
JOSÉ M. CORTES
ESPADAS **FERNANDO DOS SANTOS**
CARNICERITO DE UBEDA

FORCADOS AMADORES DO RIBATEJO

8 TOIROS DE 8
D. MARIA ANA PASSANHA

CAMPO PEQUENO

SUPLEMENTO LITERÁRIO

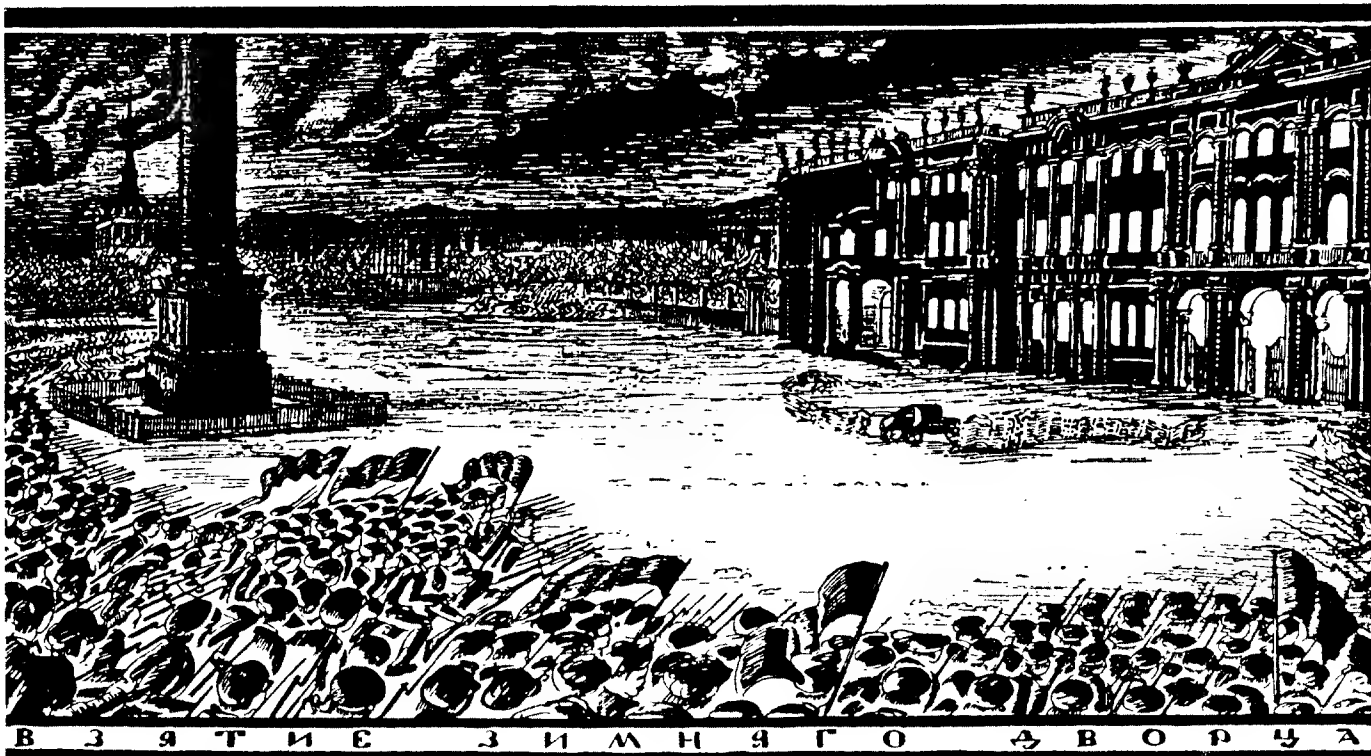


MEYERHOLD: 100 ANOS

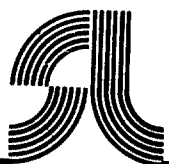
3 = MEYERHOLD E MEYERHOLDISMO

● O MAGO, O MÁGICO DO
TEATRO EISENSTEIN

Toda a vida artística de Meyerhold decorreu sob o signo da rebeldia, palavra que tem aqui um sentido muito preciso. Com ele quero dizer que o homem de teatro não aceitou nunca as directrizes dominantes, o que explica a coerência de uma vida de lutador cujo combate não se inseriu correctamente numa determinada linha política, ao contrário do que à primeira vista poderia supor-se. Não se pode deixar de reconhecer, no entanto, que o embate entre essa linha política e a prática meyerholdiana era inevitável, por razões ainda insuficientemente definidas. A aparente impossibilidade, que a certa altura se levantou, da Revolução absorver e reformular em termos de militância ideológica uma prática artística de vanguarda e a aparente impossibilidade desta em escapar ao embate frontal, em assumir totalmente — isto é, com o sacrifício do resto — a luta de classes, não passam de uma tímida aproximação do significado real dos graves acontecimentos que se produziram (e de que Meyerhold, entre outros, para lá de ser ou não culpado, foi vítima).



В З А Т И Е З И М Н Я Г О О В О Р Ч А

NESTE
NÚMERO

LITERATURA

— Lucro Lírico de Torquato de Luz
por Fernando Luso Soares
pág. quatro e cinco

— DES-APONTAMENTOS
Por António Rebordão Navarro
pág. cinco

— Françoise Giraud e as suas lutas por Alcides de Campos

TEATRO
MEYERHOLD: 100 ANOS
MEYERHOLD E MEYERHOLDISMO
por Carlos Porto
pág. um e dois

CINEMA
A OBRA DE WERNER HERZOG — 2
por Lauro António

ARTES PLÁSTICAS

ARTISTAS PLÁSTICOS
E O CÓDIGO DO DIREITO DO AUTOR
por José Augusto França
pág. seis

SECÇÕES PERMANENTES:
— FICHAS NA MESA por Jorge Listopad
pág. quatro e cinco
— Movimento Literário
pág. sete

Como vimos anteriormente (1), Vsevolod Meyerhold, e fins do século passado e após ter seguido o curso de teatro do «Instituto Dramático — Musical da Filarmónica de Moscovo», junta-se a um grupo de profissionais que se propõem organizar uma nova companhia. Os seus principais animadores são: Constantin Sergueievich Stanislavski e Vladimir Ivanovich Nermorovich-Danchenko, ex-director do referido Instituto. Dos encontros então travados, nasce o «Moskouskij Chudzestvennyj Teatr», o célebre Teatro de Arte de Moscovo.

A nova companhia transformava-se rapidamente na ponta de lança contra a prática teatral oficial onde imperam a burocracia e a habilidade, como diria, mais ou menos, Stanislavski. A contribuição do Teatro de Arte para a transformação do teatro do nosso tempo é decisiva e inestimável. Os seus directores contribuíram para que tanto os criadores como o público tivessem uma outra consciência do teatro. No entanto, o caminho escolhido por Stanislavski não satisfaz Meyerhold. O realismo — herança da companhia alemã dos Meiningen —, a pesquisa de carácter psicológico levada a extremos então ignorados, a importância dada ao papel do actor que procura exprimir através do seu jogo fisionómico e vocal a complexidade do texto representado, não interessam a Meyerhold. O seu caminho passa por outras experiências e por outras perspectivas.

Por isso, não é de surpreender que deixe o Teatro de Arte na Primavera de 1902, altura em que vai viajar a Itália. Essa viagem foi para ele muito importante, pois tomou então contacto com textos políticos que vieram dar-lhe outra cons-



Meyerhold

ciência dos problemas (entre eles, deve citar-se a obra de Lenine «Que Fazer?»).

Após a experiência do Teatro de Arte, que deu a Meyerhold o perfeito domínio da técnica teatral, segue-se um período muito importante, o da Companhia de Artistas Dramáticos Russos, transformada posteriormente em Associação do Novo Drama. Durante alguns anos, Meyerhold vai poder ensaiar aquilo que entende

por teatro de vanguarda. Ele próprio o diz: «O teatro naturalista não conhece a beleza da plasticidade, não obriga os actores a treinar o próprio corpo, e embora crie escola, não compreende que a educação física deve ser a matéria principal quando se pretende montar obras como «Antígona» ou «Júlio César», as quais pela musicalidade que as define pertencem a outro teatro... O teatro naturalista ensina o actor a expressar-se de uma maneira absolutamente clara, aca-

bada e exacta; não admite nunca uma interpretação que deixe conscientemente zonas de sombra na personagem: por isso, no teatro naturalista aprecia-se tão grosseiramente os efeitos forçados».

De acordo com a opinião de J.A. Hormigon — cujo estudo estou a seguir —, o primeiro problema com que Meyerhold depara consiste no desfaseamento, melhor, na contradição entre as suas propostas revolucionárias e o público conformista a que se dirige. Trabalhando fora dos grandes centros onde poderia encontrar o apoio de algum público, pelo menos naquela franja activa da «intelligência» russa, Meyerhold e os seus companheiros encontram uma resistência e uma incompreensão que não pode deixar de influir negativamente.

Os trabalhos independentes do encenador são então condicionados pelos contactos que estabelece com a corrente-simbolista em voga. Uma das mais fortes tendências a que obedece é a da congregação da palavra e da música, o que se deve possivelmente ao seu conhecimento das teorias de Wagner; além disso, absorve a teoria do suíço Adolfo Appia que foi, nos fins do século passado e princípios do actual, um dos grandes estudiosos dos problemas cénicos.

Segundo Nina Gourfinkel, duas das principais encenações deste período são «A Morte de Tintagiles», de Maeterlinck, e «Schluck und Jun», de Hauptmann. Os textos surgem condicionados pelo ritmo da encenação — marcado musicalmente — o qual envolvia o cenário, os movimentos e os gestos. Mais tarde, ao encenar

«Hedda Gabler», de Ibsen, despreza a importância «psicológica» do texto que substitui por elementos cénicos que vão do cenário (ouro e azul) ao guarda-roupa cuja tonalidade morta dá a cor «decadente» do texto. Durante a representação actores faziam exercícios físicos.

Uma outra encenação muito polémica foi a da peça de Maeterlinck, «Irmã Beatriz» na qual recriou «a atmosfera da pintura de Quatrocento».

Actores representavam de perfil: havia movimentos ritmados; gritos de êxtase; longos silêncios. Por vezes, o texto era dito de tal maneira que os espectadores quase não o ouviam.»

A peça de Alexandre Blok, «Barraca de Feira», é representada como se se tratasse de teatro de marionetas, enquanto os cenários eram mudados à vista do público (o que ainda hoje é apresentado como uma novidade. A passagem pelo «Estúdio» do Teatro de Arte, a convite de Stanislavski, foi muito importante para Meyerhold porque lhe permitiu uma mais séria pesquisa dos meios que queria utilizar para aquilo a que se chamou uma «retetralização do teatro». Embora não tivesse chegado a estreitar nenhum espectáculo — por desacordo com Stanislavski — Meyerhold trabalhou com actores, pintores, músicos, cantores que lhe possibilitaram um maior domínio na orientação das várias formas de expressão cuja totalidade constitui o teatro.

De 1906 a 1908, Meyerhold dirige em São Petersburgo o Teatro de Vera Komissarzheskaya, então inaugurado. Neste período, em que levantou os

Continua na página dois

Carlos Porto

MEYERHOLD E MEYERHOLDISMO

Continuação da página um

espectáculos polémicos a que me referi nos parágrafos anteriores, o seu trabalho recebe a influência de um outro teórico importante: Gordon Graig. Vejamos o que a esse respeito diz Hormigon: «Através da técnica plástica e vocal, Meyerhold pretende resolver a relação entre o actor e o cenário, sendo o cenário um espaço definido, iluminado funcionalmente, e uma parede de fundo na qual se sobreponham as figuras, as fantoches coloridos, isolados ou em grupo.»

Chegamos aqui a um dos pontos essenciais da contribuição de Meyerhold para um teatro de vanguarda. Trata-se de um aspecto cujo debate continua aberto: o da «ilusão» no teatro. Meyerhold propõe, com outros teatrólogos, um «teatro de convenção consciente» (ou teatro teatral) que luta contra a «ilusão», porque «não tem necessidade da ilusão, esse sonho apolíneo», nas suas próprias palavras. Um ensaísta italiano, Angelo Maria Ripellino, define esse combate como uma exigência de «distância, autocontrolo e conteúdo glacial», revelando cons-

tantemente a preocupação de que o teatro «utiliza materiais concretos que são a madeira, papel, a tela; e de que não há nenhuma super-realidade mas uma matéria à qual é conferido determinado volume e determinada cor».

Para Meyerhold o teatro não é resultado da acção de uma personalidade — seja o encenador, seja o actor-vedeta — mas sim obra de equipa. Nestes pontos — anti-ilusionismo; o concreto do material cénico; teatro como obra de equipa — podemos aproximar as pesquisas de Meyerhold das de Brecht que, aliás, se interessou por esse trabalho como por todo o teatro russo, como não podia deixar de ser.

Constitui qualquer coisa como um escândalo a chamada de Meyerhold para dirigir dois teatros imperiais de São Petersburgo. Escândalo que, aliás, dá para os dois lados é estranho que uma personalidade oficial convide para uma tarefa tão responsável um jovem rebelde chefe de ira, como é Meyerhold, e é estranho que esse jovem irado aceite trabalhar em instituições oficiais, sendo ele, como é o caso, con-

trário à política dominante.

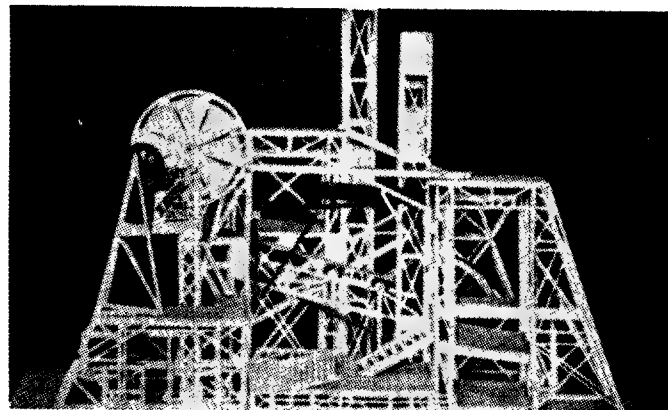
Dirigir uma companhia teatral e uma ópera, vai permitir-lhe rever os seus processos cénicos, alargar e enriquecer o leque das suas experiências, aplicar os seus estudos das relações músico-teatro, recuperar textos clássicos cujas teias de aranha limpa à sua maneira. Inicia então o período a que se chama «tradicionalista» e que Hormigon define como «reconstrução cénica do espírito de uma época, convencional também radicalmente oposta à reconstrução arqueológica baseada exclusivamente na escolha minuciosa de móveis e figurinos. Esta aproximação dos clássicos implica já determinada historização, o espectáculo assume toda a realidade cénica da época, superando as dimensões do texto, de certo modo pondo em contraste a peça com a história».

Meyerhold utiliza então os processos da «commedia dell'arte», do teatro de Molière, procurando sublinhar os aspectos sociais dos textos representados. Situa os cenários no fundo da cena, utiliza técnicas para mudar as cenas, emprega luz de velas, deixa acesa

a luz da sala, suprime o pano de boca e leva até ao proscénio a acção da peça. «Monta diversas peças de clássicos espanhóis, em especial Calderon e Lope de Vega, e óperas como «Orfeu e Eurídice», de Gluck, «Tristão e Isolda» de Wagner, e «Electra» de Richard Strauss.

Não esqueçamos que enquanto dirige os teatros imperiais, Meyerhold tem uma vida dupla, bem sintomática da sua personalidade multifacetada. Usando obrigatoriamente um pseudónimo — o de «Doutor Dappertutto» — dirige pequenos espectáculos de «teatro de cabaret» que, a par das grandes máquinas oficiais, lhe permitem uma constante actividade experimental que para ele, artista sempre insatisfeito, era indispensável.

Alguns aspectos dessas experiências marginais são muito importantes para o conhecimento de Meyerhold. Além de uma proposição do teatro de grotesco na base sobretudo da «commedia dell'arte», sugere a organização de um teatro de feira, um teatro ambulante em que palhaças e mimos domina-



Modelo de um cenário «construtivista»

ras. Meyerhold define assim o grotesco: «O grotesco é a denominação de um género decididamente cómico em literatura, em música e nas artes plásticas. O grotesco, representa, sobretudo, algo de monstruoso e de estranho. Em 1913, funda um Estúdio no qual se propõe formar actores de acordo com as suas teorias, dando especial atenção à «commedia dell'arte» e ao teatro japonês. Além disso, dança, música, atletismo, esgrima, desportos como tennis, lançamento de disco, vela; cenografia, iluminação, guarda-roupa, acessórios. É indispensável saber tocar um instrumento ou cantar; possuir flexibilidade corporal; saber mimica; ter uma dicção nítida; ter noções de prosódia; noções de outras artes (pintura, escultura, dança, poesia); conhecimento sumário da história do teatro.

Chegamos assim a um dos grandes espectáculos de Meyerhold: «Baile de Máscaras», de Lermontov. Este espectáculo exigiu vários anos de preparação e constitui uma das mais ambiciosas realizações do teatro russo da época. Na cena do baile participaram 150 actores e figurantes o que dá uma ideia dos meios postos à disposição dos seus principais responsáveis, o encenador e o cenógrafo, Golovín. A música de Glezunov teve uma participação fundamental.

Mas Slonim descreve-o nestes termos: para «Baile de Máscaras» recreou-se a atmosfera do período romântico de São Petersburgo imperial de

1830. No entanto, em vez da alegria superficial, surgia a intensidade sombria do crime e da paixão. Na cena em que Arbenin, o marido ciumento, procura a mulher de quem pensa sem razão ser-lhe infiel, a personagem atravessava uma multidão de mascarados, que dançavam, riam, pulavam, num redemoinho de alegria que se transformava num ciclone de rostos perversos, uivos horríveis, ameaças, ao mesmo tempo que o ritmo dos seus movimentos aumentava, convertendo-se a cena numa monstruosa sarabanda que reflectia a imaginação doente do marido frenético». A encenação da peça de Lermontov baseava-se no desfasamento da realidade e das aparências que definia a intriga do texto. Ripellino definiu as máscaras utilizadas por Meyerhold como «a parábola de um demiurgo, alegorias verídicas de uma sociedade que dançava sobre a voragem». Baile de Máscaras estreia-se e cai com a Revolução.

Ao longo do seu itinerário inquieto e inquietante, Meyerhold multiplicara as suas pistas de criação. «Nós mudamos — disse ele — porque a vida muda constantemente; embora não alteremos as nossas posições fundamentais, apesar da intervenção de uma série de modificações». Agora a mudança é radical. Até que ponto, estará Meyerhold disposto a acompanhar essa mudança? E o que veremos.

(1) Ver este suplemento de 28/3 e 4/4.



**Tecnologia do futuro.
Tradição do passado.
Seiko, o relógio de alta qualidade de hoje.**

Cada um dos relógios SEIKO é uma maravilhosa aliança entre a exclusiva tecnologia microelectrónica da SEIKO e a venerável tradição de artesanato.

Além disso SEIKO insistiu em produzir cada peça de cada relógio SEIKO, controlando assim a qualidade de cada estágio de fabrico.

Desta aliança única da tecnologia do futuro com a tradição do passado resulta o relógio de alta qualidade de hoje: SEIKO.

Um dia todos os relógios serão feitos desta maneira.

SEIKO

Exija sempre a garantia internacional

AS RECTIFICAÇÕES E AS RATIFICAÇÕES

Tenho, infelizmente; de continuar este jogo de rectificações a que me obrigou uma inexactidão de Fernando Luso Soares na sua crítica ao 2.º volume do meu livro «Em Busca do Teatro Perdido».

Vamos lá ver se é possível clarificar, de uma vez para sempre, esta questão. Fernando Luso Soares transcreveu uma frase de Braz Burity por mim citada como epígrafe do artigo com que se inicia o referido volume. A frase é a seguinte: «Ainda que me espetem uma faca, até morrer hei-de dizer o que penso, hei-de dizer o que penso, hei-de dizer o que penso.» Fernando Luso Soares transcreveu-a do seguinte modo: «nem que lhe espetem uma faca, há-de dizer a verdade, há-de dizer a verdade, há-de dizer a verdade».

A propósito da frase citada, o meu ilustre crítico teceu os comentários seguintes: «Quanto a mim respeito-lhe evidentemente a posição corajosa, quixotesca até sem dúvida própria de toda uma teoria dos «sás de miranda» da crítica, uma teoria de todos os intrépidos de um só parecer e do antes quebrar que torcer. Atrevo-me, no entanto, a perguntar, como aliás já se fazia num texto conhecido e antigo: «Mas o que é a verdade?... Não quereria Carlos Porto antes afirmar que, com facas ou sem facas, só há-de dizer sempre aquilo que pensa (bem ou mal)?».

Tinha razão o meu crítico. O que eu queria afirmar, de facto, era aquilo que, muitos anos antes, Braz Burity tinha dito: procuro dizer o que penso, e só o que penso. Mais ainda: não só era isso o que eu queria dizer, como fora precisamente isso o que eu escrevera. E aqui que entra o lapso da memória de Fernando Luso Soares. Qual a sua importância em relação ao contexto referido? Justifica esta pequena polémica aparentemente sem sentido? Trata-se do seguinte ponto de vista que é posto em causa: afirmando

Continua na pag. seguinte



Lauro António

A OBRA DE WERNER HERZOG 2

"TAMBÉM OS ANÕES COMEÇARAM POR BAIXO" E "TERRA DO SILÊNCIO E DA ESCURIDÃO"

Continuando a analisar a obra de Werner Herzog, que o Instituto Alemão trouxe até nós, falamos hoje de «Também os Anões Começaram por Baixo» e «Terra do Silêncio e da Ecuridão», respectivamente de 1970 e 71, filmes que antecedem o aparecimento de «Aguirre, a Cólera de Deus» (ou «Aguirre, o Aventureiro») no título português.

TAMBÉM OS ANÕES COMEÇARAM POR BAIXO (Auch Zwerge Haben Klein Angefangen), 1970. Realização e argumento: Werner Herzog; Fotografia: Thomas Mauch; Montagem: Beat Mainka-Jellinghaus; Som: Herbert Prash; Direcção de Produção: Francisco Ariza; Produção: Werner Herzog Filmproduktion, Munique; 96 minutos; Intépretes: Helmut Doring, Gerd Gickel, Paul Glauser, Erna Gschwendtner, Gisela Hertwig, Gerthar Marz, Hertel Minkner, Alfredo Piccini, Gertraud Piccini, Brigitte Saar, Marianne Saar, Erna Smolarz, Lajos Zsamoczy, etc...

Trata-se de uma parábola (todo cinema de Herzog parece, aliás, inserir-se num processo simbólico, com muitas características comuns a todas as suas obras), interpretada unicamente por 27 anões, num cenário «normal» (isto é: monstruoso desproporcionadamente para os seus habitantes). A «história» é relativamente fácil de resumir, mas impossível de descrever: num asilo (casa de correcção?), durante a ausência do director, grande parte dos internados revolta-se contra o encarregado que os vigia, encarregado esse que como eles é anão. Este consegue entrincheirar-se no escritório, juntamente com um refém, e procura sidiuadir os revoltosos. Entretanto, cá fora, os reclusos dão livre curso à sua revolta, apedrejando o escritório do vigilante, queimando uma palmeira do director, destruindo automóveis e motos, partindo louça, atirando comida uns aos outros, rasgando, desordenando, destruindo...

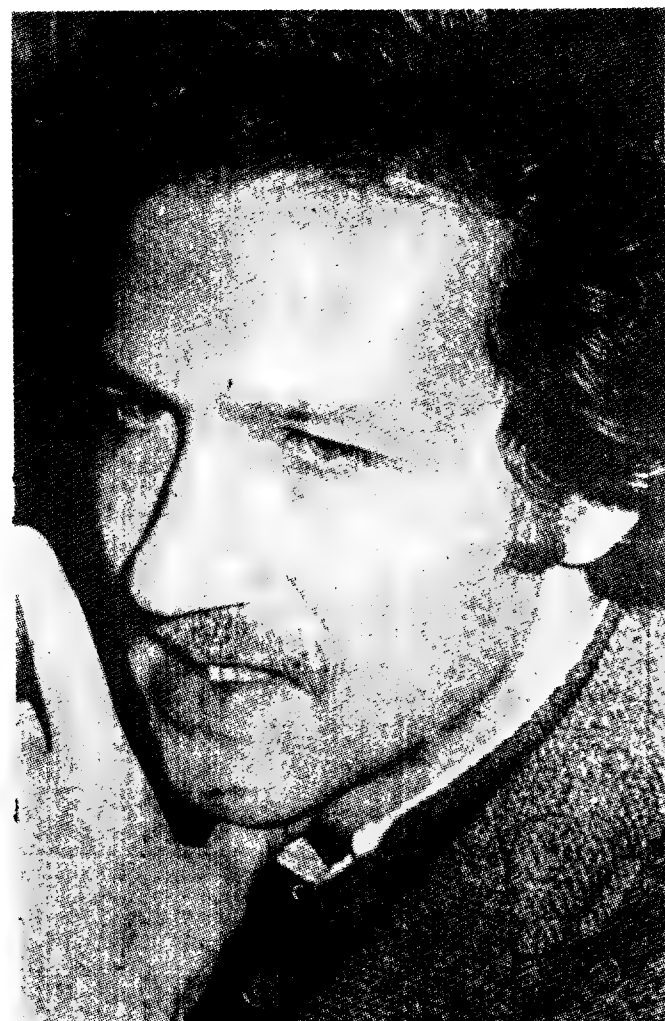
da), obviamente se poderá concluir pela selvática inutilidade de uma revolta anárquica, no que o filme se aproxima perigosamente das propostas de tonalidade germânica, legitimando processos de manutenção de ordem contra a babárie. Com a agravante de que, sem tornar plasticamente sedutora a violência e a crueldade, existe contudo em «Também os Anões Começaram por Baixo» algo de fascinante, nesse jogo de fim de mundo, onde o caos sucede à ordem.

Outro aspecto curioso de referir: aquando da revolta dentro do asilo, os anões distorcem a utilidade prática dos objectos e das máquinas postos ao seu serviço: um carro é colocado em andamento no interior do pátio, rodando em círculos, tremeado por uns, apedrejados por outros; a louça, que funciona como arma de arremesso, a comida, que se despreza como brinquedo; etc, tudo isto conduzindo a uma situação limite, caótica e insustentável, tornando «necessária» qualquer forma de reacção disciplinadora. Estaria nas intenções de Herzog esta leitura? Na melhor das hipóteses, porém, o pessimismo é ainda assim a ideia central, definindo nas imagens finais, nessa esforçada — e inútil — tentativa do camelo que procura erguer-se, sem o conseguir, perante o riso convulsivo de um anão.

Richard Goud, em «The Guardian», refere um curioso aspecto desta obra: Todos os filmes são um microcosmos, mas Herzog teve a brilhante ideia de nos dar literalmente um microcosmos; toda a vida humana, por muito infeliz e desoladora que seja, se encontra ali, escrita em minúsculas. No seu intelectualismo progressivo, na sua coragem, e mesmo na desprezível obscenidade, trata-se de um soco bem dado, no selo de uma certa tradição da arte nórdica. Grotesco, desagradável, repulso até: tal como as pinturas de Bosch e Grunewald, ele é testemunho de um ponto de vista da vida humana que nós corremos o perigo de ignorar.

Falar de Bosch e Grunewald, a propósito de «Também os Anões Começaram por Baixo», eis um paralelismo interessante, a justificar uma atenção redobrada à obra de Herzog.

TERRA DO SILÊNCIO E DA ESCURIDÃO (Land des Schweigens un der Dunkelheit), 1971. Realização e argumento: Herzog; Fotografia (cor): Jorge Schmidt-Reitwein; Montagem: Beat Mainka-Jellinghaus; Música: Bach e Vivaldi; Compositor: Rolf Illig; Produção: Werner Herzog Filmproduktion, Munique; 86 minutos.



mais importante, austero e difícil filme de Herzog. Desta feita a sua atenção dirige-se para o mundo dos cegos e dos surdos.

O filme acompanha Fini Straubinger, de 56 anos, que aos 16 perdeu a vista e dois anos mais tarde ficou completamente surda. Primeiramente é a sua existência quotidiana e a de várias outras pessoas em situação idêntica. Depois traça-se rapidamente a evolução da sua doença, a queda na escada, os sintomas sempre crescentes da perda das suas faculdades, um longo período de desânimo e enação que, mais tarde vem a ser superado. Fini Straubinger consegue triunfar das condições adversas, em que vivia, ultrapassando a dificuldade de comunicação, o isolamento, a descrença. Vive agora na Baviera, trabalha como visitadora de outros seus semelhantes, lutando para que cada um possa ver melhorada a sua situação.

Através das deambulações de Fini Straubinger, vamos encontrando vários casos de pessoas desfavoravelmente integradas na sociedade: Elsie Fährer, surda e cega, a quem colocaram numa clínica psiquiátrica, embora como é óbvio o seu lugar não devesse ser ali; o jovem Harald, surdo e cego de nascença, internado num hospital especializado, que beneficia do emprego de todas as modernas técnicas no sentido de impedir o progressivo isolamento; isolamento esse bem documentado no caso seguinte, de Wladimir, de 22 anos, incapaz de comunicação com qualquer outra pessoa, vítima da ignorância familiar, das atitudes de «tabu» e de «vergonha» geralmente sentidas em relação aos deficientes. Finalmente, Heinrich Fleischmann, o homem abandonado pelos outros homens e inteiramente dedicado às plantas e aos animais.

Sobre a cegueira e a surdez poderia realçar-se um filme que fosse um «documentário»; ou uma «história», mais ou menos «exemplar», que cada um iria no melodrama; poderia olhar-se essa outra minoria hu-

mana com desinteresse, ou especular com a emissão fácil do público. Poderia escolher-se a adesão primária, instantânea. Herzog optou pela simplicidade de um olhar atento que, sendo documental, ultrapassa a neutralidade do «documento».

De novo na filmografia de Herzog o estudo de um estado de incomunicação. Isolamento, solidão. O pessimismo frente à condição humana? Eis a revelação de «Terra do Silêncio e da Ecuridão». Sendo, aparentemente, o filme que mais facilmente poderia cair num pessimismo radical, é, de entre todos os assinados por Herzog, aquele que maiores perspectivas abre para o exterior. Porque não se trata de um filme fechado sobre o círculo da incomunicabilidade, mas é, fundamentalmente, um filme dedicado àqueles que conseguem ultrapassar esses limites, na pessoa de Fini Straubinger, no seu exemplo, na sua vontade.

Sempre me sobressalta quando me tocam, revela Fini. E mais adiante: A sua mão afasta-se da minha e é como se estivéssemos mil quilómetros distantes um do outro. De olhos e ouvidos fechados para o mundo (se agora rebentasse a guerra, eu não o notaria), cegos e surdos reinventam o poder de dar as mãos. Por isso Herzog chamou ao seu belo filme uma monografia sobre as mãos de uma cega-surda, esse cordão que dela se estende para os outros, em fraternal solidariedade.

Continuando a explorar uma escrita de grande concisão (planos longos, movimentos raros e lentos, um ritmo de montagem necessariamente pausado, usufruindo de uma respiração suspensa sobre o olhar essencial), «Terra do Silêncio e da Ecuridão», é uma contribuição notável para o conhecimento dessas minorias marginalizadas por «tabus» absurdos. Conhecimento que se impõe pelo respeito à pessoa humana, nunca como suporte de piedosas intenções. O mesmo espírito que se sentirá ter presidido à rodagem da obra.

LAURO ANTÓNIO

Rodada numa ilha das Canárias, numa região visivelmente vulcânica, «Também os Anões

Começaram por Baixo», é, positivamente, e até agora, o mais inquietante e polémico filme de Herzog.

Continuação da página anterior

eu que digo aquilo que penso não estou a afirmar dogmaticamente que aquilo que penso é que é a verdade, que, neste caso específico, só aquilo que penso é que está certo, na pretensão de anular dogmaticamente, repito, outras opiniões não coincidentes com a minha. Em resumo, o lapso de Fernando Luso Soares punha em causa um dos meus postulados críticos: a recusa do dogmatismo crítico; a de que posição crítica não implica nenhuma espécie de imposição sobre o leitor.

Como seria óbvio para quem tivesse lido a minha nota com a necessária serenidade, era única e exclusivamente a estes comentários, a que chamei conclusões, que me referia ao escrever que tinham perdido a razão de ser em consequência da frase citada dizer exactamente aquilo que Fernando Luso Soares queria que dissesse.

Agora, Fernando Luso Soares atira-me com o seguinte:

1.º: Tanto faz querer dizer aquilo que se pensa como querer dizer a verdade — embora (volto a lembrar) anteriormente tivesse escrito: «Não quereria Carlos Porto afirmar que, com facas ou sem facas, só há-de dizer sempre aquilo que pensa (bem ou mal)?» Aqui, além de tudo o mais, teríamos que debater o problema da verdade, relacionando-o com o problema do conhecimento, o que decididamente não viria a propósito.

2.º: Afirma Fernando Luso Soares que pretendi insinuar que as conclusões da sua crítica teriam perdido a razão de ser.

Esta observação liga-se a uma outra com que abre o artigo e em que afirma: «Vítima (aspas do articulista) de uma crítica não muito favorável... procurou Carlos Porto atenuar... as conclusões desta (crítica) contidas».

Já vimos que as conclusões a que eu queria referir-me não eram as conclusões críticas, as conclusões gerais, da «Intervenção Crítica» de Fernando Luso Soares. No entanto, a este respeito, devo ainda dizer o seguinte: entendo que o criticado não tem que atenuar as críticas de que foi alvo nem deve sentir-se «vítima» (com ou sem aspas). Se Fernando Luso Soares tivesse lido os meus dois volumes com um mínimo de atenção, teria verificado rapidamente qual a minha posição no que se refere a esse ponto.

Acontece, ainda por cima, que as opiniões críticas de Fernando Luso Soares, embora muito respeitáveis, não me interessam pelas razões que passo a expor:

(a) Não se baseiam numa análise suficientemente cuidada da obra criticada.

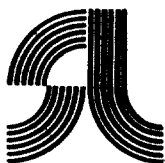
(b) Não se apoiam numa argumentação suficientemente sólida e estruturada, a meu ver (a citação de uma dúzia de frases desalegrammente separadas do seu contexto imediato não constitui argumentação aceitável. E, aliás, não me repugna aceitar e assumir as asneiras que faço ou escrevo).

(c) Não têm em conta as incidências que os textos criticados levantam como prática jornalística.

(d) Não partem do estudo comparativo dessa prática e da prática teatral posta em questão.

(e) Revelam uma estreiteza teórica aflitiva, patente no seguinte passo: «Estou a lembrar-me daquela frenética convite que ele fez as gentes das nossas paragens teatrais para irmos em massa usufruir um espectáculo tão reacçãoário como «As Criadas», de Genet. (Sublinhado meu). Este ponto é sintomático do estilo crítico que Fernando Luso Soares utilizou na sua «Intervenção» sobre o meu livro (não estou a afirmar que seja esse o estilo habitual do crítico). Refere-se a uma nota não inserta no volume esquecendo-se de referir o texto crítico em que eu tentava demonstrar as razões desse «apelo» (aliás, também não inserto na obra).

Concluindo, tão definitivamente quanto possível: Como Braz Burity, tenciono continuar a dizer o que penso — e só isso.



Intervenção crítica

Fern

LUCRO LÍRICO de Torquato da Luz



«Lucro Lírico» é o terceiro livro de poesia de Torquato da Luz, publicado dez anos depois de «Os Poemas da Verdade» e quatro depois de «Voz Suprema». Mas neste decurso de tempo que vai de 1963 a 1974, não é difícil encontrar uma linha coerente que atravessa ao longo dos seus textos poéticos. Não me refiro só ao seu conservado sentido do ritmo. Quero dizer outra coisa. Poderia mesmo afirmar, sem grande margem de risco, que no seu decurso o poeta — já pelo seu pendor na produção de versos de tendência e sentido social, já pelas características típicas dos seus poemas — se afirma uma outra face (aliás complementar) daquele mesmo cronista que nos deu, em 1968, O Homem na Cidade.

Função de presença afirmativa, interveniente, consciencializada, é aquela sem dúvida que a meu ver melhor define a poesia de Torquato da Luz. Isto nos conduz à sua particular expressão gramatical — à sua diferença específica. Como tempo gramatical do lírico, nele o «presente» domina numa forma de que se me afigura supérfluo individualizar exemplos. Tal é mesmo certo. E, no entanto, há que anotar esta singularidade, a de o «presente» neste poeta não ser o «presente pelo presente», antes e ao contrário o de um «presente pelo devir».

Discordaria, em suma, daquela tese tão conhecida (de Staiger) segundo a qual os versos líricos só nos podem soar *correctamente* (?) enquanto provêm de «uma quietude isolada do mundo». Por outras pa-

lavras, recuso a ideia, também vulgarizada a um certo nível crítico, de que no lírico persiste incólume um remanescente de existência paradisíaca. Adiante veremos como neste pequeno livro de Torquato da Luz, que agora me ocupa, o lirismo se funda com elementos materiais da vida, uma defrontação com o objectivo que nos mostra, mesmo aí, estar o poeta em busca, sempre, da realização activa de qualquer coisa. A «alma» é muito mais profunda quando não se limita a uma simples tentativa de interpretação psicológica.

Raras vezes procuro surpreender o sentido de um livro, seja ele qual for e de qualquer tipo, através do seu título. Tenho para mim como certo que, na generalidade dos casos em que o comentarista envereda

por esse caminho, ele anda às escuras na seara da inteligência crítica. Agarra-se então ao primeiro «norte» que os olhos, directa ou indirectamente, topam.

Esboço, no entanto, aqui e hoje uma excepção — naturalmente porque me parece justificada neste caso. *Lucro Lírico* significa-se todo, muito intencionalmente, num rotulo que nos adverte. Eis um núcleo de poemas (o deste livro) que se equilibra, na orgânica íntima, entre a expressão e o conteúdo, procurando resolver-se (libertar-se) no seio de um tipo de sociedade burguesamente dominada pelo «deve e haver» de uma mercadoria fetichizada. Contra a divinização das coisas, Torquato da Luz busca-lhes o sentido poético que ajuda a desalienar. Nisso se particulariza. Não se limita, pois, o poeta a ser arrastado pela corrente de uma existência cega, em cada momento esquecendo ao momento anterior. Dai resulta que o seu *Lucro Lírico* constitui um evidente repósito (poético) das contradições que o próprio poeta sente e o afligem.

O primeiro poema de *Lucro Lírico*, propositadamente escrito e impresso em forma itálica, representa como que a introdução geral a um tipo de comportamento em sociedade. Nele Torquato da Luz fala-nos assim de «um país sangrando». Nele

estabelece o programa da sua rota como o surpreender constante daquilo que é novo: «e nunca mais direi ontem». E por isso mesmo o poeta recusa o pio agoreto da coruja, ave da noite e do obscurantismo, tomando uma posição de resistência não só urgente (significado que se completa na segunda estrofe do poema em causa) como acima de tudo consciente (como se vê pela declaração da terceira e última): «... e a todo o avanço de uma voz antiga / oporei a dureza dos ouvidos».

Aliás, essa mesma vocação para estar desperto o poeta a reafirma designadamente no seu poema de págs. 14, intitulado «Aflição». Trata-se de uma comunhão com a inquietude sofredora dos outros. De um alerta também sempre consciente: «Tudo o mais que preciso / é saber que me devo / um permanente aviso».

E no poema que vem logo a seguir, o de págs. 15, confessadamente tradutor do seu «Medo» em face das polémicas que agitam e movimentam os seres, Torquato da Luz reconhece-se e descobre-se como um homem semelhante a outros tantos mais, alguém que, sem se sentir aparelhado para se constituir herói de uma gesta social, no entanto põe a nu o seu receio e a sua luta interior. Mas este é já, claramente, um processo lúcido de cons-

JORGE LISTOPAD

FICHAS NA MESA

24,1 ... (ORIENTE): De oriente lux? Hoje, três assuntos (extremo) orientais nas fichas. Sem querer. Aconteceu. Nem sequer o fim de compor um vocabulário, mesmo hesitante, para uma proposta séria: como ver uma civilização que nos vê a nós. Três fichas apenas que se juntaram; à procura de junctura, nesta quinta-feira de endoenças.

Cerimónia Solene, filme japonês sobre o Japão. A *Grande Imprecação diante das Muralhas da Cidade*, peça alemã sobre a China, que é mais do que a China. A *China fica ao lado*, contos de Maria Ondina Braga, da Macau liquefeita nas ondas de outro (s) oceano (s).

24,1 1: Cerimónia. «*Cerimónia Solene*», título do filme japonês em português pleonástico (todas as cerimónias, até prova de contrário, são acompanhadas de solenidade; só que podem falhar, mas isso seria já outro lado do problema). Ficamos então com «*Cerimónia*». Chega. Nagisa Oshima, autor de «*O Enforcamento*», continua; e digo que, segundo penso, «*Cerimónia*» continua de certo modo «*O Enforcamento*», mais do que poderia parecer; como «*O Enforcamento*» continuava os anteriores filmes do realizador, projectados, por exemplo, na Alemanha, nos cinemas *porno*.

«*Cerimónia*» é, até agora, o cume da obra impar de Oshima. Filme de duas horas cheias, belo até ao insuportável, belo até ao monstruoso, mas mais belo aos nossos olhos ocidentais quando suportável, quando mais sóbrio, mais simples, repentinamente já não querendo dizer mostrar muitas coisas ao mesmo tempo. Porém, a simultaneidade, e a pluralidade, é um dos seus princípios, esses vários discursos entrelaçados, de origem melancólica do homem insatisfeito, que quer juntar o Eros e a Polis, a fim de compreender as *energias vitais* dos homens em particular (eros) e em sociedade (política).

Pois esse filme de 120 minutos trabalha em nós horas e horas a seguir, em casa, nos escritórios, nas corridas quotidianas, no sonho: eis o nosso novo dicionário de referências. «*Cerimónia*» possui-nos, curiosamente, ainda mais na sua ausência do que na sala escura do cinema. Compacto, esquivo, minoritário, político, poético, realista, surrealista, japonês, europeu, natural, antinatural; mal o casulo está fechado, eis que um lado se abre sem fim. Trabalho de um bizarro arquitecto: a arquitectura (o filme) impressiona pela absoluta necessidade (será psicodrama do autor?, filmar é exorcisar?), mas tem ainda o tempo suficiente para cuidar das proporções, as múltiplas proporções, para que, através delas, fique definida a unidade fundamental.

Nenhuma parte deve parecer accidental, mas cada uma resulta de uma outra, como única natural. A arte aí trabalha como natureza, retoma o microcosmos à imagem do macrocosmos. Numa gota de água projecta-se o mundo. A palavra solta encobre o discurso. Pela simples presença humana,

pela aparição, anunciam-se pistas de existências largas, das quais, no filme, não vemos quase nada, mas em que acreditamos. Cada figura esconde o «gestus». Espessura épica da melhor linhagem.

Filme difícil? Como o *barroco de hoje* (neo-barroco) que mede a nossa extensão, a nossa profundidade; que detecta a conspiração do mundo contra a vida e a fúria da conspiração contra o mundo; que persegue as aparências, inclusive as aparências de profundidade, e a profundidade das aparências; por vezes o filme chega a liquidar, pura e simplesmente, as aparências em proveito da nudez vazia, num golpe audacioso: a noiva, durante o casamento oficial, nem sequer se apresenta... mas o casamento, a cerimónia, continua.

Mais outro fenómeno: os *enquadramentos* cinematográficos de «*Cerimónia*» escapam um tanto à rápida e lógica leitura num único sentido. A dificuldade relativa vem talvez da própria noção de enquadramento, em cuja origem está a palavra quadro. Ora, os japoneses, mesmo tão informados e *impregnados pela Europa* (Occidente) como Nagisa Oshima, quando «*pintam*», não fazem nem pensam em quadros, mas em rolos. Os rolos, com outra noção de perspectiva (ou antes, sem ela), com leitura diferente, sem enquadramento, sem limites nem caixilhos, tudo isto, na pintura, no cinema, ocidentais não sendo mais do que uma janela aberta; uma janela aberta para a história ou acontecimento limitados no tempo e espaço, reduzidos, acabados, sem liberdade, sem confusão criativa, sem reincarnação progressiva.

«*Cerimónia*» cinematiza os fenómenos que passam, os indivíduos, a família dos Forsythes japoneses, o clã, o Japão e, através dessas efemérides, procura não a Lei, mas as leis, para cumpri-las.

A ver, pela primeira vez, o filme «*Cerimónia*».

A ver-ler, pela segunda vez.

A ver-ler-estar, pela terceira.

As duas gravuras da mesma máscara que estamos a ver são do *Nô japonês* e representam dois aspectos de *Ko-omote* ou a jovem mulher. A máscara da esquerda, ligeiramente inclinada, sugere uma expressão de melancolia. Na máscara da direita, um pouco levantada, aparece um sorriso nos lábios. Porque falamos destas máscaras? A tia, que é amante, a iniciadora dos jogos de amor, a samaritana, embora no filme sem máscara, faz lembrar, com o seu rosto, a sua melancolia, o seu sorriso, estas máscaras. Por pouco escapava-nos esse pormenor, como de certeza muitos outros. *Ko-omote*, como se sabe, é um delicado rosto de mulher em plena força, de animação secreta; interpreta por vezes também uma dançarina, ou a bem-amada de um outro herói

ESCURSÕES CP

SEMANA SANTA E PÁSCOA

● MADRID E NAVACERRADA

Partida: «Lusitânia-Expresso» de 11/4; regresso: comboio «Terra» de 14/4

— Aloj. em Hotéis centrais de 1.ª e 2.ª; assistência e transporte das estações de Madrid para os Hotéis e vice-versa; e passeio à neve: Navacerrada (Serra do Guadarrama).

Preços desde: 1.750\$00 (LISBOA) e 1.900\$00 (PORTO)

● BRAGA — BOM JESUS E RIBEIRA LIMA

ABRIL: 12, 13 e 14

— Aloj. em magníficos hotéis de 4 estrelas (PINHAL — OFIR E VIANA DO CASTELO), procissão, na noite de 6.ª-feira de Paixão, e Braga: passeios através da bela região de Ribeira Lima; e grande noite minhota com ceia em quinta dos arredores de Viana.

LISBOA	COIMBRA	PORTO
1.350\$00	1.160\$00	1.420\$00

● PÁSCOA NO ALGARVE

Comboio Sotaventos

ABRIL: 12, 13 e 14

— Aloj. e festa (bailes e variedades) em excelente Hotel de Quarteira, e passeios a algumas das mais famosas praias algarvias.

LISBOA	COIMBRA	PORTO
1.200\$00	1.350\$00	1.450\$00

● URGEIRICA E PAISAGENS DE LORIGA

ABRIL: 13 e 14

— Aloj. na Urgeirica (Hotel 1.ª); passeios a Viseu e miradouros de Loriga (panorâmicas verdadeiramente deslumbrantes); e almoço de Páscoa em restaurante típico.

LISBOA	EVORA - BEJA	PORTO
830\$00	970\$00	780\$00

● PÁSCOA NA SERRA DA ESTRELA

Penhas da Saúde — Torre — Penhas Douradas

ABRIL: 13 e 14

— Aloj. na Guarda (Hotel 1.ª); e passeio à neve: aos pontos mais belos da Serra.

LISBOA	EVORA - BEJA	PORTO
850\$00	970\$00	800\$00

PROGRAMAS E INFORMAÇÕES:

LISBOA — Estações de Lisboa-Rossio e St.ª Apolónia
— EGT — Rua do Arsenal, 124
PORTO — Estação de Porto — S. Bento

Reservas rápidas — LISBOA T. 36 75 29
— PORTO T. 570 61
OU NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

Mano Luso Soares

LUCRO LÍRICO

Torquato da Luz

ciencialização: — «Digo que tenho medo / e no entanto sigo. / Dentro de mim acusador um dedo / põe-me em guerra comigo».

Se me não engano — e insisto neste particular, que parece típico na poesia do autor de *Lucro Lírico* (lucro que constitui o saldo de um humanismo procurando recuperar-se para lá das suas próprias fraquezas) — em muitos outros momentos ele revela ainda o sentido crítico, logo social por excelência, dos seus nomes.

No seu poema de págs 16 diz assim o poeta: — «Pergunto. Apenas perguntando / me conheço». Mais adiante: — «Pergunto. Faço da vida / uma interrogação». E depois remata nesse «Relatório e Contas» de págs 18, onde se dá azo àquele mesma ideia de *saldo* que há pouco acabei de identificar, onde enfim se acentua que tal saldo representa precisamente a consciência de ser homem e de viver subvertente e vivo: — «O deve e o haver / o saldo positivo / mas sobretudo o dever / que um homem tem de estar vivo». Isto para não falar já do «Auto-retrato» de págs. 19, onde aflora ainda a mesma ideia, sempre persistente, de um resultado aproveitável solucionado entre a fragilidade do ser e a fortaleza potencial do dever-ser, a forma de um devir: — «Reserva frágil de emoção / um forno em que se coze /

a sede incontrolável que me impõe / que vive e ouse».

Poemas como estes são mais significativos de uma linha diferencial do lirismo em Torquato da Luz do que aqueles outros (não discuto se bellos ou não, já me recuso a julgá-los pela emoção que me causam) tais como «Cidade» e os das séries «Cantar-te» e «Raízes». E, no entanto, sempre me atreverei a notar neles uma fusão de elementos objectivos (exteriores ao poeta) na sua subjectividade, os quais nos ajudam a compreender a complexidade da sua inquietação. Ou a entender também o afã da sua busca humana, tão eloquente no último poema deste *Lucro Lírico*, aquele que nos assegura que a mensagem deste poeta é ao mesmo tempo, formal e substancialmente, o novo: — «Olho em redor e todos estão longe / os vultos diluídos da paisagem / e eu que sempre busquei o que me foge / estou sempre no princípio da viagem».

Nesta última observação permito-me encontrar algo do que, se bem parece, mais acentuadamente caracteriza (mais especificamente define) este livro. Vejamos o que quero dizer com isto.

Contra a regra «clássica», também referida por Staiger em *Conceitos Fundamentais da Poética* (tradução brasileira de Celeste Aida Galeão), de que

para o poeta lírico não existe uma substância, mas apenas acidentes ou nada que perdue, apenas enfim coisas passageiras, Torquato da Luz realiza um exemplo de como o «isolamento lírico», a literatura na primeira pessoa, não representa necessariamente um puro evasão. Só por uma abstracção de todo irrealista é possível conceber um poeta tão desinteressado do mundo social que dele só resta um fantasma de emoções despegadas, misteriosamente despegadas.

O isolamento revela-se hoje mais aparente do que real. O poeta — mesmo o poeta lírico — não pode fugir a se mostrar típico em circunstâncias típicas. Daí se implica que aquilo a que ainda poderíamos chamar agora «isolamento lírico», logra antes significar ou equivaler um processo crítico, consciencial. E pode realizar, ao fim e ao cabo, a problematização mais ou menos transfigurada, segundo as virtualidades criadoras do poeta, de uma socialidade vigente. Foi Adorno quem, nas suas *Notas de Literatura — I (Lírica e Sociedade)*, de 1957, notaria muito certo que, precisamente o que não é social no autêntico poeta lírico do nosso tempo, «tem (precisamente) de ser seu elemento social».

F. L. S.

Tropicos PLEXO



romântico que, quando abandonada pelo Imperador (no filme interpretado pelo chefe do clã, o avô), procura a morte.

24.1, 2: *China aberta*. Devo ser eu o último a escrever sobre a peça de Dorst no Instituto Alemão, apresentada pelos Bonecreiros; e os últimos nem sempre são os primeiros. Bom. Vi o espectáculo no penúltimo dia «de representação, esperando poder revê-lo, e talvez corrigir algumas ideias, num dia próximo, fora do Instituto, à prova de outro público.

A peça: Dorst, trazido para Portugal, primeiro pela mão de Orlando Vitorino, depois pelo Grupo 4 (a peça «A Curva»), fez, com essa «Grande Imprecação» diante das Muralhas da Cidade, um *exercício pungente*. Palavras, de certo modo, em contradição? Sim. Naquela, exactamente, se abre, no entanto, o espaço original da peça. Como *exercício-ensaio*, o texto é ideologicamente aberto, ou, se se quiser, de um certo ponto de vista, «ideologicamente confuso» (Comércio do Funchal). Telegraficamente dito: a ideologia, sendo um sistema de ideias e de juízos, não é abstracta, ao referir-se a dados individuais e colectivos; tem por base certos valores que quer «simbolizar», determinando um conjunto de crenças valorativas e míticas; implica juízo de realidade e juízos de valor: julga a realidade descrevendo-a: explica a realida-

de, julgando-a. Tudo isto a Dorst interessa, mas a situação descrita na peça, apenas proposta e apontada ideologicamente, o autor não organizou nem orientou. Daí eu considerar a peça ideologicamente aberta.

A sua *pungência* vem exactamente do facto de o binómio autor-texto não se poder situar ideologicamente, querendo. Querendo sim, mas ainda mais desejando continuar a pesquisa irrequieta. Ainda por cima, com a muralha — ou o muro — de permeio, com as conotações particulares ao mundo germânico, não surpreende, embora possa doer, que a peça esteja proibida na Alemanha Oriental.

O espectáculo: limpo, correcto, cuja grande e sincera aceitação mas igualmente a possível fragilidade têm a mesma origem: a correcção. A correcção como é tratado todo o espectáculo, de simbolismo abstracto, por vezes encoberto pelo pacifismo que, aliás, não corresponde ao verdadeiro teor da peça (só a situação única diante do muro poderia ser considerada pacifista, pois os homens do texto preferem a fuga para a farda, para o muro); ainda correctamente são utilizados os valores já conquistados, sem aprofundar, porém, os vários tempos da peça nem as situações teatralmente perfeitíssimas, quando, por exemplo, os guardas en-

tram, rapidamente demais e sem implicações pessoais (como o psicodrama exige), no jogo. A música — as cortinas sonoras entre as sequências, no princípio — infelizmente destrói o silêncio do espaço criado, que acho perfeito, à parte os incompreensíveis cabides.

Interpretação menos homogênea, mas talvez com menos possibilidades devido ao hieratismo da marcação, algo ortodoxa, relativamente à Moscheta, que me encheu os sentidos e a inteligência (vidé 3,4). Fernanda Alves, belíssima actriz, de recursos raríssimos porque utilizados com o controlo e lúcida consciência, dramatizou (ler: exteriorizou, declamou) demais o papel no espectáculo que vi, sendo, no entanto, sempre um grande prazer vê-la, observar os seus braços, o porte, as passagens subtis a bruscas de um estado a outro. Vicente Galfo pareceu-me mais perto da minha visão da peça, aliás no ponto mais alto, até agora, da sua carreira, ao garantir à sua grande sensibilidade a técnica que assegura a emissão-recepção sem grandes perdas energéticas.

Quantas pessoas viram este espectáculo difícil? Milhares. O saldo positivo salta à vista. Milhares ganhos para o teatro moderno; os que se arriscam de novo amanhã, mesmo se alguns deles se enganaram um pouco sobre o teor de «A Grande Imprecação». Ou sou talvez eu que estou enganado? Eis a dúvida metodológica, a minha sombra chinesa, que me acompanha.

24.1, 3: *Contos fechados*. Leitor ocasional dos contos de Maria Ondina (Braga), publicados aqui e ali nos periódicos, desta vez li um livro seu, que é mais do que uma recolha, antes uma composição à base de pequenas prosas: falo da segunda edição de «A China fica ao lado». Além da simplicidade que não exclui um encanto «sui generis», como se a areia que era a nossa passar pelos dedos que ainda são nossos, além da disciplina da narradora, embora nem sempre conjugada com a necessária rapidez sintática e o temperamento de visão (o Oriente não permitirá rapidez e mudanças rítmicas?, mais um preconceito?), encontrei outros elementos específicos. As prosas têm geralmente um herói carregado de uma potencialidade — sem finalidade nítida. O herói, está só, separado da sociedade, sem poder dar provas públicas, então sem «qualidades», neutro contido, apenas estando; é então focado em três movimentos consecutivos, em três imagens: no princípio é visto de longe, no plano conjunto-vazio, depois aproximamo-nos do mais íntimo, no fim a imagem dissolve-se, desfocando. São três momentos, utilizados no livro com raras variantes, três momentos mas um método, mais, uma filosofia do conhecimento: através da solidão, o homem, quanto mais só, mais é ele-próprio mas sempre, no fim de contas, desconhecido e de traços que se apagam; retratos portanto imperfeitos e em breve esquecidos, a areia de ontem a passar pelos dedos de hoje.

24.2 — (*L'arroseur arrosé*): De acordo com Jacinto Ramos na sua causa, quando defende a encenação de «Alberque Nocturno», de sua autoria, não a podendo controlar. Há até gente que se apropria das encenações dos outros, porque «a encenação não tem direitos de autor», Jacinto Ramos dixit.



Folhetim-artístico

de José-Augusto França

OS ARTISTAS PLÁSTICOS E O CÓDIGO DO DIREITO DE AUTOR

A Associação Portuguesa de Escritores acaba de publicar a carta-exposição dirigida em 10 de Janeiro último ao Procurador-relator do projecto do novo Código do Direito de Autor, como contribuição para a elaboração de tal diploma que, por enquanto, é o projecto do Decreto-Lei n.º 14/X.

Não cabe neste folhetim abordar a discussão dos vários artigos que se observam na carta-exposição mas tão-somente

a daqueles que dizem respeito aos «artistas plásticos» sujeitos ao mesmo código projectado, que são os n.ºs 48 e 56.

Ocupou-se a A.P.E. deste domínio, em princípio alheio à sua função, à falta de uma Associação Portuguesa de Artistas Plásticos, que, aliás, ela preconiza — e que, talvez, na Sociedade Nacional de Belas-Artes tivesse ou pudesse ter existência legal e lógica. Não consta que a S.N.B.A., por seu lado, se tivesse ocupado do problema ou colaborado com a A.P.E. na elaboração da carta-exposição. Agradeçam portanto os «artistas plásticos» aos seus camaradas escritores

DEFINITIVAMENTE
SACOR
molygrafite

você já o conhece...



o único
com resultados sensacionais
oficialmente comprovados
nos três mais rigorosos testes
a que até hoje
um óleo foi submetido

não hesite !

SACOR
molygrafite

DEFINITIVAMENTE

o terem pensado, e bem pertinentemente, no seu caso.

Este folhetim servirá, creio eu, para chamar para ele a atenção dos próprios artistas.

Ora aconteceu que do projecto de lei em questão foi retirada uma secção do código em vigor, datado de 1966 (Artigos n.ºs 58, 59 e 60) em que se tratava do direito de Retirada e do Direito de Sequência. Assim os dois últimos artigos foram substituídos pelos n.ºs 48 e 56 que prejudicam os artistas em relação aos direitos que lhes eram anteriormente concedidos, sobre uma participação na mais-valia, ou seja nos lucros que vendas sucessivas e especulativas das suas obras venham a proporcionar aos seus clientes. Que isso suceda no momento em que, por razões de conjuntura, se realizam consideráveis empregos de capital em obras de arte, não pode deixar de se considerar estranho.

Na realidade, no projecto em questão passa-se a proteger os compradores, raramente merecedores do nome honroso de coleccionadores — e geralmente colocados numa posição de capitalizadores ou de especuladores na alta destas novas acções de bolsa. E protegendo estes, são prejudicados os «artistas plásticos» por via de consequência. Porque assim se pretende fazer, é uma interrogação que fica em suspenso — mesmo que não queiramos pôr suspeita nas razões do legislador.

Mas vejamos como se processam as coisas: no código em vigor o artista tem direito a 10 por cento do lucro do possuidor da obra, se este a vender até ao limite de 100 contos; a 20 por cento para além deste limite (assim ALMADA Negreiros recebeu 260 contos na famosa venda do seu retrato de Fernando Pessoa, no restaurante do Irmãos Unidos, em 1970).

O código projectado pretende que o artista receba apenas 5 por cento do lucro, seja qual for o valor da obra — e só receberá se esta tiver, pelo menos, duplicado de preço. Em exemplos concretos: o pintor X vende um quadro ao comprador Y por 50 contos; este, ou algum herdeiro seu, revende-o por 80 contos: Protegido pelo código actual, o artista tem direito a 10 por cento sobre 30 contos, ou seja 3 contos; desprotegido pelo código planeado, não tem direito a nada. Se o dito quadro for vendido por 150 contos, na primeira hipótese o artista receberá 20 contos (tendo o proprietário lucrado 100); na segunda hipótese apenas receberá 5 contos. (Almada Negreiros, no caso acima referido teria recebido somente 65 contos; e o proprietário ganharia mais 195...)

Mas falta considerar, na discussão da lei, os valores de herança, nos inventários para partilhas, por exemplo — pois ali também intervem mais-valias, passíveis de indemnização aos artistas. E também falta considerar que, não sendo pública a venda, os recibos entre particulares serão de mui discutível fiabilidade...

A tabela que a A.P.E. propõe, de tipo proporcional, parece acertada para imprimir alguma moralidade ao mercado «selvagem» que se criou em Portugal, no santo empirismo e na santa esperteza em que tão bem nos movemos...

Mas a A.P.E. juntou à sua carta-exposição um documento também publicado, que importa analisar. Trata-se de um projecto de contrato de venda inicial de uma obra de arte proposto pela revista «Art International», publicada na Suíça e de obediência americana — que é aliás a melhor revista de arte contemporânea que existe actualmente.

A ideia básica deste contrato é seguir o itinerário da obra, desde o momento da sua saída do atelier do autor. Assim, para todos os efeitos, se saberá sempre onde ela pára e, de transacção em transacção, o autor irá recebendo participações nas mais-valias eventuais. Assim se satisfazem fins culturais e económicos.

É claro que, na prática, alguns problemas se levantam, ao nível dos registos que os artistas teriam de ter, e da sua contabilização. Para isso tornar-se-iam necessários empresários, sociedades ou associações de gerência que tomassem conta desses dados incessantes, registados em arquivos em dia. O circuito complica-se assim com a intervenção burocratizada de agentes diversos: por um lado é um mal, mas por outro é a única forma de disciplinar o próprio circuito, de crescente complexidade.

Os direitos dos autores implicam também a reprodução das suas obras ou a participação delas em exposições — o que se tornará impossível sem prévia autorização e consequentes interesses. E também aqui alguns problemas serão postos, de ordem prática, que não deixarão de prejudicar a informação artística, com fatal diminuição de realização de exposições colectivas, e com diminuição, também, de reproduções em revistas. Porque há o reverso do problema (que aliás, «Art International» deve conhecer) e que consiste não no pagamento de direitos por reproduzir obras nas revistas, mas no recebimento de certas importâncias para que a reprodução saia... Trata-se de uma prática corrente, atendendo a que as publicações de arte, na sua quase totalidade, dependem do mercado — e das suas funções de compra-e-venda ou de financiamento. Raríssimas são, no mundo, as revistas de arte que não publicam anúncios, e algumas há em que o volume das páginas de anúncios ultrapassa a das páginas de texto — as quais, muitas vezes, dependem da publicidade, por contingência e oportunidade. Por todo o mundo, também, a atenção prestada às exposições comerciais das galerias, hoje em dia, significa isso mesmo, principalmente...

Se o projecto da «Art International» é utópico, ele não deixa de ter sugestões úteis, em pormenor, e, no total, propor um princípio de moralização que deve pretender-se nas relações entre os artistas e os coleccionadores — mesmo que estes o não sejam com a necessidade e a honestidade cultural desejável.

...Resta um detalhe ou uma eventualidade, e abordo-a agora, para descanso do leitor que pode e deve perguntar-se que acontecerá no caso de, em vez de aumentar de preço, a obra diminuir dele. Será então o artista obrigado a indemnizar o comprador? Não — e por duas razões que entram no jogo desta especulação «soi-disant» de arte. O comprador, em caso de benefício, tem sempre a parte de leão; e em caso de prejuízo, ninguém o mandou ser parvo, e comprar o que não devia!

Porque (moralidade da história e justificação do folhetim) a boa, sensível, inteligente, cultivada escolha de uma obra de arte nunca prejudicou ninguém...

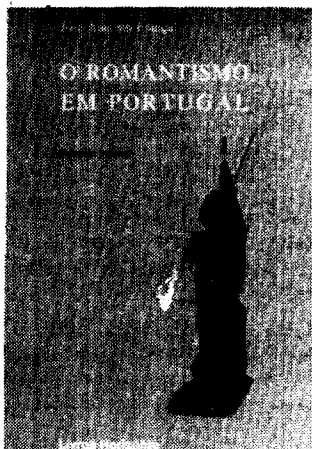


Movimento editorial

Ensaio

Com a publicação do I Volume de «O romantismo em Portugal», de José Augusto França, os livros Horizonte iniciaram a publicação dos seis volumes desta obra que foi a tese de doutoramento do autor na Sorbonne e cujo lançamento, em França, se prevê para Outubro (Editions Klincksieck, Paris). A versão portuguesa, revista pelo autor, é de Francisco Bronze. Prevê-se que venha a sair um volume por mês.

Em edição da empresa do



temas do Portugal de hoje

Editoriais e
Pontos de Vista do
Jornal do Comércio

1972 - 1973

Jornal do Comércio, acaba de vir a público um volume contendo uma colectânea de edito-

riais e de artigos publicados nesse jornal, com o título de «Temas de Portugal de Hoje».

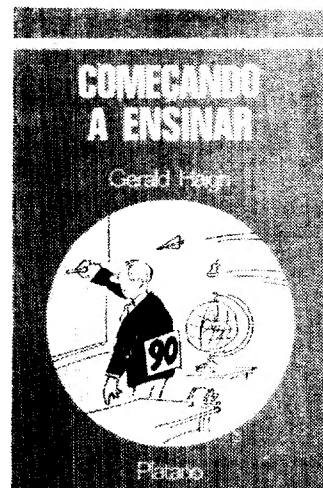
Pedagogia

As duas últimas obras editadas sobre assuntos de educação — assuntos que atraem, cada vez mais, as atenções das nossas editoriais — são «Começando a ensinar», de Gerald Haigh e «Ensino de Adultos», de Jennifer Rogers, respectivamente da Plátano e do Pórtico.

ENSINO DE ADULTOS

Plátano

FORMAÇÃO HUMANA



Crónica e Viagens

A Europa-América acaba de lançar «Sobreviver», de Dougal Robertson, um «best-seller» do género, que interessará a quantos gostam do mar e das aventuras marítimas. Editado pela primeira vez em Inglaterra com o título de «Survive the savage sea», esta crónica não romanceada foi traduzida para português por Hermano Neves.



Teatro

Editada pela primeira vez em 1960, a peça de Romeu Correia «Os vagabundos das mãos de ouro» a que foi atribuído o prémio da crítica referente a 1962, acaba de ser reeditada pela parceria António Maria Pereira. Trata-se da terceira edição desta peça.



Técnica

Aumenta o interesse pelo jornalismo — depois de «O Poder da Informação» de Servan Schreiber, a Europa-América lança um novo livro sobre o assunto, este de carácter simultaneamente técnico e divulgador. Trata-se de «O Jornalismo» de Philippe Gaillard. O volume faz parte da colecção Saber dessa editorial.



ANETA CANDEEIROS SUECOS

EM EXPOSIÇÃO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

EMELLI

RUA DE S. JUSIA,
97 - 99

TEL. 32 72 10 - LISBOA

ALGARVE

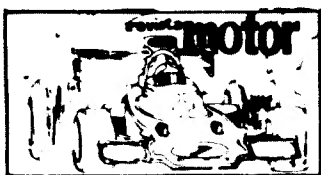
Mobiliário — Tecidos — Reposteiros
Algumas razões para nos visitar

- Modelos estudados para o ambiente Algarvio
- Tecidos cuidadosamente escolhidos
- Confecção de cortinados impecável
- Boa e experimentada assistência técnica
- Estudos completos do recheio e decoração sem qualquer encargo
- Orçamentos com chave na mão

CONFORTALIS — Mobiliário — Tecidos —
Decoração de Interiores

Rua do Comércio, 39 - Portimão - Tel. 24200

MÚSICA
AMBIENTE
NO SEU
Estabelecimento
INSTALAÇÕES:
ESTEREOFÓNICAS
QUADRIFÓNICAS
ORÇAMENTOS GRATIS
AUDITÓRIO
VIVALDI
Av. João Crisóstomo,
91-A
Tel. 53 42 08

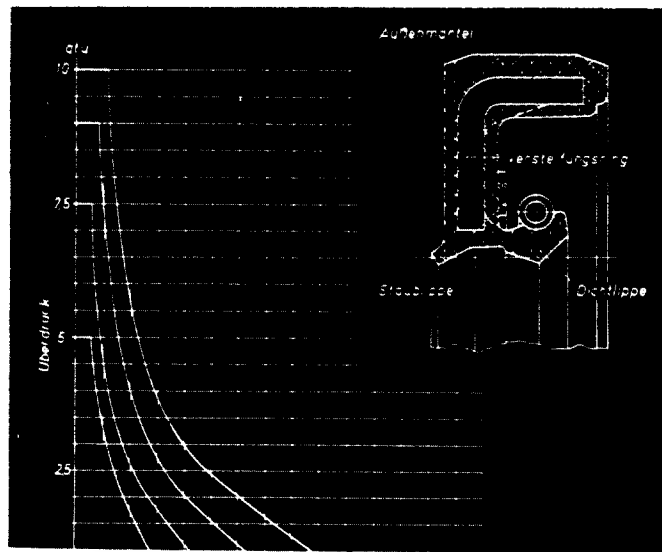


PARA VEIOS
ROTATIVOS
SOB PRESSÃO

SIMMERRING®

UM NOVO
VEDANTE RADIAL
TIPO BABSL

Especialmente
indicado para
• bombas
hidráulicas
• bombas de óleo
(temperaturas
elevadas)
• motores,



FAG PORTUGUESA, LDA.

PORTO · COIMBRA · LISBOA

de engrenagens
e muitas outras
aplicações.

Para informações técnicas sobre o novo vedante radial
tipo BABSL

Nome.....

Morada.....



Corte e cole num postal endereçado a:

SIMRIT

DE FRANÇA

Alcides de Campos

FRANÇOISE GIROUD E AS SUAS LUTAS

Si je mens... 1.º volume da coleção dirigida por Claude Glayman nas Editions Stock, de Paris, é um dos mais vivos e interessantes que, no género, nos tem sido dado ler. Em primeiro lugar pelo talento da sua autora, Françoise Giroud, que maneja a palavra com amor e talento e sabe ser cínica, irónica, sutil e mordaz segundo as circunstâncias. Em segundo lugar pelos acontecimentos e os homens relatados durante 275 páginas que «cobrem» quarenta anos de vida profissional, ou de vida «tout court»: membro activo da Resistência durante os anos sombrios da ocupação alemã, presa em 1943 e libertada pouco depois do desembarque dos aliados na costa normanda (e um mês antes da libertação de Paris), em Julho de 1944, Françoise Giroud perdeu um filho ainda criança nesta «guerra secreta» contra a Gestapo quando esta dinamitou a casa de sua irmã, onde a criança se encontrava. Antes, entre 1933 e 1940, trabalhara como «script-girl» com os realizadores Marc Allégret e Jean Renoir e terminada a guerra como diálogista de Jacques Becker. A partir de 1945, e até à fundação de L'Express, em 1953, Françoise Giroud dirige, conjuntamente com a sua fundadora, Hélène Lazareff, a revista Elle, onde aprendeu, confessa, todos os segredos da fabricação de um jornal.

Para quem conhece Françoise Giroud (ou alguma vez teve ocasião de lhe falar e de cair sob o charme do seu sorriso franco e imenso, cuja transparência seduz e desarma ao mesmo tempo, mas sobretudo para quem a lê, Françoise Giroud é a encarnação feminina da coragem, tenacidade, espírito de iniciativa e talento que todos, por ou contra, são bem obrigados de lhe reconhecer. Sensível, arguta, dotada de um estilo e de um temperamento que fizeram a sua reputação como a maior (melhor) jornalista francesa da sua geração, Françoise Giroud é talvez o mais vigoroso porta-bandeira da emancipação da mulher. Disso testemunham a vida e as suas palavras, a propósito precisamente da sua vocação jornalística e das responsabilidades que assume na direcção de um semanário que emprega mais de quinhentas pessoas.

Françoise Giroud tem-se mostrado não só capaz mas

eficaz. L'Express não cessa de crescer de importância. E os grandes «tubarões» mais de uma vez tentaram, através de manobras «nauseabundas», como ela declara no seu livro, dispor do controlo de um órgão de Informação que os preocupava e incomoda. Desta luta desigual, como da luta pela sobrevivência durante a guerra da Argélia e, em 1962, pela renovação, testemunham as suas rugas. «Tout le monde porte sa vie sur son visage», escreve a autora de Si je mens... acrescentando: «Moi, je porte de surcroît la vie d'un journal». A vida de um jornal e mil episódios pitorescos dessa existência e da existência de homens, colaboradores ou não do L'Express, que têm por nome Gide, Saint-Exupéry, Roger Vailland, François Mauriac, Albert Camus. Camus fechava-se num mutismo neutro, recusando profundamente mas recusando-se a tomar posição na guerra fratricida, François Mauriac desce trezentos metros sobre os Campos Elíseos para confiar ao Figaro o seu Bloc-notes, por amor de De Gaulle, instalando a dois passos do Rond-Point... As ameaças de morte, as bombas que rebentavam todas as noites nos patamares, nas livrarias, nos depósitos de jornais, o couvre-feu, les ratonnades, a perspectiva de um acordar em sobressalto, com o céu de Paris coalhado de pára-quedistas, o «show» Lagallarde e a soberba (soberana) frase de De Gaulle: «Dans la Vème République, il n'y a pas de 6 février. M. Lagallarde, comme M. Pinay, s'est trompé de République». Oito anos na nossa vida, prossegue Françoise Giroud, «que farão vinte linhas nos manuais de história de amanhã». Com uma só para De Gaulle: «A sauvé l'honneur de la France le 18 Juin 1940».

Para quem, como nós, viveu parte desta época em Paris, os pontos de contacto são perceptíveis: vivos na memória da cronista de Si je mens... como na nossa, em dias de desassossego, noites de sobressaltos, com a livraria Maspero a estalar sob a força brutal do plástico terrorista ou os homens a cair, mortos e feridos, na estação do metro Charonne... Os conciliábulos nos cafés e nos restaurantes árabes, as rusgas e os assassinatos, as represálias...

Tudo coisas vividas intensamente pela jornalista, que afirma com rara dignidade: «J'aime mieux comprendre que juger». Ela que viveu então, pela segunda vez, na clandestinidade: cabelos longos e pistola no bolso... Ela que crê, como Rosa Luxemburg, «que la liberté c'est toujours la liberté de celui qui pense autrement». E que vai ganhando as suas difíceis etapas na vida à custa de tenacidade e de uma ética profissional bem patente nesta crónica que é a sua e a de seu tempo; a Frente Popular e a Ocupação, a guerra fria e a guerra da Indochina, a guerra da Argélia em Maio de 68.

«Quand j'ai planté mes dents, je n'ai lâché pas», declara Françoise Giroud. A sua vi-

da atesta a tenacidade que a expressão encerra. A sua vida e a do semanário a que já deu vinte anos de labor e de devoção, dos quais quinze sob a «monarchie tempérée», que é o gaullismo... presente no volume que as edições Robert Laffont acabam de publicar com o título de Une poignée d'eau: recolha de 232 dos seus famosos (e acerados) editoriais, ou seja cerca de quatro anos de análise da actualidade francesa e internacional.

Dois livros indispensáveis a quem se interessa pelas coisas do nosso tempo e delas procura a autenticidade e a objectividade de uma observadora atenta e talentosa que se impõe uma e outra como filosofia numa profissão em que as ciladas espreitam a cada canto das páginas...

TRÊS POEMAS DE EGITO GONÇALVES

Que longo olhar perdi, em que momento aconteceu, no meio de indiferentes coisas, gestos — se existiu —, liberto sem sequer o sabermos. Olhar que veio a ser canção, nudez, levedou em silêncio vacilante, ao lado de lágrimas, crescendo até à sede, dia em gestação, dia claro, corpo em desafio, luz na terra que agora nos acolhe — principiou nesse olhar esquecido, sopro algumas vezes moribundo, um veio aberto na espuma, porta que se abre para a alma da casa, a sofreguidão dessa terra animada que, movendo-se, me trespassa, boca que me sorve, me revive, torna-me espaço privativo, palma da mão aberta para dar, receber

As tuas mãos ainda não falavam.

Os olhos moviam-se, luz à flor da água no espaço que detinham. A aresta do tempo parecia firme, pétrea, os gestos esperavam, a sombra sobre as zínias.

As tuas mãos ainda não falavam. Escreviam cartas com nuvens entrevistas, drenavam no meu rumo as escórias do passado: sons dispersos no enxôfre.

Quebrava na muralha no morrer de Outubro. Vinha até à praia ferida pelas linhas onde os sargos prendiam. Ailhargia abria lâminas que avançavam entre rochas e areia, detritos esquecidos, até à pele abrigada na falésia, promontório de terra violeta, ígnea, onde os ventos desenhavam no correr dos meses, batendo os canaviais a que o sol se opõe. Podem em tal água, aqui, os sargos sondar o insondável?

EGITO GONÇALVES

PAYSAGE DE FANTASIE de Tony Duvert Prémio Médicis 1973

Considerado desde sempre como o júri mais exigente e fiel aos seus estatutos, os membros da «academia» Médicis provaram, uma vez mais, que a reputação que grangearam continua a ser digna das suas esclarecidas, e algumas vezes ousadas, tomadas de posição. Com a atribuição do Médicis estrangeiro a Milan Kundera e a consagração do quinto livro do jovem Tony Duvert, o júri do Prémio Médicis satifez, poderíamos dizer, a expectativa geral da crítica, escandalizando embora um pequeno núcleo «reaccionário a pequeno-burguês» cuja estreiteza de vistas (e de espírito) é conhecida e reconhecida de há muito a esta parte. Assim, e no mesmo dia, para não dizer na mesma hora, os serviços de informação desfecharam dois arpões: um de cobre, anunciando a «vitória» in-extremis de Michel Dard (Prémio Fémina) sobre Natacha Michel, e outro de aço percutante e de garra dupla (os já citados Tony Duvert e Milan Kundera). Da consternação passou-se à satisfação, do balde de água fria ao banho turco, apesar da contradição que suscita a relação entre os temas e os laureados (Cf. Martigo sobre o Prémio Fémina).

Paysage de Fantaisie (1), de Tony Duvert, é uma quase-revolução no mundo das letras. Pela sua forma e pelo seu conteúdo, uma ou outra impregnados de uma ousadia juvenil que se revela plenamente amadurecida nesta obra a que poderíamos classificar de «simplesmente subversiva». Literariamente falando, evidentemente. Até porque doutro modo o não poderíamos afirmar aqui...

Paysage de fantaisie é um exercício de estilo e de libertação da palavra. E, por consequência, do pensamento. Do pensamento lúcido. Da inteligência do pensamento. De um pensamento esclarecido e, por isso mesmo, percutante. Esurpreendente. No bom sentido da palavra e na sua mais surpreendente repercussão. Quanto mais não seja pela qualidade da palavra que, na forma de expressão particular de Tony Duvert, assume a forma, o perfume e o sabor de um fruto que nos apetece morder mas que um desejo íntimo de prolongar o prazer do contacto com a sua pele e o seu odor subtil nos impede de consumir antes de nos regalarmos o olfacto e a pele que estas palavras-frutos parecem acariciar como uma mão nova, ardente, meiga e original, apesar de uma certa aspereza que, de contraditória na sua aparência, contribui à sua singularidade digamos a uma originalidade em que a noção do tempo romanesco é a mais relevante transformação operada por Tony Duvert na literatura contemporânea de um novíssimo-novo-romance.

Os temas de Tony Duvert são, de um modo geral, escabrosos. Em Recidive e no Portrait d'homme couteau, em Interdit de séjour e no Voyageur (2), o tema dominante é a sexualidade, o crime e o sangue. Uma certa perversão dos sentidos através do encontro (ou simplesmente da descoberta) de dois ou mais corpos. De fisiologia (biologia) idêntica ou oposta. Das mais diferentes (e distantes) idades. Sob a mesma e constante dominante: uma certa divagação da palavra que deixa as frases suspensas a meio de uma ideia definitivamente virilizada; uma prosa crua, áspera, implacável. Com reminiscências de Henri Michaux (o sonho, a palavra feita pensamento, numa transformação radical de causa a efeito) e de Samuel Beckett (o artifício do bizarro, a evolução de uma situação à primeira vista anquilosada e sem progressão possível).

Em Paysage de fantaisie, aviolência, aobscenidade e o humor entrelaçam-se com rara felicidade, inspirando «uma repugnância legítima», como afirma o seu autor. As personagens do livro são todas crianças, «isto é, um adulto moribundo, uma vez que a infância não existe». Porque a criança e a escrita se servem de um imaginário idêntico. Como uma ficção (perversão) em que todo o objecto de desejo é igualmente matéria de trabalho da memória e da escrita.

Genário de Paysage de fantaisie: um orfanato-lupano. Evocações obsessivas. Obsessões predilectas, repetidas. Frases esfarrapadas, perversas, suspensas... Como numa estranha (e original) aventura física da palavra.

1 e 2 Editions de Minuit, Paris.

Até para o Japão os contentores viajam de comboio.

GABINETE DO TRAFEGO DE CONTENTORES
R. Vitor Cordão 45 Lisboa 2
Telf. 36 72 26/36/37
Estação de S. Bento Porto
Telf. 22 755



Caminhos de Ferro Portugueses